

Boletim da Comissão Catarinense de

# Folclore

1



2001

**EDIÇÃO PATROCINADA PELO  
GOVERNO DO ESTADO**

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask exvhanger  
Sirichiede lo scambio  
On demande l'échange  
Man bitet um Austansech  
Oni petas intersangon

**Comissão do Boletim**

Edição e Direção:

Doralécio Soares  
*Presidente*

Nereu do Vale Pereira  
*Vice-Presidente*

Endereço para correspondência:  
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar  
88020-150 - Florianópolis - SC



Boletim da Comissão Catarinense de  
**Folclore**



Nossa Capa

Grupo de Bois-de-Mamão: Filhos da Terra-Barra do Aririú-Palhoça



Apresentação na Praça da Alfandega

# III ENCONTRO DAS NAÇÕES

BRASIL DE TODOS OS TONS

22 a 26 de agosto de 2001

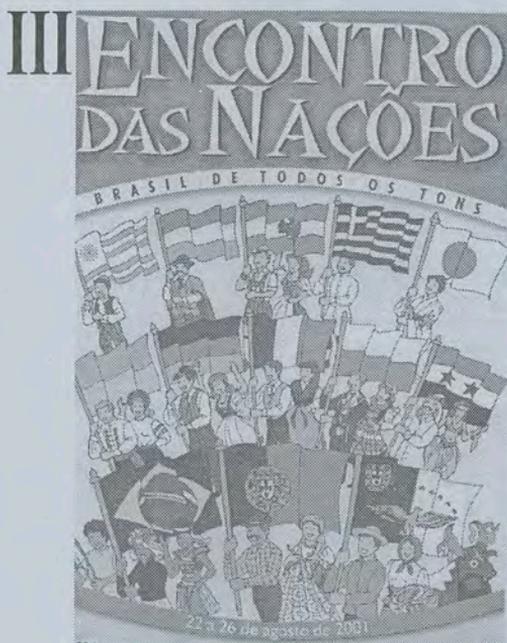
Florianópolis, prazerosamente, mais uma vez realiza o Encontro das Nações, uma festa que reúne representantes das principais etnias que habitam nosso Estado

desde o início da colonização. Aqui veremos expressões de culturas que deixaram marcas indelévels de sua criatividade e do seu labor, seja nas artes, no folclore, na culinária e até na nossa economia.

Esse conjunto de raças, forte e trabalhador, disseminou-se, mesclou-se entre si e com os povoadores originais, formando um múltiplo painel étnico e cultural, mas que conserva as cores e os sotaques de suas origens.

E, porque tantas coisas boas e valiosas a esses bravos imigrantes e seus descendentes, Florianópolis e seu povo sentem muito orgulho e prazer em acolher, novamente, pessoas, tradições e culturas que vão fazer um verdadeiro Encontro das Nações nas ruas de nossa cidade.

Ângela Regina Heinzen Amin  
Helou  
Prefeita Municipal de  
Florianópolis



deixada pelos colonizadores, ao lado das culturas indígena e afro, conferiram à Santa Catarina uma identidade fundamentada na diversidade.

Tais raízes formaram o mais valioso patrimônio vivo da população brasileira: sua cidadania. Florianópolis, que acolheu viajantes, bandeirantes, desbravadores e migrantes, retrata este perfil cultural singular.

Sejam todos bem-vindos ao III Encontro das Nações. Que os tons do povo brasileiro compartilhem a sua pluralidade cultural na dança, na música, na arte, no artesanato e na gastronomia.

Florianópolis os recebe num grande abraço de confraternização e reverência às tradições e à rica cultura popular com o aplauso de sua gente.

Lélia Pereira da Silva Nunes  
Superintendente da Fundação Franklin Cascaes

## EDITORIAL

É com certo destaque que a Comissão Catarinense de Folclore registra no seu Boletim nº 53 as suas atividades no decorrer do ano 2001.

Após ter atuado como presidente da mesma no 3º Seminário Nacional de Ações Integradas, realizado no Espírito Santo, nos deslocamos para Porto Alegre, onde participamos do IX Congresso Brasileiro de Folclore, ocorrido no mês de setembro, tendo atuado na mesa-redonda de “Promoção do Folclore na Escola”.

No IX Congresso de Porto Alegre, houve uma substancial mudança administrativa na Comissão Nacional, quando foi eleito e empossado o companheiro Roberto Benjamin, presidente da Comissão Pernambucana, como presidente da Comissão Nacional de Folclore, sucedendo Bráulio do Nascimento, ex-presidente, que foi eleito por aclamação Presidente de Honra.

**IV Seminário Nacional de Ações Integradas**, na cidade de Natal, de 28 a 31 de agosto de 2001. Este Seminário, realizado em Natal – Rio Grande do Norte, teve a coordenação executiva da Comissão Riograndense de Folclore, sob o patrocínio do Governo do Estado, Prefeitura de Natal e outras instituições. O evento versou sobre Folclore, Educação e Turismo, com representantes da maioria das Comissões Estaduais, o Conselho e Diretoria da Comissão Nacional.

O Seminário atingiu todas as finalidades para o qual foi convocado, tendo havido cursos sobre temas diversos, destinados a professores e técnicos indicados pelos órgãos patrocinadores. Foi realmente um Congresso que correspondeu a todas as expectativas. Resta-nos ficar no aguardo da atuação da nova Comissão Nacional para o engrandecimento da cultura popular brasileira.

# III ENCONTROS

BRASIL 1964

Com o intuito de proporcionar aos participantes do Encontro um quadro geral das atividades realizadas no decorrer do ano 1964, o Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão extraordinária em 23 de maio de 1964, no Rio de Janeiro, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária.

O Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão ordinária em 27 de maio de 1964, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária. O Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão ordinária em 27 de maio de 1964, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária.

O Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão ordinária em 27 de maio de 1964, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária. O Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão ordinária em 27 de maio de 1964, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária.

O Conselho Nacional de Educação reuniu-se em sessão ordinária em 27 de maio de 1964, para discutir e aprovar o relatório de atividades realizadas durante o período em questão. Este relatório foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação em 27 de maio de 1964, para ser discutido e aprovado em sessão ordinária.

# ÍNDICE

III Encontro das Nações .....	02
Editorial .....	3/4
Negros em Desterro .....	07
3º Aniversário do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.....	10
Escola de Boi-de-Mamão .....	20/21
O Sertão do Ribeirão .....	25
IX Congresso Brasileiro de Folclore .....	28
Noticiário Cultural .....	29/32
Os Bastidores do Mundo das Escolas de Samba em Livro .....	33
Como Briga um Cabra da Peste .....	35
Convite Social.....	36/38
Uma voz Necessária .....	38
Folclore de Santa Catarina .....	40
Comissão Gaúcha de Folclore .....	41
Florianópolis/OAB-SC .....	43
Festival Nacional de Danças Folclóricas .....	44
Na Rua da Pedreira .....	46
Lages-Breves Notas Sobre sua Fundação .....	50
De Sônia Pillon de Figueiredo P/Doralécio Soares .....	54
19º Festival de Dança de Joinville .....	56
Folclore no Terceiro Milênio* .....	58
Bibliografia .....	66
Os Benditos e as suas Cantorias .....	68/73
Círio Pascal .....	75
Recordando Lydio Callado .....	76
Loja Maçônica Regeneração Catarinense .....	77
Editorial-Revista Cofi .....	78
Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville .....	79
Saul Martins: Trovador da Terra .....	82
A Dança P/O Menino Deus .....	83
Bodas de Ouro-Salim Miguel .....	86
Grupos Folclóricos se Encontram na Malwee .....	89

Folclore Alemão se Apresenta em Jaraguá .....	92
Pastoril .....	93
Aleluia-Aleluia .....	96
Lei Nº 4.287,07 de Abril de 1969 .....	99
Escola de Cupido .....	101
170 Anos de Imigração Alemã-São Pedro de Alcântara .....	103
Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de SC .....	106/108
Ilha de São Francisco do Sul-XI Festilha .....	109
Museu do Vinho-Vale do Rio do Peixe .....	110
Viagem aos Templos da Fé .....	112
Fundação Cultural Sr. Jesus dos Passos .....	117
Visita ao IHGSC da Diretoria Regional dos Açores .....	120
Coral e Musical Edelweiss Prepara Turnê Africana .....	121
Nação Pernambucana Agita o Varadouro Amanhã .....	123
Polêmica no Projeto Baleia-Franca .....	125
Mais Perto de Cascaes .....	129
37ª Semana Mineira de Folclore .....	132
Centro Municipal de Cultura .....	135
Correspondências Diversas .....	138

## NEGROS EM DESTERRO

Doralécio Soares

Indescritivelmente o espetáculo no Teatro Amir Rosa no CIC – Centro Integrado de Cultura.

Numa produção de Solange Adão, arte-educadora, sob a direção geral de Lalette Couto e texto do professor de História da UDESC Paulinho de Jesus, no Estúdio de Atores Evilene Orth Produções, nasceu o grandioso espetáculo ‘Negros em Desterro’.

Negros em Desterro foi um show musical de dança, teatro e vídeos usados como recurso cênico, conforme descreve a história dos descendentes afro de Florianópolis, com Solange Adão e Maria Ceixa.

Com três espetáculos de teatro literalmente lotados, empolgou os espectadores que não se fartaram em aplausos condizentes com a realização do texto apresentado. O espetáculo, composto única e exclusivamente por ‘prata da casa’, proporcionou cenas magníficas de pura teatralização.



NEGROS EM DESTERRO

As cenas foram empolgantes, prendendo as atenções dos espectadores que, num silêncio absoluto, prendiam-se ao desenrolar da peça.

As cenas do Grupo Cacumbi com a sua dança típica afro-brasileira – Ó sim, ô sinhô capitão/ cadê o dinheiro da nossa ração. Vai timbora sordade! Não tenho dinheiro, não tenho mais nada, só tenho a ponta da minha espada. Numa coreografia correta o Grupo de destacou com os versos: avuou uma ave daquela janela... é um papagaio, sá dona, de pena amarela! De pena amarela, de bico dourado! A canoa virou de boca pra baixo no fundo do rio, deixai ela virá... Numa coreografia perfeita, o Grupo de destacou numa dança correta, com a autenticidade da Fé da Bandeira portando o estandarte do Grupo. Outro destaque do Grupo representando as lavadeiras nas suas fofocas de manezinhas da Ilha, num linguajar autêntico do interior ilhéu.

Cruz e Sousa, interpretado pelo nosso J. B. da Fundação Franklin Cascaes, declamou com perfeição Vida Obscura, poema do nosso poeta maior Cruz e Sousa, com a participação na direção geral e texto da poetisa Lalette Couto e Paulinho de Jesus, trazendo ao espetáculo, na sua grandeza interpretativa, o merecido louvor ao elenco participante no seu todo.

Foram três noites de espetáculo com casa cheia, merecendo novas repetições, visto que quem teve oportunidade de vê-lo, pela importância do mesmo, voltará a assisti-lo não somente pela grandeza do texto e destacado elenco composto por filhos da terra que se sente engrandecida diante de Negros em Desterro, apresentada no Teatro Amir Rosa do Centro Integrado de Cultura – CIC.

## 30º ANIVERSÁRIO DO ÊCOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA



Nereu do Vale Pereira, discerta sobre o Êcomuseu



Doralécio Soares e Nereu do Vale Pereira, Presidente e Vice-Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, na solenidade do Ecomuseu.

## 30º ANIVERSÁRIO DO ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

Em julho último, a Fundação Cultural Açorianista, mantenedora do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, promoveu uma série de solenidades com vistas a comemorar os trinta anos de existência do referido Museu.

A programação constou de:

dia 10 – abertura da exposição ‘Presépios de Franklin Cascaes’.

Essa exposição permaneceu em visita até 30 de julho;

dia 12, das 15 às 17h, mostra de vídeos sobre os Açores;

dia 14 às 14h o Grupo Folclórico do Ribeirão da Ilha apresentou a Dança do Boi-de-Mamão;

dia 18 às 17h foi realizada uma sessão conjunta com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina no auditório do Ecomuseu, na qual falaram o Presidente do referido Instituto, Professor Doutor Carlos Humberto Corrêa, e o Presidente da Fundação Cultural Açorianista.

No mesmo dia, no restaurante do Museu, foi oferecido, aos participantes e autoridades, um excelente jantar à moda portuguesa e, depois do jantar, o Grupo Folclórico ‘Danças de Florianópolis’ brindou os presentes com diversos números como: Pau-de-Fitas, Dança dos Arcos, Sapateia, Pezinho de Bico e Chamarrita da Terceira.

O pronunciamento do Professor Nereu do Vale Pereira, na sessão solene do dia 18 de julho de 2001, promovida pela Fundação Cultural Açorianista em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, para celebrar a data em que o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha estava comemorando seus trinta anos de existência, vai a seguir publicado:

“Senhores e Senhoras,

Nosso encontro busca recordar o dia 10 de julho de 1971, data quando a idéia de implantação deste Ecomuseu foi concretizada com a inserção deste objetivo num projeto-piloto de desenvolvimento da comunidade do Ribeirão da Ilha, onde esse empreendimento alimentaria o turismo cultural (vejam o nosso pioneirismo avançado para a época), desenvolvimento que, na atualidade, estaria sendo enquadrado numa perspectiva de desenvolvimento auto-sustentado.

Sua realização não foi tarefa fácil. Aliás, exigiu pertinácia, astúcia, enfrentamento político, desgaste pessoal, teimosia, poder de convencimento, dispêndio de recursos originários de receitas próprias e, sobretudo, o apoio de amigos apreciadores da cultura.

Na verdade, este quadro referencial se aplica, como regra, às iniciativas de instalação e funcionamento de museus ou outras organizações estritamente culturais, que não sejam mantidas por órgãos governamentais.

Hoje, há a Lei do Terceiro Setor, uma esfera criada para enquadrar as organizações não-governamentais, as ONGs, de alcance social, filantrópicas e culturais sem fins lucrativos. Cria, essa Lei, novos caminhos de incentivos a essas organizações, mas que, contudo, ainda não oportunizou efeitos práticos e significativos. Está criando raízes.

De outro lado, as leis de incentivo à cultura, quer a federal, a estadual, como também agora a municipal, na prática, priorizam as instituições governamentais e/ou os projetos que produzam grandes eventos promocionais ou forte *marketing* aos patrocinadores.

Num museu como o nosso, fora do centro vital do município, tendo alcance a público limitado, é de se enfrentar sérias dificuldades para receber patrocínio, especialmente para a sua manutenção. Verbas para investimentos ou melhorias materiais são menos difíceis de se obter. O difícil é se dispor de verbas permanentes de custeio, especialmente para o pagamento de pessoal. Esses projetos que visam à manutenção de pessoal, ponto nevrálgico das ONGs, via de regra, recebem pareceres negativos dos organismos de incentivo cultural.

A nossa prática e experiência acumulada em trinta anos na busca de recursos para manter em funcionamento e aberto ao público este Museu têm demonstrado tudo isso que acabamos de dizer. São preciso muitos, mas muitos mesmo, esforços e dispêndios financeiros de caráter pessoal e que não estão assim tão disponíveis.

Este preâmbulo não deve ser entendido como um ‘muro de lamentações’, mas como um hino de alegria por termos superado tudo isso. Para obtermos este êxito, contamos com o apoio da família, e muito contributo de incontáveis pessoas amigas, pessoas essas que procuraremos indicar ao decorrer do nosso pronunciamento.

Bom. Por que surgiu o Ecomuseu do Ribeirão da ilha?

Lendo a Ata lavrada no Livro número 01, primeiras três folhas, assinada em 15/07/71, teremos uma clara idéia da resposta.

Para lê-la, convidamos o Diretor Técnico do Museu, Professor Geraldo do Vale Pereira.

‘ATA DA INSTALAÇÃO DO MUSEU SOCIOLOGICO DO RIBEIRÃO DA ILHA - Aos quinze dias do mês de julho de mil novecentos e setenta e um, num dia de inverno, mas de um sol brilhante em céu límpido, cujo anilado se espalhava nas mansas e serenas águas da baía sul, deixando-a de um azul celestial, emergindo toda uma ‘atmosfera’ festiva para os sociólogos e professores do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina, inicia-se a montagem do Museu do Ribeirão, parte do Projeto – Transformação da Vila do Ribeirão da Ilha em Pólo de Turismo Cultural – experiência piloto criada pelo Departamento de Sociologia do Centro de Estudos Básicos da Universidade Federal de Santa Catarina. Os relógios acusavam 11 (onze) horas da manhã, quando foi colocado sobre uma mesa um presépio, obra de esmerado artesanato escravagista, de aproximadamente duzentos anos, devendo-se sua montagem, segundo a tradição, a uma escrava do século XVIII, adquirido aqui mesmo no Ribeirão, na localidade de Tapera do Sul, do senhor João dos Santos Correia que o herdara, por tradição familiar desde o seu bisavô. Este presépio foi avaliado em Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros). O prédio onde o Museu foi iniciado é uma casa colonial, datada de 1808 (sic) e pertencia à Paróquia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, tendo sido, mais tarde, ofertada à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Florianópolis como testamento do vigário da Paróquia do Ribeirão da Ilha – Padre Martins m- (1890). No ano de 1969, referida casa – dividida em três porções – foi vendida (duas primeiras partes norte) à senhora Felisbina Silva, a qual a alugou por Cr\$ 40,00 mensais, a parte menor que lhe toca, para a instalação do presente museu. A parte da casa junto à esquina das ruas Marcelino Antônio Dutra e Padre Martins ficou como propriedade da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa que a mantém alugada. Esta já tem suas janelas alteradas pela colocação de vidraças. O conjunto é de arquitetura colonial do final do século XVIII, aproximadamente. Os trabalhos de montagem do Museu tiveram início às 9 horas da manhã do dia 15 de julho de 1971, quando o senhor Célio Medeiros,

almozarife do Centro de Estudos Básicos da UFSC, fazia doação de uma mesa para apoiar o presépio. Às nove e quinze horas partiram do CEB, para o Ribeirão, a fim de dar início ao Museu, as seguintes pessoas: professora Zuleika Mussi Lenzi, estagiárias professora Teresinha Isabel Manso Munis e senhora Léa Lamego Rosa, documentarista Eugênio Alfredo Müller, geógrafo Valdir Gil e professor Nereu do Vale Pereira, em uma Kombi 1968, de sua propriedade, de placa AA 2424. Estiveram presentes à colocação da primeira peça, além das pessoas já citadas, a senhora Felisbina Silva e sua irmã. Não houve nenhuma solenidade especial, pois a singeleza do início exigia procedimentos também singelos. Tão singelos e edificantes como sói ser a cultura popular que se manifesta com toda a informalidade. Decidiu-se a seguir que o Museu se chamaria Museu Sociológico do Ribeirão da Ilha, mas a placa receberia o nome de Museu do Ribeirão. Segundo as etapas do projeto, o Museu inicia-se bem pequeno, em apenas 40 metros quadrados, mas deverá ampliar-se lentamente, descentralizando em diversas unidades, conforme as condições o permitirem, e cada unidade especializar-se-á num ramo da cultura, como por exemplo: Ergologia, Artes Sacras, Folclore Musical, Artes Fotográficas, Artesanato, Sociologia, etc. A guarda do Museu ficou conferida à Sociedade Amigos Pró-Desenvolvimento do Ribeirão da Ilha, com seu presidente, o senhor Ramão, encarregando-se da responsabilidade da motivação da comunidade e sua guarda, bem como as futuras ampliações com esforço de moradores locais. Esta Ata foi lavrada pelo chefe de Expediente do Departamento de Sociologia, senhor Nelson Carminatti, e o Projeto é de iniciativa do professor Nereu do Vale Pereira, que tem a coordenação geral do mesmo. E, para constar, vai assinada pelos presentes. Ribeirão da Ilha, Distrito do Município de Florianópolis em Santa Catarina, aos quinze dias do mês de julho de hum mil novecentos e setenta e um. A seguir seguem-se as assinaturas de Nelson Carminatti, Zuleika Mussi Lenzi, Ramão Santos, Teresinha Isabel Manso Munis, Lea Lamego Rosa, Valdir Fausto Gil, Victurino Antônio Secco, Eugênio Alfredo Muller.?

Na Ata lida, aparecem vários nomes de colaboradores à nossa iniciativa, e alguns deles estão aqui presentes. Cito a professora Zuleika Mussi Lenzi, que também intercedeu junto ao então Prefeito Ari Oliveira para comprar o Presépio do século XVIII, que foi a primeira peça do Museu.

Instalado o Museu, além de forte campanha junto à comunidade buscando angariar peças, procurou-se obter o reconhecimento de utilidade pública estadual, tendo o então Deputado Nelson Pedrini assumido a tarefa. O Projeto de Lei (mostrar) tomou o número 32/73, contando com importante justificativa. Quando de sua discussão em plenário, o proponente usou da palavra tecendo loas ao Museu e discorrendo sobre o seu valor cultural.

Num aparte do Deputado Evaldo Amaral se registra:

‘Nobre Deputado Nelson Pedrini, V. Ex<sup>a</sup> está a nos dar conhecimento nesta tarde, através da votação de um Projeto que, como V. Ex<sup>a</sup> bem significa, normalmente se efetua pacificamente e sem necessidade de outras considerações, mas V. Ex<sup>a</sup> está a ilustrar, sem sombra de dúvidas, a nós deputados com assento nesta casa, quando, através de discussão ao Projeto que declara de utilidade pública a Sociedade de Amigos Pró-Desenvolvimento do Ribeirão da Ilha, pois que, nobre Deputado, nós deputados vindos de outros recantos do território de Santa Catarina, na realidade muito temos ainda a aprender da tradição, de folclore, enfim sobre tudo aquilo que se constituiu a colonização açoriana na Ilha de Santa Catarina.

De forma, Senhor Deputado, que quando sentimos, quando vimos um brado que se eleva de todas as consciências responsáveis em todo o Brasil mesmo, pelo que significa a despreocupação na manutenção do patrimônio histórico da nossa gente, é digno de encômios, de elogios à presença de V. Ex<sup>a</sup>, significando a importância dessa matéria que iremos votar logo a seguir. Eu me congratulo com Vossa Excelência.

Senhor Deputado, agradeço e incorporo com muito prazer o aparte de V. Ex<sup>a</sup> e remeto as homenagens ao eficiente Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina, dirigido, como eu já disse, pelo nosso ex-colega, professor Nereu do Vale Pereira’.

Neste mesmo ano, aos 14 de novembro, o Museu do Ribeirão da Ilha é registrado no Departamento de Cultura do Estado de Santa Catarina, órgão que, em 1980, é transformado na Fundação Catarinense de Cultura, fundação que partiu de uma sugestão que fiz, em 1978, ao então candidato a Governador do Estado, senhor Jorge Konder Bornhausen, para incluir em seu plano de governo a criação de respectiva instituição. Para confirmar o que estou a dizer, conto com o testemunho, aqui presente, do senhor professor Octacílio Schüller Sobrinho, hoje também sócio de nossa Fundação Cultural

Açorianista. Schüller, na época, trabalhava na equipe de elaboração do referido Plano de Governo 1979/83.

Para uma feliz e alegre coincidência deste momento, tanto o cartão de registro como o ofício que nos encaminhava, o que aqui mostro, foram assinados pelo presidente desta mesa, professor Carlos Humberto Pederneira Corrêa, pois exercia a chefia do respectivo órgão.

Vejam, senhores, quantos nomes importantes estamos a registrar e que têm ligação com a história do Ecomuseu. Ainda faltam muitos outros nomes de destaque.

Numa primeira fase o Museu funcionou em casa alugada, segundo registra esta foto.

Sua guarda e administração ficavam a cargo da SAPDRI – Sociedade de Amigos Pró-Desenvolvimento do Ribeirão da Ilha. A referida Instituição, devido a lutas internas por lideranças locais, foi extinta e, por isso, em janeiro de 1975, o Museu foi desativado.

O livro de atas, de registro dos bens e acervo do Museu e de assinaturas de visitantes assinala este fechamento com poucas palavras, dizendo, a folhas 60:

‘Em função de ter sido extinta a SAPDRI, e por falta de acordo sobre o aluguel do imóvel, o Museu foi fechado. Aos 19 de março de 1975, ass. Prof. Nereu do Vale Pereira.’

Na verdade, foram perseguidas outras alternativas, inclusive com compra de uma casa, por parte da Prefeitura, mas que não logrou êxito.

Assim que tomou posse, em 1976, o novo Prefeito, Esperidião Amin Helou Filho, através de seu Secretário da Educação e Cultura, professor João Aderson Flores, foi procurado e feita uma proposta possibilitando a reabertura do Museu. Tudo foi acordado.

Na mesma página de fechamento há o registro de sua reabertura com o seguinte termo:

#### ‘TERMO DE REABERTURA

Aos doze dias do mês de novembro de 1976, por iniciativa da Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Florianópolis, estando presente o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Doutor Esperidião Amin

Helou Filho, digníssimo Prefeito Municipal de Florianópolis, e seu Secretário da Educação, Professor João Aderson Flores, e os membros da Comissão Técnica do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município de Florianópolis, Professor Carlos Humberto Corrêa, Professora Sara Regina Silveira de Souza, Doutor Juarez May de Sousa, Professor Nereu do Vale Pereira e demais pessoas que assinam o presente termo, foi REABERTO à visitação pública o MUSEU DO RIBEIRÃO, agora na Costeira do Ribeirão, Estrada Geral nº 2.424, em propriedade do Senhor Nereu do Vale Pereira. Florianópolis, 12 de novembro de 1976.

Ass. Esperidião Amin Helou Filho

Prof. João Aderson Flores

Nereu do Vale Pereira e outros?.

Para tanto, foi assinado um convênio pelo qual a Prefeitura restaurou a casa onde se instalou o Museu e foi colocado um funcionário municipal para atender o público visitante.

Nessa nova fase o Museu se amplia, incorporando um Engenho de Farinha de Mandioca e a vegetação de contorno, mantendo, assim, um ecossistema.

Por ser uma propriedade rural, passou a ser conhecido como **casa rural açoriana**. Em parênteses, digo que entendo por cultura açoriana, não uma reprodução dos Açores entre nós, mesmo porque isso seria impossível, mas todo o produto da criação e adaptação que o colonizador açoriano do século XVIII teria implantado em nossa Ilha, aqui, no caso especificamente no mundo agrícola.

Mas, entre 1985 e 1989, o Museu voltou a ser fechado à visitação pública. Nessa época teria terminado o convênio com a Prefeitura, e o que assumiu a função de prefeito não demonstrou interesse em renová-lo. O termo lavrado a folhas 124, do livro número dois, é um documento forte e envolve nomes ativos e que, por isso, deve ser mantido em reserva e respeito a essas pessoas.

Em determinado trecho está escrito: ‘Como ficamos sem atendente, precariamente fui cuidando do acervo e raramente atendendo, em casos especiais, visitantes. Pode ser verificado das assinaturas de visitas, algumas importantes como o Presidente de Governo Regional dos Açores, Governador Motta Amaral (24/4/86) e de comitiva da Universidade dos Açores chefiada

pelo seu Reitor professor Antônio Bittencourt Machado Pires e mais quatro professores (14/08/87), dentre outros. Hoje, 26/03/89, estamos assinando novo convênio com o Prefeito Senhor Esperidião Amin Helou Filho e o Secretário de Cultura Senhor Ênio Andrade Branco. Pelo convênio o Museu permanecerá aberto e terá um responsável funcionário municipal, colocado à sua disposição’.

Registre-se, porém, o novo Termo de Reabertura que, mais uma vez, teve a decisão de Esperidião Amin Helou Filho, em novo mandato de Prefeito de Florianópolis.

Novo convênio foi assinado e, entre os presentes à cerimônia de reabertura, estava o Secretário Municipal de Cultura e Turismo, senhor Ênio Andrade Branco, casado com uma ribeironense que liderou o selamento do convênio. Também registramos a presença da então Vereadora, hoje Prefeita, Angela Regina Heinzen Amin Helou, seu filho João Antônio Heinzen Amin Helou e diversas outras personalidades. Foi uma festa bastante concorrida e de grande simbolismo.

Foi, porém, em 1992, que nosso Museu adquiriu a maturidade. Como o Prefeito empossado denunciou o convênio existente, entendemos de instituir uma Fundação Cultural e denominar o Museu pelo novo termo museológico aplicado na Europa para acervos ligados a ecossistemas, **Ecomuseu do Ribeirão da Ilha**. A Fundação recebeu o nome de Fundação Cultural Açorianista e, registrada, passou a ter personalidade jurídica adequada a pleitear financiamentos e apoio institucional que, realmente, aos poucos foram acontecendo. De outro lado, os sócios que se filiaram à Fundação passaram a contribuir para o seu custeio e instituímos o sistema de cobrança de ingressos.

A receita não foi grande, mas foi possível, pelo menos, contratar bolsistas junto à Universidade Federal de Santa Catarina.

Tivemos dois projetos aprovados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, carreando recursos para, particularmente, pagar pessoal, dando, assim, estabilidade de funcionamento do Museu.

Com a eleição, em 1995, da Prefeita Angela Amin Helou e a investidura da professora Lélia Pereira da Silva Nunes na Fundação Franklin Cascaes, novo convênio foi assinado e se mantém firme até nossos dias, com uma segurança financeira ainda que modesta, porém muito importante.

Estamos hoje com esses apoios funcionando regularmente. Falta-nos uma melhoria técnica e restauro com conservação do acervo. Para isso estamos elaborando um novo projeto junto ao Ministério da Cultura e um outro junto ao Sistema Estadual para garantir a contratação de pessoas para fazer funcionar, com regularidade, um alambique e o Engenho de Farinha.

Estamos aguardando aprovação para esse projeto, já tendo contatos de apoio apalavrado com alguns comerciantes do Ribeirão da Ilha.

Atualmente possuímos a Utilidade Pública Estadual por iniciativa do Deputado Gilson dos Santos e Municipal por iniciativa do Vereador Otto Entres Filho.

Para o patrocínio de um projeto, por parte da Eletrobrás, contamos com apoio do Deputado Paulo Bornhausen, enquanto o Deputado Reno Caramori patrocinou o Museu com um auxílio de seu gabinete.

O Ecomuseu está inscrito no Catálogo Nacional de Museus; tem registro na UNESCO, na Associação Internacional de Ecomuseus, com sede em Piemonte na Itália, e pertencemos ao Núcleo de Estudos Museológicos de Santa Catarina. Participamos da criação de Casa dos Açores da Ilha de Santa Catarina e integramos o Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC.

O Ecomuseu tem sido constantemente referenciado pela imprensa nacional e internacional, circulando em jornais e em TV, sistemas abertos e por assinaturas.

Ao final do ano 2000 completou-se o total de 59.000 assinaturas no Livro de Registro de Visitantes, das quais 11.000 são de estrangeiros e 18.000 de escolares, e as demais de diversas procedências. E isso, sem contar a falta de muitas assinaturas, vez que, pelo menos 10% esquecem-se ou omitem-se em registrar sua presença ao Museu. Assim, o número de visitantes, em trinta anos, ultrapassa a casa dos 65.000, com uma média de 2.200 por ano.

Ao terminar esta mensagem, desejo renovar nomes que foram, além dos nossos fiéis sócios, grandes colaboradores do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha: Nelson Carminatti, Eugênio Muller (falecido), Valdir Fausto Gil, Hélio Langue (falecido), Célio Medeiros (falecido), Zuleika Mussi Lenzi, Prefeito Ari Oliveira, Ramão dos Santos, Teresinha Ávila dos Santos (falecida), Dona Francisca da Silva (falecida), Felisbina da Silva (falecida), Vera Beatriz Felix Teixeira, Teresinha Isabel Manso Munis, Victurino Antônio Secco, Alfredo

Silva, Léa Lamego Rosa, Nelson Pedrini, Carlos Humberto Corrêa, Esperidião Amin Helou Filho, João Aderson Flores, Ênio de Andrade Branco, Angela Regina Heinzen Amin Helou, Deputado Gilson dos Santos, Vereador Otto Entres Filho, Deputado Reno Caramori, Deputado Paulo Bornhausen, Lélia Pereira da Silva Nunes e aos funcionários Rodrigo Nelson Pereira, Thiago Pereira Alves, Daniel Pereira de Lacerda, Secretária -professora Laura Jane Fernandes, Ana Lúcia Lacerda, Tesoureiro da Fundação - Contador Marco Antônio Lacerda, e o Diretor Técnico Científico - Geraldo do Vale Pereira.

Aos sócios da Fundação, que não nomearei individualmente, mas que merecem todo o respeito, um abraço de agradecimento pela confiança depositada. Dentre eles percebo que quase todos também são sócios do IHGSC, comprovando o amor que têm pela cultura catarinense. São todos verdadeiros arautos da cultura barriga-verde.

Agradeço a presença de todos que me surpreendem não só pela quantidade, mas especialmente pela qualidade. Não esperava tamanha prova de apreço ao Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, o que muito nos envaidece e nos obriga a trabalhar com mais carinho, dedicação e determinação técnica.

Muito obrigado a todos.

Tenho dito.

Florianópolis 18/07/2001, ass. Prof. Nereu do Vale Pereira.

Projeto de  
Extensão Escola de  
Boi-de-Mamão



**CURSO DE EXTENSÃO:**

# **ESCOLA DE BOI-DE-MAMÃO**

**I ETAPA**

**GRUPO DE PESQUISA: EDUCAÇÃO POPULAR,  
ARTE E CIDADANIA**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

## ESCOLA DE BOI-DE-MAMÃO

Com a participação da professora Maristela Fontin e ‘Nando’, Ronaldo Manoel Gonçalves, surgiu a Escola de Boi-de-Mamão, isto é, da dissertação de Mestrado do Nando, com os cantadores do folguedo do Boi-de-Mamão, na Educação.

Os debates sobre o tema foram realizados, isto é, o primeiro debate foi realizado no auditório do Centro de Ciências da Educação da UFSC, na segunda-feira, de 16 a 30 de abril. Isto numa realização do Grupo de Pesquisa de Educação Popular ‘Arte e Cidadania’ do Departamento de Estudos Especializados em Educação - EED. O mesmo contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão - Departamento de Estudos Especializados em Educação, Museu de Antropologia da UFSC - Grupo Arreda Boi, Movimento Abraçando a Vila e a Comissão Catarinense de Folclore.

Com a presença do professor Nereu do Vale Pereira, Diretor do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, do professor Gelci José Coelho, Peninha, Diretor de Antropologia da UFSC, Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore e de elevado número de inscitos, foram iniciados os trabalhos sobre o assunto a ser debatido.

Abertos os trabalhos pela professora Maristela Fontin e Ronaldo Manoel Gonçalves, coube a este dizer do objetivo da Escola de Boi-de-Mamão, e a professora Maristela convidou o professor Doralécio Soares, um dos que mais tem estudado o assunto com várias obras publicadas, sendo duas editadas pelo MEC, quando do Plano de Defesa do Folclore Brasileiro. Disse o professor dos vários tipos de folguedos do boi existentes no Brasil; o que é folguedo e o que é dança, todos versando sobre ‘a morte e ressurreição’ do boi. Disse da grandeza do Bumba-meu-boi de São Luís do Maranhão e da obsessão dos seus integrantes, figurantes esses que assumem a confecção dos seus trajes, que dado o alto custo da vestimenta toda bordada e revestida de penas coloridas, com um rico chapéu de penas e fitas, torna-se de uma beleza invulgar. O bozinho é um espetáculo à parte, o qual é possuidor de várias ‘capas’, isto é, cobertura que envolve a figura do boi, com o figurante que o conduz, para a participação no folguedo. O ‘figurante’ que é acobertado, isto é, que brinca embaixo do boi, realiza a seu modo a dança numa coreografia que transforma a sua participação em um belo espetáculo participativo, isto é, o Bumba-meu-boi de São Luís do Maranhão.

Já o Bumba-meu-boi de Manaus é bem diferente. O tema também é o mesmo ‘morte e ressurreição do boi’, partindo, entretanto, de uma outra ‘estória’.

Conta-se que um dono de um rebanho de bois, com a intenção de melhorar o seu plantel, adquiriu um boizinho de raça para cruzar com as suas vacas. Ocorreu que a mulher do feitor, achando-se grávida, desejou comer a língua do tal boizinho, e para tanto disse ao marido feitor do seu desejo, e esse não teve outra alternativa, senão a de matar o boizinho e satisfazer o desejo da mulher. Ocorreu que o dono da fazenda, dando pela falta do boizinho, responsabilizou o feitor pelo seu desaparecimento, sob pena de levar o caso para a polícia. Aí então o feitor não teve outra alternativa senão contar o ocorrido. O feitor então reuniu todos os empregados da fazenda, entre eles um feiticeiro, e foi procedido o desenterro do resto do boizinho morto, sendo reunido todos os seus pedaços. Aí então foi realizada a cerimônia de benzedura pelo feiticeiro com ajuda de todos os empregados da fazenda, e o boizinho foi ressuscitado para a alegria geral do dono da fazenda, que de alegre perdoou o feitor. Daí o tema ‘morte e ressurreição do boi’.

Disse ainda o professor Doralécio que o Bumba-meu-boi de Pernambuco é um tanto diferente, mas o tema é o mesmo ‘morte e ressurreição’. Que lá o boi é esquartejado e a carne distribuída entre os ‘brincantes’, só que quando chega a parte dos chifres, a cantoria destina-se aos mesmos que quiserem. Após o boi benzido e curado, volta a sua dança.

Disse haver muitos folguedos de bois no Norte e Nordeste, cujos nomes são: bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-de-zabumba, boi-de-canastra, boi-calemba, boi-da-cara-preta, boi-de-matraca, boizinho, e boi-de-reis, em Alagoas. Este quando se apresenta é coberto por uma grande ‘capa’ branca que, ao rodopiar, o boi é envolvido pela mesma numa beleza inusitada, num espetáculo deslumbrante.

Disse ainda o professor Doralécio da origem do nome do boi-de-mamão, já existindo esse nome no século passado, isto em 1878.

De certa feita, o Governador foi despertado pela cantoria de um grupo do folguedo, ao qual solicitou a sua apresentação na frente do Palácio, atual Cruz e Sousa. A apresentação foi realizada com o nome de Boi-de-Mamão. Eis porque não tem fundamento se dizer que o nome de Boi-de-Mamão teve a sua origem na Palhoça, quando afirmam que um grupo de

rapazes fez a sua brincadeira de boi utilizando um mamão verde, e deram o nome de Boi-de-Mamão.

O folguedo do Boi-de-Mamão está registrado, desde 1840, num jornal de nome O Carapuceiro, no Recife, de propriedade do padre Gama, que publicou no mesmo a sua revolta ao ver um grupo de desocupados, tendo um negro metido embaixo de uma baeta, fingindo um boi que fica doente e recorre à figura de um padre para benzer o boi, quando surge um feiticeiro para fazer a benzedura.

O padre Gama, no Carapuceiro, publica a sua revolta diante da brincadeira que ele classifica de sem nexos e outras coisas mais.

Entretanto, a figura do boi tem sido destaque cultural no mundo, pois, desde o século passado, na África e Europa, o mesmo participa do sadismo humano, pois além de alimentá-lo, participa de suas brincadeiras e folguedos.

Conforme ficou registrado, o nome de Boi-de-Mamão não se sabe a quem atribuir, podendo-se aceitar a versão do escritor e cientista Amaro Seixas Neto (falecido), que dizia ser a versão do Boi-de-Mamão, do boizinho que mama, e daí para Boi-de-Mamão. Seja como for, o folguedo do Boi-de-Mamão, no folclore catarinense, é uma das brincadeiras de maior aceitação popular, principalmente para as crianças, quando é apresentada a figura da Bernúncia que engole as crianças.

Disse o professor da diferença entre o folguedo e a dança, sendo o nome de folguedo tudo o que consta de dramatização e dança, ou simplesmente dança sem dramatizar, como no caso da Dança do Pau-de-Fitas que se dramatiza alguma apresentação. No caso, também da Dança do Cacumbi é folguedo, pois tem uma parte em que os componentes do grupo reclamam do Capitão o pagamento da ração.

O professor Doralécio continuou a sua explanação, passando a palavra ao professor Gelci José Coelho, 'Peninha', que deu uma aula sobre o assunto, ilustrando-a com vários desenhos coloridos de figuras do folguedo, se atendo também sobre a sua história, dizendo-se um apaixonado, cujas figuras em cerâmica, produzidas pelo professor Franklin Cascaes, fazem parte do acervo do Museu que dirige. A sua dissertação foi muito aplaudida.

Com a palavra o professor Nereu do Vale Pereira, que ilustrou a sua palestra com várias transparências usando o retroprojektor, estendendo o tema

ao século passado, indo a Portugal e às Ilhas dos Açores, dizendo não ter encontrado nada relacionado ao folguedo do Boi-de-Mamão existente no Brasil, a não ser um tapete de parede ilustrado com a figura de um boi. Aprofundou-se no tema da origem do folguedo, fazendo referência ao boi-ápis, citando o portenho Luís da Câmara Cascudo e o pernambucano Ariano Suassuna, grandes estudiosos do folclore brasileiro. Disse que a brincadeira do Boi-de-Mamão marcou a sua infância, pois quando criança, residindo na localidade dos Canudinhos, juntamente com outras crianças, o folguedo do Boi-de-Mamão era a brincadeira preferida da sua turma, recordando os bons tempos da época.

Dando andamento a sua palestra, reportou-se ao folguedo cientificamente, utilizando algumas transparências com ilustrações, justificando a sua existência desde o século passado.

DEBATES - Os presentes se ativeram a várias perguntas aos conferencistas, que prometeram voltar ao assunto na segunda-feira seguinte, isto é, 7 de maio de 2001.

## O SERTÃO DO RIBEIRÃO

Professor Nereu do Vale Pereira

De pronto, deve ser esclarecido, a localidade, uma região existente num vale, configurando geograficamente uma grande 'cova', com aproximadamente 352,48ha, como num altiplano dentro de um conjunto de morros ao sul da Ilha de Santa Catarina, ficando suas íngremes escarpas leste descendo para o Oceano Atlântico (mar alto composto pelas praias da Armação, Morro das Pedras, Lagoinha do Leste e Pântano do Sul), entremeada pela Lagoa do Peri, e a oeste, com forte declive para a Baía Sul, conhecida popularmente por 'Sertão do Ribeirão', tem a denominação oficial e secular de Barreiros.

O topônimo 'Sertão do Ribeirão', volta-se a repetir, segundo designativo popular, advém de suas características geográficas, isto é, um

local com sítios distantes e isolados de um determinado centro populacional mais próximo, no caso a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, sede do distrito ao qual integra a localidade. Poucos são os que conhecem a localidade pelo seu nome oficial de Barreiros.

No vernáculo, por sertão entende-se, ainda, uma extensão de terra coberta por florestas de difícil acesso, onde abundam o gravatá, pedras e corredeiras chamadas de cachoeiras, descrição que se ajusta à paisagem geográfica do 'Sertão do Ribeirão'.



Um panorama do Sertão do Ribeirão e uma propriedade rural no primeiro plano.

Barreiros é, consensualmente, subdividido em função de propriedades rurais que se formaram ao longo do tempo, reunidas em pequenos grupos, separadas entre si por algumas centenas de metros, com as seguintes denominações: Sertão de Cima, Sertão de Baixo, Sertão dos Indaiás, Sertão do Peri e Sertão de Dentro, sendo o Sertão de Baixo o centro de referência social, possuindo a Escola Fundamental (1978) com quatro séries e 11 alunos (1999) e a Igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição (1992), onde ao lado existe, desde 1860, uma Cruz Missioneira, marco da religiosidade local, onde a comunidade se reunia para celebrar novenas, partir com a Bandeira e as folias do Espírito Santo e festas da Santa Cruz.

A ocupação humana dessa localidade ocorreu após 1760, com a chegada dos colonos açorianos que acorreram para ela, pois oferecia melhores qualidades para cultivo e pastagens que as áreas da Freguesia do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul ou Costeira do Ribeirão, todas à beira-mar.

'Expandiram-se para o interior do Sertão' na busca de melhores terras para a agricultura e plantações de trigo, linho, algodão, mandioca, feijão, frutas e pastagens para o gado.

Trata-se de uma área com relevo formado por diversos morros e encostas, com uma parte baixa fazendo o formato de uma bacia. Tem vários rios e cachoeiras que abastecem a Lagoa do Peri.

A mata é diversificada por variadas espécies de vegetais, destacando-se o coqueiro içaras (palmito), garapuvu (árvore símbolo da Ilha) figueira, cedro, canela, peroba, tajuvera, tajuba, etc.

Muitos pássaros são encontrados no Sertão, em especial a gralha, saracura, tucano, inhambu, aracuã, uru, tico-tico, sabiá, coleirinha, bem-te-vi, picumã (rabo-de-palha), pica-pau, etc.

A ocupação humana iniciou-se por um grupo de 10 casais que abriram plantações, como se disse acima, de cana-de-açúcar (para o fabrico do açúcar, da cachaça, do melado e para a ração animal), a mandioca (para o fabrico da farinha, do biju, do cuscuz, da paçoca e para a ração animal), milho, feijão, o algodão para os tecidos feitos no tear doméstico, e frutas (laranja, melancia, banana, fruta-do-conde, jabuticaba, grumixama e outras).

É bom recordar que os açorianos trouxeram com eles a prática do cultivo do trigo para a alimentação e o linho para seus tecidos. Cá, o trigo não vicejou e o linho perdeu em muito para as facilidades do cultivo do algodão e, por isso, abandonaram essas lavouras.

Face às circunstâncias, foi uma comunidade que se desenvolveu com forte isolamento, adquirindo um falar arrastado, com base num português arcaico, onde o 'l' dava a entender como 'li', como por exemplo: manueli, soli, juvenali, azuli. Havia uma unificação de palavras, tais como: azunha, oshomi, dejahogi, três antonte, etc. O 's' não era sibilado, porém chiado quase como 'x'.

Adquiria, o falar, uma forma de cantoria bem ritmada, dificultando o entendimento do que diziam. Alguns entendiam ser uma falar errado, como se os regionalismos pudessem ser caracterizados como erro lingüístico.

Até o início do século XX, a comunidade não dispunha de estradas para entrada e saída, apenas caminhos para trajeto a pé ou com carro de boi. O acesso era difícilimo, sendo, pois, fraca a comercialização de seus produtos.

Dificuldades diversas eram enfrentadas para transportar parturientes, doentes ou defuntos em carros de boi ou em redes com paus. Possuíam seus próprios curandeiros, benzedeiras e seus rezadores.

Era uma comunidade modesta e iletrada, mas produtiva e muito respeitada pela qualidade de seus produtos, especialmente farinha de mandioca e cachaça.

Comentam os mais idosos, com no mínimo oitenta anos, que ali se trabalhava muito, mas era uma comunidade que ficava entregue ‘às mãos de Deus e à sua sorte’.

Segundo o censo de 1960, moravam nos Barreiros 283 pessoas, número que cresceu até 350, em 1980, quando chegou a estrada.

Paradoxalmente, apesar do progresso e dos recursos tecnológicos oferecidos, as pessoas passaram a migrar para outros locais, e hoje (1999) conta o Sertão com apenas 79 moradores para 175 habitações. A comunidade entrou em processo de extinção. Em decorrência, as propriedades passaram a ser vendidas para ‘pessoas de fora’ desejosas de ter uma área rural para lazer, recreio ou produção diletante, e para sua atividade e de guarda dessas propriedades empregavam algum antigo proprietário local que levava a família ‘para baixo’, junto à orla marítima, ‘onde teria outra vida’. Ele subia e descia o Morro do Sertão só para o trabalho. Pudera, no Sertão não havia luz, televisão, transporte coletivo, posto de saúde, escola, missa, ida rápida à cidade, etc.

Acabou-se a produção do ‘Sertão do Ribeirão’. Nada mais se produz para o mercado, a não ser a cachaça, pois dois alambiques, onde os familiares ‘lambiqueiros’ continuam produzindo uma excelente ‘caninha’. Por enquanto uma cachaça ainda famosa e bastante procurada.

O mais famoso cachaceiro foi o senhor Francisco Tomaz dos Santos, o ‘Seu Chico’, que possuía uma propriedade herdada de seu pai, Tomaz dos Santos, no Sertão dos Indaiás, uma propriedade típica, ainda existente com todos os equipamentos. Seu Chico foi brutalmente assassinado dentro de sua casa no ano de 1995, e até hoje nada foi desvendado.

No sertão é interessante, além de mirar todos os panoramas e vegetação, a cruz, a capela, a escola, os alambiques, a cachoeira grande e tomar banho nela, a casa do Seu Chico, o engenho do Altino, no Sertão de Dentro, e passear pelas diversas e interessantes trilhas ou antigos caminhos carroçáveis até a Lagoa do Peri, a Costeira do Ribeirão, a Tapera do Sul ou Naufragados.

Seguindo pela estrada, chega-se à Costa de Dentro, ao Rio das Pacas, à Armação e Pântano do Sul, ao Saquinho e sua cruz e a Naufragados pelo Morro dos Barreiros.

A ligação rodoviária entre a Costeira do Ribeirão e a Costa de Dentro, passando pelo Sertão, é muito íngreme e malconservada, mas, com cuidados e atenção, pode oferecer trânsito para carros mais potentes e de qualquer porte.

Faça do Sertão do Ribeirão sua área de alegres e saudáveis passeios ecológicos e históricos.

## **IX CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE**

**Porto Alegre - 20 a 23 de setembro de 2000**



Atividades do dia 20 de setembro de 2000 (quarta-feira de noite)  
HORÁRIO: 20:00h

- ATIVIDADES: 1. SOLENIDADE de ABERTURA: Pronunciamentos
- . Governador
  - . Prefeito
  - . Reitora da UFRGS
  - . Representante Regional da UNESCO: Tânia Carvalhal
  - . Presidente do Congresso: Rose Marie Reis Garcia
  - . Presidente do IBECC: Joaquim Caetano Gentil Netto
  - . Presidente da CNF: Bráulio do Nascimento
  - . Coordenadora do CNFCP/FUNARTE: Cláudia Márcia Ferreira
2. Inauguração da Exposição de Artesanato (da CNFCP/FUNARTE) pelas autoridades presentes.  
Local: Espaço Cultural do Museu Universitário (1º andar do prédio da Reitoria).

3. Coquetel - alguns números artísticos.

## NOTICIÁRIO CULTURAL

*Florianópolis/SC*

O Governador agradece  
06/08/2001

Prezado amigo Doralécio Soares

Agradeço o envio dos exemplares do Boletim da Comissão  
Catarinense de Folclore.  
Aqui, à disposição.

Cordialmente,

Esperidião Amin  
Governador

*Florianópolis/SC/2001*

O presidente do  
**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SANTA CATARINA**

tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a  
palestra da consócia arquiteta

**Eliane Veras da Veiga Pacheco**

sobre

**Mitos e Verdades das Arquiteturas**

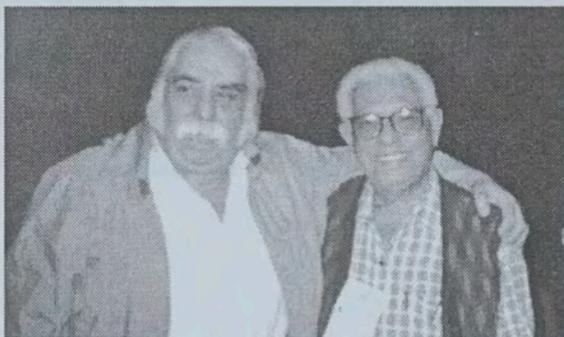
**Açoriana e Colonial Catarinense**

a realizar-se dia 25 de abril de 2001,  
no auditório do Palácio Cruz e Sousa,  
à Praça XV de Novembro, Florianópolis.

*Porto Alegre/RS*

## **IX CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE**

O veterano folclorista e historiador Paixão Corte, ex-integrante da Comissão Gaúcha de Folclore, abrilhantou com sua presença o IX Congresso Brasileiro de Folclore realizado em Porto Alegre, em companhia do professor Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, presente ao evento.



**ESTADO DE SANTA CATARINA  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA**

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 - 88025-202 - Florianópolis - SC - Fone:  
(0xx48) 333-0848 - FAX: (0xx48) 333-1800  
[http://: www.fcc.sc.gov.br](http://www.fcc.sc.gov.br)

**CÂMARAS PERMANENTES DO CONSELHO  
ESTADUAL DE CULTURA**

**“ ARTES CÊNICAS**

**Ana Beatriz M. Mattar** - Presidente

Edson Busch Machado

Martha Mansinho

**“ ARTES PLÁSTICAS**

**Osmar Pisani** - Presidente

Edson Busch Machado

João Otávio Neves Filho

Linda Suzana Maciel Poll

Neusa Maria Barbi

**“ CINEMA E VÍDEO**

**Norberto V. Depizzolatti** - Pres.

Edson Busch Machado

Bráulio Maria Schloegel

“ **ESPECIAL**

**Neusa Maria Barbi** - Presidente

Ademar Cassol

Bráulio Maria Schloegel

Carlos Humberto P. Corrêa

Oswaldo Ferreira de Melo

“ **FOLCLORE E ARTESANATO**

**Doralécio Soares** - Presidente

João Otávio Neves Filho

Lélia Pereira da Silva Nunes

Vicente Telles

“ **LEGISLAÇÃO E NORMAS**

**Oswaldo Ferreira de Melo** - Pres.

Osmar Pisani

Paschoal Apóstolo Pítsica

“ **LETRAS**

**Bráulio Maria Schloegel** - Pres.

Licurgo Costa

Norberto Verani Depizzolatti

Osmar Pisani

“ **MÚSICA**

**Ademar Cassol** - Presidente

Norberto Verani Depizzolatti

Oswaldo Ferreira de Melo

Vicente Telles

“ **PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL**

**Fátima Regina Althoff** - Presidente

Ademar Cassol

Bráulio Maria Schloegel

Carlos Humberto P. Corrêa

Lélia Pereira da Silva Nunes

Neusa Maria Barbi

## “ COMPATIBILIZAÇÃO DE RECURSOS

Oswaldo Ferreira de Melo - Pres.

Ana Beatriz M. Mattar

Bráulio Maria Schloegel

Doralécio Soares

Fátima Regina Althoff

Neusa Maria Barbi

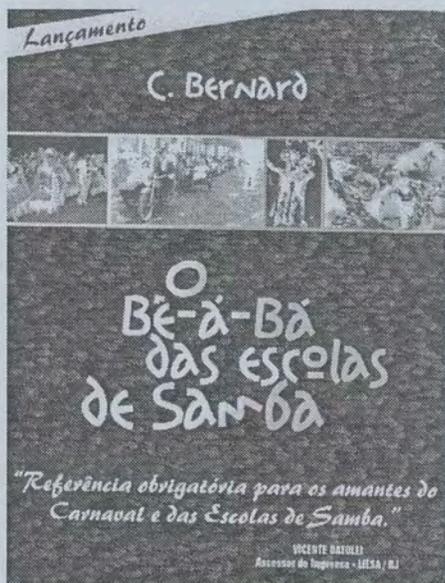
Norberto Verani Depizzolatti

Osmar Pisani

## LEITURA • SAMBISTA CONVICTO, C. BERNARD NOS RELATA UMA PESQUISA DE 9 ANOS

# OS BASTIDORES DO MUNDO DAS ESCOLAS DE SAMBA EM LIVRO

O autor faz uma dura crítica ao ‘jogo de cartas marcadas’ do Carnaval



Bruno Dorigatt

Em seu pequeno, mas repleto escritório, C. Bernard fala sobre o Carnaval, o paternalismo nas escolas de samba, conta um pouco a sua história e explica como chegou ao livro que tem lançamento logo mais às 19h, na Assembléia Legislativa.

*O Bê-a-Bá das Escolas de Samba* (Diálogo, Cultura e Comunicação, 295pp.), trabalho de

nove anos de pesquisa é um formidável compêndio, em forma dicionarizada, sobre o mundo do samba, sobretudo no Rio de Janeiro e em Florianópolis. “Alguém deveria fazer e este é meu grito de revolta pela necessidade de se fazer alguma, já que ninguém faz”, fala C. Bernard, popularmente conhecido Mickey. Das poucas ajudas que o sambista obteve na cidade, fundamental foi a da organização não-governamental Diálogo, Cultura e Comunicação que editou o livro, além dos jovens sambistas de grupos, como o Bom Partido e poucos sambistas das escolas de samba locais.

Em Florianópolis há muitos apedeutas (pessoas que falam sem ter conhecimento do assunto). O resulta do Carnaval deste ano é uma prova disso. Eu não conheço, por isso pesquiso”, diz Mickey, lembrando que a vitória da Protegidos da Princesa, mesmo com um carro alegórico perdendo a cabeça, só pode ser jogo de cartas marcadas. “Eles feriram três itens – conjunto, harmonia e alegoria – e ganharam nota dez”, explica. Isto talvez possa ajudar a entender porque Mickey teve mais facilidade e acesso para pesquisar as escolas do Rio do que as daqui. “Aqui não há arquivo de sambas-erredo, dos bambas, é desorganizado. Não tenho a quem me dirigir quando pesquiso”, completa.

A forma dicionarizada – para facilitar a consulta e a leitura – traz neologismos e gírias do mundo do samba, como boi com abóbora que significa samba muito ruim, gritos de guerra, como se forma uma diretoria de escola de samba, como foram formados os blocos das baianas, a introdução do confete em solo brasileiro por um comerciante francês, as diferentes batidas de bateria e por aí vai, realizando uma cuidadosa retrospectiva dos principais fatos, personagens e costumes carnavalescos. Para o sambista que nasceu em Roraima, com pais naturais da Guiana, o Carnaval da cidade não pode ser considerado amador. “Precisa sair do casulo, parar com as oligarquias no samba. Por que não se implanta uma junta governativa, um rodízio de presidentes?”, questiona. E justifica sua publicação como um registro, antes que o samba acabe.

O Estado, 10/05/2001.

## COMO BRIGA UM CABRA DA PESTE

Parodiando Mario Souto Maior, no seu livro “Como Nasce Um Cabra da Peste”, magnífica obra já na sua quarta edição, surjo com o “Como Briga Um Cabra da Peste”, abrindo com o cordel: e pau bateu no meio da feira / levantou poeira / a bananeira de alagadiço / você diz isso por brincadeira / meto-te a madeira / quebro-te a viola / o que me consola / é te ver um dia / de vara e guia / pedindo esmola. “Cordel” recolhido na minha juventude no Nordeste, que abrindo texto de “Como Briga Um Cabra da Peste”, me sinto honrado em aqui transcrevê-lo.

Conforme registrado no meu livro “Valentes e Valentões”, foi no Governo de Dantas Barreto, em 1911, que foi dado uma limpa nos tais “maus elementos” que infestavam a Capital pernambucana. Neste trabalho que intitulei de “Como Briga Um Cabra da Peste”, parodiando Mario Souto Maior, que na sua obra destaca o nascimento de crianças pelas parteiras “curiosas”, que anotavam os partos das mães barrigudas, que aumentavam de ano para ano. Os partos difíceis eram resolvidos com muitas rezas e promessas da credence popular, com o pai que colocou os arreios do cavalo nas costas, dando voltas ao redor da casa para abreviar o nascimento difícil da mulher à pari. (Oswaldo Cabral, in Medicina, Médicos e Charlatães do Passado).

Outro, cujo “suor” retirado entre o lombo e os arreios do cavalo e aplicado nas entranhas da mulher, também resolvia... E assim houveram muitos nascimentos citados por Oswaldo Cabral e Mario Souto Maior, este no “Como Nasce Um Cabra da Peste”.

Ouvindo o CD da magnífica obra de Mario Souto Maior, nos quedamos embriagados durante as narrativas envolvendo as abnegadas parteiras, parteiras “comadres” durante os seus partos difíceis se apegando a todos os “santos” e credences para retirarem os filhos das entranhas das mulheres à pari. Parteiras cujo destino era trazer ao mundo as crianças que lhes chegavam às mãos. Muitas mães reclamavam da falta de leite, daí o surgimento da “Mãe-de-leite”, no cabo deste escrevinhador, que teve a sua “Mãe Mariquinha”. Uma sertaneja de leite farto e forte, mais tarde substituído pela cabrinha “Bita”, que ajudou a Mãe Maria Carneiro a amamentar os seus quatro filhos homens. Os médicos parteiros, esses somente atendiam as parturientes de posses. Esta é uma outra história. E assim Mario Souto Maior brindou seus leitores com o “Como Nasce Um Cabra da Peste”, e aqui estou eu com o meu, entre outros, “COMO BRIGA UM CABRA DA PESTE”, a sair no decorrer do ano de 2001.

Doralécio Soares

## *Convite Social*

*Exposição Coletiva das Produções Artísticas dos Alunos  
Do Studio de Arte e Criatividade Marilda Zamboni*

*Julho de 2001*

*Local: Espaço Cultural do Studio de Arte e Criatividade Marilda Zamboni  
Rua Sérgio Lopes Falcão, 92 – Trindade, Florianópolis/SC*

*Visitação: 9h – 12h*

*14h30min – 21h*

*Sua visita será motivo de satisfação.*

*Florianópolis/SC*

Grupo de Poetas Livres & Associação de Cronistas

CONVIDAM

Para o lançamento do livro

“As Telas de Minhas Vidas”

da escritora

MARILU PERES RAMOS

DATA: 06 de julho de 2001

(sexta-feira)

LOCAL: SESC da Prainha

(Galeria de Artes)

*Florianópolis*

Afagando a praia infinda,  
Hino, desterro e louvor,  
Pura água antes, hoje e ainda,  
Brisa soprada na flor:  
A fragrância que a refaz,  
O glamour que não termina,  
Vem no dia nascendo a paz  
No almejar desta menina.  
Ondas brancas e sereias,  
Volta coração pejado;  
Nas correntes em que semeias,  
O amor recria o teu lado.  
Navego não sei para onde,  
Vento e barco a perguntar;  
E o Sol a tudo responde,  
Sutil lembrança de amar.

Marilu Peres Ramos

*Florianópolis/SC*

**GRUPO DE POETAS LIVRES - Florianópolis - SC**

Fundado em 13 de abril de 1998  
Utilidade Pública Municipal, Lei nº 5.671, 26 de maio de 2000  
Rua Silvio Possobon, 15 - Abraão - 88085-190 - Florianópolis, SC  
Fone/fax (0xx48) 249-6082

Ofício nº 018/2001  
Florianópolis, 15 de março de 2001

Ilmo. Sr.  
DORALÉCIO SOARES  
Comissão Catarinense de Folclore  
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar  
88020-150 - Florianópolis, SC

Prezado Senhor,

A Prefeitura Municipal de Florianópolis, a Secretaria Regional do Continente e o Grupo de Poetas Livres vêm à sua presença convidá-lo, bem como membros dessa Comissão, a participar da inauguração da reforma da **Praça de Itaguaçu, dia 31 de março de 2001 - sábado -, a partir das 18 horas.**

Os bancos de madeira colocados na praça defronte à praia estampam, em pirogravura, poemas de autores catarinenses, tais como José Cordeiro, Abelardo Sousa, Osvaldo Ferreira de Melo, Aníbal Nunes Pires, Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, Cruz e Sousa, Araújo Figueiredo, Carlos de Faria, Lacerda Coutinho. Leatrice Moellmann e outros. A Associação Coral de Florianópolis estará presente interpretando melodias de autores catarinenses e o Grupo de Poetas apresentará poesias que estão estampadas nos bancos.

Sua presença ao ato inaugural será, para nós, muito honrosa.

Ao ensejo, apresentamos protestos de consideração e apreço.

Prof. MAURA SOARES

Presidente

*Florianópolis/SC*

Outubro de 1998

A Comissão Catarinense de Folclore tem a honra de transcrever o brilhante texto do Reitor da UNIVALI, Prof. Edison Vilella.

## UMA VOZ NECESSÁRIA

Assume a Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, o ilustre filho deste Estado, natural de São Francisco do Sul, Rodolfo Pinto da Luz, depois de haver tomado posse no respectivo cargo, em Brasília, no dia 24 de abril próximo passado.

Formado em Direito, com especialização em Direito, Programas e Projetos Educacionais, Rodolfo tem se distinguido na área do Ensino Superior, onde provou o seu talento jovem, expressivamente necessário às funções das universidades brasileiras, das quais presidiu o Conselho de Reitores, de 1987 a 1988, com reconhecida liderança profissional e humana.

Seus dotes e qualidades pessoais, sua sensibilidade de quem ocupa um universo sem fronteiras, muito cedo o conduziram ao Conselho Estadual de Educação, cujo trabalho fê-lo merecer o cargo de diretor-geral do Conselho Federal. O espaço nacional não lhe é limite, e a União das Universidades da América Latina o admite como seu legítimo vice-presidente. Foi membro do Diretório Executivo da Organização Universitária Interamericana. Outros cargos exerceu na área de concentração que fez a sua carreira em Santa Catarina e no Brasil.

Sua inteligência brilhante marcou a personalidade que todos passamos a admirar. É uma voz necessária dos novos projetos e à modernização das universidades brasileiras, ele que, em 1993, introduziu a atualização dos currículos e o sistema de avaliação dos cursos.

Primeiro reitor eleito pelo voto direto no Brasil, assumiu, ao terminar a gestão 1984-1988, o cargo de Secretário de Educação Superior no MEC, muito se dedicando às questões relativas ao Estado de Santa Catarina.

A sua competência administrativa, o seu carisma como pessoa, fizeram-no eleger-se, para a gestão 1996-2000, já no primeiro turno, de um escrutínio que nos permitiu tê-lo, mais uma vez, companheiro bem próximo dos projetos universitários. Amigo nas lides dos caminhos pelos quais optamos, tenho, pelo Rodolfo Pinto da Luz, profundo respeito pela autoridade que ele tem sabido ser, na sua vocação, no seu trabalho de inestimável qualidade profissional.

A Universidade do Vale do Itajaí cumpre o grato dever de cumprimentá-lo, na certeza de que, mais uma vez, será brilhante em todos os seus ofícios.

Edison Villela  
Reitor da Univali

*Maracanaú/CE*

## FOLCLORE DE SANTA CATARINA

Da boa terra da Desterro, assim chamada noutros tempos a belíssima e aconchegante Florianópolis, Capital do não menos aprazível Estado de Santa Catarina, chega-me mais uma edição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, editado graças ao hercúleo esforço intelectual e físico do escritor Doralécio Soares, um patrimônio inestimável da intelectualidade brasileira, especialmente no que diz respeito ao desvelo pelos estudos e pesquisa do folclore. Esta edição contou com o apoio do governo daquele Estado, através da Imprensa Oficial.

Doralécio é incansável nesta labuta. Não teme, não desanima, não queda ante os óbices que se interpõem em sua caminhada de defensor do nosso povo e dos nossos costumes. A prova está aqui. O Boletim em tela, correspondente à produção cultural de 1998, é um repositório de registros históricos, de textos analíticos, comentários, informações, missivas e um apanhado fotográfico de grande valor.

Santa Catarina mostra sua cara neste livro/revista: sua gente, seus costumes, com destaque para as mulheres bonitas da terra do inolvidável Poeta Cruz e Souza, com destaque para as beldades Michelli Carolina Bassim, Rainha da Festa Nacional do Pinhão; Michelle Aparecida Bastos e Kelly Batista dos Anjos, princesas dessa importante manifestação popular ocorrida, no mês de junho, na cidade de Lages. Vale ainda ressaltar a beleza de Cristiane Durieux, 23 anos, uma das duas únicas mulheres que participam de rodeios em Santa Catarina, exímia no arremesso do laço, encantando a todos em seu corcel.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore é enriquecido também com artigos e poemas que atestam a qualidade da produção literária e científica daquela entidade tão bem dirigida por Doralécio Soares. Estão de parabéns os que realizam esse trabalho exemplar e digno de ser seguido pelas demais comissões de folclore de todo o País.

Artigo do Jornalista Barros Alves, da Folha de Maracanaú,  
Estado do Ceará, 28/07/2000.



## COMISSÃO GAÚCHA DE FOLCLORE

criada em 23 de abril de 1948, vinculada à Comissão Nacional de Folclore  
CGC 02 279 554/0001-03

Sede: Av. Amazonas nº 1.396/01 - Bairro São Geraldo - CEP 90240-542  
Porto Alegre/RS/Brasil  
Fone/Fax: (51) 222-0832

Of. Nº 013/2001

Porto Alegre, 05 de março de 2001.

Senhor Presidente Doralécio Soares,

Apraz-nos cumprimentá-lo neste ano que inicia o novo milênio e para o qual decidimos efetivamente investir na formação de docentes e de outros recursos humanos (monitores, programadores culturais, animadores culturais, auxiliares de pesquisa) que podem se constituir em preciosos elementos que, articulados com os diferentes sistemas de ensino, fomentem a valorização do folclore e a inclusão de atividades pertinentes ao fazer e ao compreender a importância das manifestações de cultura popular.

Vimos, pelo presente, encaminhar a Vossa Senhoria e, conseqüentemente, à sua Comissão um exemplar do livro “Para compreender e aplicar Folclore na Escola”, elaborado por vários membros de nossa Comissão, visando fundamentar os professores do ensino fundamental para utilizarem folclore em sua programação de ensino. A obra foi editada com apoio da Comissão de Educação e Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia, da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Gostaríamos de tê-la distribuído durante o IX Congresso Brasileiro de Folclore, no entanto, por razões alheias à nossa vontade, isso não foi possível. O pré-lançamento desse

livro ocorreu somente em dezembro pp., contando com significativa solenidade por parte das autoridades constituídas.

Essa obra está disponível para venda, através de nossa Comissão, ao preço de R\$ 15,00 (quinze reais) o exemplar, acrescido das despesas de correio. Havendo interesse de adquirir maior número de livros, basta escrever-nos ou fazer solicitação via e-mail.

Com o apreço de sempre, desejamos aos colegas um bom trabalho neste 2001.

Atenciosamente,

Prof Rose Marie Reis Garcia  
Presidente

Rio de Janeiro/RJ - Ano 2001

### **Nota importante**

**Cáscia Frade** analisa com profundidade as apresentações da Folia-de-Reis em vários locais do Brasil, destacando o Estado do Rio de Janeiro, onde diz ter realizado a pesquisa **Vivendo e Aprendendo**. É um útil trabalho que reúne vários depoimentos de integrantes de grupos apaixonados pelas folias e seus membros. Ao interessado, aconselho a se dirigir à mesma, solicitando a aquisição do importante trabalho. Do Soares

*Florianópolis*



SANTA CATARINA

Florianópolis, 21 de novembro de 2000.

Prof. Doralécio Soares,

Acusando o recebimento do boletim da Comissão Catarinense de Folclore, ao tempo em que agradeço a gentileza do envio, parablenizo-o, extensivo a toda Comissão, pelos artigos enfocados, cujos registros serão fundamentais para não caírem no esquecimento histórico.

As constantes mutações que está a sofrer a nossa sociedade se faz mister a manutenção da memória de nossa cultura popular.

Atenciosamente,

Jefferson Luis Kravchychyn  
Presidente da OAB/SC

*Florianópolis/SC*

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina  
tem a satisfação de convidar V. S<sup>o</sup> e Ilma. Família  
para o lançamento do livro:

**POVOADORÉS DA FRONTEIRA**

Os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil.  
de Maria Bernardete Ramos Flores

Dia 15 de março de 2001, quinta-feira, às 18h  
Galeria de Arte da UFSC  
Campus Universitário - Trindade  
Florianópolis - Santa Catarina

*Belém do Pará/PA*

**NOTA DE FALECIMENTO**

Maria Brígido dos Santos, figura de destaque nos meios culturais do Estado do Pará, falece tendo ainda muito para dar ao seu Estado. Presidente da Comissão Paraense de Folclore, à qual se dedicava com empenho, mantendo em dia o seu Boletim, órgão representativo da Comissão, com um grupo de colaboradores dos mais destacados. A importância cultural dos

trabalhos no mesmo publicados fez com que transcrevêssemos a “Estória do Boto (Malhado) na Baía do Sol”, de Pedro da Rocha Silva. Vários foram também os trabalhos de Maria Brígido em nosso Boletim publicados.

A Comissão Catarinense de Folclore, registrando o falecimento da ilustre colega, o faz, pesarosamente, levando à Comissão Paraense de Folclore o seu voto de pêsames.

Joinville/SC

## FESTIVAL NACIONAL DE DANÇAS FOLCLÓRICAS

JORNAL A NOTÍCIA

*De Joinville/SC - 24/06/2000*



O Festival Nacional de Danças Folclóricas vem se consolidando, e proposta é abrir espaço para latino-americanos.

## FOLCLORE PRECISA SER MAIS DIFUNDIDO NAS COMUNIDADES

Conclusão é dos participantes do 3º Festifolk em Blumenau

**Blumenau** – O folclore precisa ser mais difundido nas comunidades, especialmente nas escolas, mas não pode correr o risco de banalização, que muitas vezes transforma a pesquisa cultural em shows visuais. Essa foi uma

das preocupações apresentadas pelos dançarinos e professores que participam do 3º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau (Festifolk), na palestra sobre folclore e educação coordenada pelo professor Gustavo Pereira Côrtes, da Universidade Federal de Minas Gerais.

A discussão que se seguia à palestra provocou depoimentos acalorados sobre a forma como os arte-educadores têm incluído o folclore nas comunidades estudantis. Entre os grupos há uma preocupação de não transformar a dança tradicional em espetáculo sem fundamentos técnicos e de evitar o contato dos alunos com o falso folclore, que se baseia apenas em movimentos visuais. Côrtes afirma que o folclore não pode ser apresentado nas escolas apenas como uma festa junina, quando representa um recurso rico para o estudo de conceitos, origens e significados de uma cultura, levando à pesquisa de perfil e comportamento sociais de um povo.

O Festifolk entra na reta final surpreendendo o público com a qualidade dos espetáculos e a riqueza, tanto das coreografias quanto dos trajes apresentados pelos 31 grupos participantes. Até amanhã serão mais de cem números exibidos pelos 850 dançarinos de sete estados. Mesmo com o frio intenso, a média de público que confere as apresentações no pavilhão A da Proeb é de 2,5 mil pessoas por noite, mas o Festival atinge um número bem maior com as programações alternativas em praças públicas e terminais.

Hoje, as apresentações na Proeb iniciam às 19h30min, reunindo no palco os grupos de etnia gaúcha de Farroupilha/RS e Corupá/SC; a dança russa da Academia Boa Forma de Piçarras/SC; o folclore alemão do Blumenauer Volkstanzgruppe e do Volkstanzgruppe Eintracht, ambos de Blumenau/SC; além do aplaudido Grüne Stadt, de Maringá/PR.

## COREOGRAFIAS

Também entram no programa de hoje a dança ucraniana do Grupo Kalena, de União da Vitória/PR; o Balé Deveras, de Recife/PE, com coreografias de maracatu rural frevo; o Grupo Italiano Valsugana, de Criciúma/SC; o tango argentino do Grupo Renascer, de Farroupilha/RS; o Grupo Açoriano Entre Parentes, de Joinville/SC; e as danças latino-americanas do Grupo de Tradição Rio Grande do Sul, de Porto Alegre/RS.

Uma das atrações por mais aguardadas é a exibição do Grupo Ucraniano Zoriá, de Ponta Grossa/PR, que todos os anos apresenta um repertório novo para levantar a platéia.

Amanhã, o Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau encerra com uma tarde inteira de espetáculos a partir das 13 horas. Serão 21 apresentações, fazendo um grande resumo do que foi o evento deste ano. De acordo com a coordenadora, Maria Teresinha Heimann, a cada ano o Festival se consolida pelo nível das pesquisas e qualidade dos espetáculos, mas nesta edição o que se destaca é a diversidade das etnias. “É um festival que cresce para mostrar o que é o folclore do Brasil”, afirma.

A proposta do Festifolk não é apenas mostrar folclore como show, mas envolver a comunidade com informações sobre o resgate de culturas a aprofundar estudos sobre o tema. Com isso, o envolvimento dos grupos na organização é cada vez maior e, segundo Teresinha, para os próximos anos a dança vai ganhar reforços na culinária, na música e no artesanato para divulgar as origens e significados de cada manifestação folclórica. A idéia é também abrir o Festival a grupos de países latino-americanos.

## NA RUA DA PEDREIRA<sup>1</sup>

Maura Soares<sup>2</sup>

Na Rua da Pedreira, onde nasci, carros não passavam, então, a brincadeira era livre. Casas geminadas, à moda açoriana. Muitas vezes, quando as vozes vizinhas se alteravam, poder-se-ia ouvi-las através das paredes de estuque e tijolos.

Residiam, além dos Soares - minha família -, os Silva Furtado, os Bastos, os Vieira, os Sobierajski dos Santos, os Zilli, os Ligocki, e outras três famílias que, neste momento, não recordo os sobrenomes.

---

<sup>1</sup> Rua General Bittencourt. O texto fala do trecho compreendido, atualmente, pela Delegacia do Trabalho e o rio da Avenida Hercílio Luz (antigo Rio da Bulha).

Pela rua passavam os romeiros da Procissão de Passos, encurtando o caminho, pois a procissão seguia da Irmandade/Hospital de Caridade pela Rua Tiradentes e, como esta era e ainda é estreita, os fiéis cortavam caminho pela Víctor Meirelles - esquina da Rua da Pedreira -, em direção à Catedral Metropolitana, onde aconteceria o ato litúrgico.

Muitas vezes ficava eu à porta de casa apreciando aquela procissão paralela a subir nas pedras da rua.

Como era imprópria para carros, todos que por ali passavam o faziam a pé, dando, assim, oportunidade de se cumprimentarem e falarem uns com os outros nem que fosse sobre o tempo. Os eventuais carros que se atreviam a passar, só chegavam até minha casa. Tinham que fazer o retorno em direção à Avenida Hercílio Luz. O único que se atreveu a descer as pedras motorizado foi o Juancito Ganzo, filho do Coronel Ganzo, dono, à época, da Empresa Telefônica Catarinense. Mas isto já outra história.

Por ali também passavam os vendedores ambulantes, tanto os que vendiam legumes e verduras - com cestos suspensos em varas aos ombros - quanto os que vendiam broas, biscoitos, bom-bocado (doce com coco), puxa-puxa (caramelo queimado com açúcar) e canja-americana (uma espécie de bala de cor amarela - uma delícia!).

A Rua da Pedreira era uma gostosura para a gurizada. Meninas e rapazes, sem nenhum preconceito, brincavam de correr, de pega-pega, subir em árvores da avenida, pegar piava no canal da Avenida Hercílio Luz, mocinho e bandido, cinco-marias, bola de vidro, arremesso de tampa de garrafa, taco (uma variação do beisebol) e, naturalmente, futebol, numa cordialidade que, às vezes, acabava em sopapos, mas, em seguida, a paz renascia.

Perto, na Rua Tiradentes, ficava a Padaria Moritz e, nos fundos dela, a Fábrica de Balas Rocôco. Lembro-me do incêndio na fábrica, não sei precisar a data. Os vizinhos e nós ajudamos a guardar as latas com as balas salvas do incêndio, impedindo com isso o saque. Não me recordo de termos sido recompensados pelos Moritz desse gesto de solidariedade, pois sequer uma bala minha mãe deixou que nós pegássemos, dizendo que não era nosso, não era para pegar. Uma prima de minha mãe, a “Bêga”, trabalhava na seção de embalagens e, essa sim sempre trazia balas para nós, quando terminava o expediente e sobravam as balas que não saíam perfeitas.

Balas Rocôco! Como eram gostosas, com coco e cobertas de chocolate! Além das balas Rocôco, também saboreávamos umas balas azedinhas em forma de Lua, sabor laranja. Só em pensar dá água na boca!

O trecho da Rua da Pedreira, onde nasci, só tinha um lado com casas. O outro lado era tomado pela construção do 5º Distrito Naval. Hoje abriga uma repartição federal. A rua ainda é interrompida pelo canal da Avenida Hercílio Luz e continua até a Avenida Mauro Ramos, com casas ou edifícios em ambos os lados.

Minha casa era a segunda da rua. Porta e janela fronteiras. Um corredor não muito estreito ligava a sala de entrada aos outros cômodos. A sala principal foi dividida e ali meus pais dormiam quando a família começou a aumentar. No quarto seguinte as meninas, três a princípio, e, no outro, os rapazes, cinco à época em que me recordo para início desta narrativa - ano de 1954. O quarto das meninas, com camas individuais, e o dos meninos, com beliche, para melhor acomodação.

A sala de jantar. Ah! a sala de jantar! Era o lugar dos encontros, local onde se discutia política, arte, os últimos acontecimentos familiares e sociais, a recepção aos parentes. Uma cadeira de balanço ao lado do rádio marca ABC. À mesa todos se sentavam em um banco comprido de um lado, em cadeiras de outro, a fim de caber toda a família. O almoço era partilhado, a comida dividida irramente. Operário da Força e Luz (depois Elffa, depois Celesc), somente meu pai sustentava a família. O orçamento doméstico era complementado com as costuras que minha mãe fazia para fora.

Uma cristaleira em um canto, com vidro de cristal jateado e ornado de flores, em que a louça comum ficava ao lado dos poucos cristais e porcelanas. Naquela época podia-se comprar! A água para beber era colocada em um filtro de louça. O fogão, a lenha, depois substituído por um a gás. Lembro-me da carne assada de panela que minha mãe preparava no fogão a lenha.

Revejo meu pai acomodado na cadeira de balanço a ouvir o noticiário das 22 horas da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Uma voz vibrante encerrava o programa com texto de Rui Barbosa: “A Pátria não é ninguém; são todos e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia...”.

Lembro-me quando, com 11 anos de idade, já deitada para dormir, pois tinha que acordar cedo para ir à escola - já estava na 1ª série do ginásial

-, escutei, naquela noite de agosto de 1954, o noticiário sobre o suicídio de Getúlio Vargas, “o presidente dos trabalhadores”, como muitos diziam. A notícia chocou meu pai e todos fomos solidários com ele. Pouco entendia, à época, o acontecido. Revejo agora na minha lembrança e analiso este que foi um fato marcante para a política brasileira, até hoje sendo lembrado e estudado.

Nossa casa era o lugar de acolhida dos parentes que vinham do interior para se tratarem com os médicos da Capital. Era um fato: se algum parente viesse a Florianópolis, mesmo que a passeio, e não fosse em minha casa, é como se não tivesse visitado a cidade.

No verão, a vizinhança se reunia nas calçadas. Colocavam cadeiras e ali ficavam a conversar. O Terno-de-Reis e a brincadeira do Boi-de-Mamão eram apreciados. A comemoração do Carnaval, para nós, era fácil. Assistíamos ao desfile das escolas e blocos (Protegidos, Copa Lord, Bloco da Escola de Aprendizizes e Marinheiros, Bororós) e dos carros alegóricos e de mutação dos Tenentes do Diabo, Granadeiros da Ilha, sem ficarmos horas esperando.

Munidos de cadeiras para melhor apreciar, quando ouvíamos o batuque da primeira escola que fazia o percurso ao redor da Praça XV de Novembro, dirigíamo-nos à festa. Esse período do Carnaval, dos anos 50 a 60, foi, a meu ver, o melhor que eu pude assistir. Hoje em dia assisto 5 a 10 minutos pela televisão, e já acho muito.

Em 1956 e 1958 nasceram os meus irmãos caçulas. A família ficou assim: pai, mãe, quatro mulheres e seis homens. Minha mãe ainda engravidaria de um outro menino, porém ao atender uma menina vizinha, que havia contraído varicela, pegou o vírus e o bebê nasceu morto.

Superadas as dificuldades que toda família de classe remediada enfrenta, todos nós estudamos e nos formamos em faculdade, menos um que fez somente até o segundo grau. Porém este custeou o estudo do filho mais velho, que já é odontólogo e exerce a profissão em Tijucas. O filho do meio graduar-se-á em Comércio Exterior e o caçula em Administração de Empresas.

Por termos sido criados e morarmos na Rua da Pedreira - até 1969 -, quando, então, em dezembro desse ano nos mudamos para o Bairro Abraão, não sofremos o estresse de rua movimentada e pudemos usufruir livremente do espaço para as brincadeiras, pernas raladas nas pedras e areão. Pudemos

sentir a cordialidade dos vizinhos, as conversas, o auxílio quando em época de doença ou precisão material, ou seja, a camaradagem de todos.

Enfim, vivi numa época boa de Florianópolis, em que um vizinho era valorizado não pelo que possuía em bens materiais, mas pelo carinho e apoio que sempre entregava aos semelhantes.

Viver na Rua da Pedreira foi marcante. Pena que o progresso esteja acabando com estes valores.

Florianópolis, 23 de maio de 2000.

<sup>1</sup> Rua General Bittencourt. O texto fala do trecho compreendido, atualmente, pela Delegacia do Trabalho e o rio da Avenida Hercílio Luz (antigo Rio da Bulha).

<sup>2</sup> Membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Presidente do Grupo de Poetas Livres (gestão 2000/2002).

*Lages/SC*

## BREVES NOTAS SOBRE SUA FUNDAÇÃO

(1) Patrícia Cris Gobetti

Lages e sua história apresentam singularidades no contexto catarinense. Estas terras pertenciam inicialmente às tribos indígenas das nações Xokleng e Kaingang. Posteriormente, com a abertura dos caminhos das tropas, alguns tropeiros se estabeleceram na região.

Lages foi durante muito tempo pouso dos tropeiros, servindo como ponto de apoio e ligação entre o Rio Grande do Sul e as feiras de Sorocaba/

---

\* - Mestre em Sociologia Política pela UFSC.

<sup>1</sup> Antônio Corrêa Pinto de Macedo já conhecia esta região, possuindo fazendas nos campos de Lagens. O mesmo, além de fazendeiro na região, era também tropeiro (dono das tropas).

SP, destino comercial de grande parte das tropas que por aqui passavam. Por muitos anos, em Lages, o tropeirismo foi componente importante na vida econômica e social da região, juntamente com a agropecuária.

A fundação oficial da Vila, da povoação de Lages, ocorreu em 1766, quando se instalou na região Antônio Corrêa Pinto de Macedo<sup>1</sup>, nomeado Capitão-Mor pelo Morgado de Matheus e incumbido de iniciar a povoação na região.

A fundação de uma vila nesta região fez parte de uma estratégia de ocupação e povoação promovidas pela Capitania de São Paulo. A futura povoação deveria se localizar num ponto estratégico, para, por um lado, servir como ponto de defesa do território frente às possíveis expansões do território espanhol (Tratado de Tordesilhas). Por outro lado, começava a crescer o mercado consumidor na região Sudeste e Nordeste, havendo grande necessidade de gado de corte e de muares (mula, utilizada em larga escala como meio de transporte). E uma povoação nesta região, serviria como ponto de apoio a este mercado, ficando entre o Rio Grande do Sul (centro produtor) e São Paulo (centro de comercialização e consumo).

Além destes aspectos, contribuiu para o crescimento da povoação na região um “indulto” concedido às pessoas que tinham dívidas econômicas ou respondiam a crimes de diversos tipos. Por este indulto teriam perdão de seus crimes. Assim, nos primeiros anos se estabeleceram na região diversos indivíduos refugiando-se de crimes e dívidas anteriores. Após alguns anos este indulto foi revogado. Nesta mesma época ocorre um esvaziamento demográfico na nascente povoação.

Com a incumbência de formar uma vila nesta região, Antônio Corrêa Pinto se dirige para os campos de Lagens em meados de agosto de 1766, acompanhado de sua família, empregados, escravos e aproximadamente oito ao nove famílias.

A povoação de Lages não começou pelo atual local. O primeiro local, escolhido para levantamento do povoamento foi Taipas, que fica numa parte da Chapada do Cajuru (palavra de origem indígena que significa boca do mato). Há várias hipóteses sobre a inadequação do local escolhido para fundação da cidade, entre elas a escassez de material para construção, a falta de água e motivos políticos ligados à proximidade com a fronteira do Rio Grande do Sul.

O próximo local escolhido foi as margens do Rio Canoas, distante 50 quilômetros do antigo local, o qual também se mostrou inadequado para o desenvolvimento de uma povoação.

Às margens do Rio Cahará iniciou-se a terceira tentativa de povoação, que é o atual local da cidade de Lages. O nome escolhido para a Vila foi Nossa Senhora dos Prazeres do Sertão das Lagens. Nossa Senhora dos Prazeres é padroeira de Lages. Em 22/05/1771, Lages foi elevada à categoria de Vila, sendo erguido para tanto o Pelourinho<sup>2</sup>, nesta ocasião é também demarcada a área urbana da Vila. Posteriormente, em 09/09/1860, o território de Lages é anexado ao Estado de Santa Catarina, desmembrando-se de São Paulo.

A agropecuária foi a principal atividade econômica da região até meados da década de 40, quando começa a exploração das araucárias na região, passando a se estabelecer aqui diversas madeireiras. Do final da década de 40 até meados dos anos 60, a madeira passa a ser o principal produto econômico da região.

A indústria madeireira representou para a região uma transformação intensa, com Lages por um lado se integrando de forma mais efetiva numa divisão regional do trabalho, bem como representou um aumento do sistema viário, da prestação de serviços, dinamizando, assim, o comércio e a indústria (Munarim, 1990). Começa-se a pensar um modelo de desenvolvimento urbano-industrial para Lages.

É neste período que Lages passa por um intenso processo migratório, de crescimento populacional. Nestas décadas a cidade se constituiu num centro de atração populacional em nível regional. Este crescimento aos poucos e desordenadamente caracteriza Lages, hoje, como uma cidade de porte médio.

Muitas das pessoas que se deslocaram para o centro urbano de Lages são do próprio município e da região Serrana. Durante a exploração intensiva da madeira, houve uma grande migração de descendentes de italianos que vieram trabalhar nas madeireiras ou em serviços de apoio à indústria madeireira.

---

<sup>2</sup> O Pelourinho é o símbolo de outorga do foral de vila à povoação.

Observa-se que, com a indústria madeireira, o modelo de desenvolvimento para a localidade começa a ser alterado. A “cidade” passa a concentrar uma parcela maior de atividades econômicas, bem como populacional.

Neste novo modelo de desenvolvimento que inicia em Lages, temos dois períodos marcantes:

1) O período de alta exploração da atividade madeireira, a partir do final da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 60, período no qual observamos um grande crescimento populacional e econômico na cidade;

2) O segundo período corresponde ao declínio da produção madeireira na década de 60 e à busca de novas alternativas econômicas. Neste período a economia municipal começa a enfrentar sérios problemas. Por outro lado, o crescimento da cidade em termos populacionais aumenta consideravelmente.

Atualmente a economia de Lages é mais diversificada, e nos últimos anos tem se verificado um grande crescimento populacional e urbano. Lages possuía em 1991 (IBGE) 151.100 habitantes, sendo que destes 157.169 habitantes moram na cidade. E com os possíveis desmembramentos de alguns distritos predominantemente agrícolas, a população do município viverá predominantemente na área urbana.

Lages possui uma rica e diversificada cultura. Diversos grupos de tradições culturais diferentes aqui convivem e estão recriando e produzindo a diversidade e especificidade de nossa terra. Cultura, que transparece no modo de falar, de receber as pessoas, do chimarrão, da cozinha de chão, das danças, das tradições, das comidas, do estilo arquitetônico, religião, símbolos de diversos grupos culturais, entre eles dos caboclos, italianos, gaúchos, africanos, alemães, sírio-libaneses e portugueses. Esta diversidade cultural transparece nas ruas, nas pessoas, no seu cotidiano.

\* - Mestre em Sociologia Política pela UFSC.

<sup>1</sup> Antônio Corrêa Pinto de Macedo já conhecia esta região, possuindo fazendas nos campos de Lagens. O mesmo, além de fazendeiro na região, era também tropeiro (dono das tropas).

<sup>2</sup> O Pelourinho é o símbolo de outorga do foral de vila à povoação.

## **Bibliografia**

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens**. V. 1. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura. 1982.

MUNARIM, Antônio. **A Práxis dos Movimentos Sociais na Região Serrana**. Florianópolis: UFSC. 1990.

(1) Patrícia Gobetti é membro da Comissão Catarinense de Folclore.

Lages, setembro de 1995.

NOTICIÁRIO CULTURAL - Jornal A Notícia de Joinville

*Belo Horizonte, 27 de agosto de 1998*

## **De Sônia Pillon de Figueiredo para Doralécio Soares**

Prezado Doralécio,

Pelas mãos do nosso mestre e amigo comum, Saul Martins, chegam-me dois exemplares do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore nº 48, dez./1996. Um para mim, para o meu arquivo particular, e outro para o Aruanda.

Demorei em fazer a comunicação do recebimento e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe a gentileza de mo enviar, devido a fatores alheios a minha vontade. Fiquei bastante tempo sem ir à casa do Saul.

Como sempre, o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore traz matéria variada e de grande utilidade para quantos se dedicarem ao estudo da cultura do popular, das manifestações folclóricas. Vou ler com calma, aos poucos.

Li o trabalho sobre “engenho de farinha”. Está muito bom. Lembrei-me de meu tempo de rapazinho na fazenda de meu pai, denominada

“Mangueira”, onde se fazia farinha. Para mim era uma festa. O vaivém do carro de boi carregado de mandioca, cantando, cantando. Boiada bonita, quatro juntas. Depois o trabalho de raspar a mandioca. Mulheres, crianças, homens sentados no chão de faca na mão. Enquanto se trabalhava, cantava-se e contava-se muitas estórias.

O ato de sevar a mandioca por meios mecânicos rústicos; uma roda grande com dois braços puxada por dois homens. Esta roda era ligada ao bulinete - cilindro de madeira com dentes de metal - que ralava a mandioca. Para puxar a roda precisava de homens fortes e musculosos. A mulher era sempre a sevadeira. Depois a prensa para se espremer a massa da mandioca ralada.

Era tudo rústico. Os fornos para torrar a farinha. Dois fornos de pedras porosas vindas da Bahia. No primeiro forno, cozinhava-se a massa. No segundo, torrava-se. Ao tirar a farinha já torrada, ficava o resto. A farinha bem fininha a que se dá o nome de pé-de-forno. Ficava torradinha. Gostoso para se tomar com café ou leite. Ao ralar a mandioca, fica sempre aquele pedacinho que não rala, uns toquinhos. Põe-se ao sol para secar. Depois de secos, soca-se no pilão. Obtém-se um pó gostoso para fazer bolo ou mingau. Os restos da mandioca não são ralados e o pó, depois de socado, chamamos de crueira.

A farinha era uma festa; um mutirão. Na fazenda de meu pai fazia-se a farinha no mês de janeiro. Chovia muito, não se podia campear o gado que vivia na larga. Então, dedicava-se à farinha de mandioca. A casa onde se faz a farinha chama-se rebaixa. Fica sempre num nível mais baixo, próximo à água (córrego ou vereda). No mês de julho era a época da moagem da cana; outra festa, principalmente para a criançada. Isso tudo hoje vive gravado em minha memória. Tudo se transforma.

Ao ensejo, comunico-lhe que no dia 21 próximo passado fui empossada no cargo de Presidente da Comissão Mineira de Folclore. Os outros companheiros de diretoria são: Vice, Antônio Henrique Weitzel; Secretário, Lázaro Francisco da Silva; Tesoureiro, Antônio de Paiva Moura; Conselho Consultivo: Antônio de Oliveira Mello, João Naves de Melo e Maria de Lourdes Dias Costa. O nosso Saul continua no pedestal de Presidente de Honra.

Em anexo, mando-lhe cópia de uma palestra que fiz na Academia Feminina de Letras de Minas Gerais sob o título: O Folclore em Guimarães Rosa ou a Festa de Manuelzão.

Aqui, sempre as suas ordens.

Folcloricamente,

## NOTICIÁRIO CULTURAL

Abril - 1998 - Jornal A Notícia

Acampamento reúne grupos folclóricos do Sul do País

SÔNIA PILLON DE FIGUEIRÓ

Especial para A Notícia

*Joinville/SC*

# ARTE EM MOVIMENTO 19º FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE

## O Festival

Responsável por grande parte do escoamento produção das escolas de dança do Brasil, o Festival de Dança de Joinville consolida-se como o maior concurso de estudantes de dança da América Latina, envolvendo também bailarinos amadores e profissionais. A 19ª edição do Festival será realizada de 18 a 28 de julho de 2001 e deve reunir cerca de 4 mil participantes e atrair um público de 50 mil pessoas, que assistirão aos espetáculos realizados no Centreventos Cau Hansen e na Sociedade Harmonia Lyra.

Promovido pelo Instituto Festival de Dança de Joinville, o Evento é mantido com o apoio de patrocinadores, via Lei de Mecenato do Ministério da Cultura, e com recursos próprios obtidos com inscrições e bilheteria.

### A Programação

Durante as onze noites do Festival sobem ao palco do Centreventos Cau Hansen **companhias convidadas**, apresentando espetáculos inéditos ou já consagrados pela crítica, e **grupos concorrentes**, com trabalhos inscritos em oito modalidades:

Ballet Clássico de Repertório,

Ballet,

Dança Contemporânea,

Jazz,

Dança de Rua,

Danças de Salão,

Danças Folclóricas, e

Sapateado,

subdivididas em três categorias:

júnior, sênior e avançado.

Durante o 19º Festival serão realizados vários eventos paralelos, entre os quais se destacam:

**Mostra de Dança Contemporânea:** realizada pela primeira vez em 2001, o Evento é um espaço destinado a **grupos e bailarinos profissionais** que trabalhem com produção em dança, utilizando novas linguagens, técnicas mistas ou propostas cênicas experimentais, sem condicionamentos estéticos ou limite de tempo;

**Festival Meia Ponta:** criado em 2000, o Evento é destinado a



crianças de 10 a 12 anos, que competem nas modalidades: Ballet Clássico de Repertório, Ballet, Danças de Salão e Danças Folclóricas;

**Palcos alternativos:** durante todo o período do Festival serão realizadas diversas apresentações de grupos em palcos montados em praças, shoppings e empresas.

Outro destaque do Evento é a **programação didática** que envolve a realização de diversos cursos com renomados professores do Brasil e do Exterior. A novidade este ano é a realização de palestras que abordarão temas relacionados ao mundo da dança.

## COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE COMISSÃO NORTE-RIOGRANDENSE DE FOLCLORE

IV Seminário de Ações Integradas em Folclore  
Natal/RN - 31/08/2001

### Folclore no Terceiro Milênio\*

Roberto Benjamin

A palavra “folclore” foi introduzida nas ciências sociais através de uma carta publicada em Londres em 1846. A proposta do seu criador - William John Thoms - era a de substituir a denominação “antiguidades populares” atribuída à literatura popular, cuja pesquisa tinha o caráter de resgate do saber tradicional. Era “tarefa de recolher as poucas espigas que ainda restam espalhadas no campo, no qual os nossos antepassados poderiam ter obtido uma boa colheita”, dizia John Thoms. O foco da sua preocupação era o que

existia de curioso e interessante nas antiguidades populares, que ainda se poderia salvar com “esforços oportunos”. Prevalcia, então, a idéia de que o Folclore era constituído por sobrevivências exóticas de uma cultura em extinção. A esta cultura pesquisadores posteriores atribuíram o caráter de “rural” e “primitivo”, atribuindo-se aos portadores o caráter ágrafo e pré-lógico, no dizer de Lévy-Brühl.

Até mesmo Freud fixou a idéia de que a cultura folclórica correspondia à mentalidade dos aborígines e das crianças, fugindo - por sua natureza mágica - da concepção da lógica aristotélica vigente na mentalidade ocidental.

Várias características foram atribuídas ao folclore:

a) o **anonimato** - isto é, o fato folclórico não teria autor conhecido. Na conferência “Câmara Cascudo e os contos tradicionais”<sup>1</sup>, Braulio do Nascimento destacou que Luís da Câmara Cascudo, que adotara o anonimato como característica do folclore na coletânea **Contos tradicionais do Brasil** (1948) e em **Literatura oral** (1952), já em 1954 havia abandonado tal característica ao publicar o seu **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Esta característica, colocada em termos absolutos, tem sido progressivamente relativizada. Deixava de fora, por exemplo, o artesanato e a poesia dos repentistas, cujos autores são identificados no ato da sua criação. Aliás, todos os fatos culturais têm um autor na sua origem, embora no processo de aceitação coletiva possa haver despersonalização, perdendo-se a referência autoral. Renato Almeida, no livro **Inteligência do folclore** (1957), dizia que: “se recuarmos no tempo e conseguirmos chegar às origens, vamos encontrar sempre o indivíduo - o autor”. Assim, quando não se perdeu a referência autoral e houve aceitação coletiva, há que se considerar tal fato como folclórico;

b) **transmissão oral** - no folclore o aprendizado ocorreria, exclusivamente, por esta forma de transmissão. Tomada em termos absolutos, esta característica também exclui o artesanato e as técnicas populares. Exclui ainda a literatura de cordel e outras manifestações escritas. Caso se refira somente à fala, deixa de lado outros aspectos da cultura, onde o aprendizado

---

.Texto da palestra apresentada no IV Seminário de Ações Integradas em Folclore, em 31 de agosto de 2001, acrescido de observações resultantes das intervenções do público.

<sup>1</sup> Proferida na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 1998.

se dá de outras formas, como através da observação e da iniciação ao trabalho. Por outro lado, estudos no âmbito da literatura popular vêm redimensionando o conceito de oralidade a partir da constatação da existência de matrizes escritas na transmissão oral, isto é, o que se presumia que houvesse sido transmitido oralmente, teve uma fase de transmissão através da escrita (como em alguns contos populares) e até mesmo através do cinema (de que é exemplo a história da Cinderela). Luís da Câmara Cascudo demonstrou, pioneiramente, a existência de matrizes escritas no estudo publicado sob a denominação de “Os cinco livros do povo”;

c) **antiguidade** - para alguns folcloristas, ser antigo era condição do fato folclórico. A sua significação era entendida ao pé da letra: velho, vetusto, entrado em anos. Como lembra Paulo de Carvalho-Neto, “antiguidade” chegou a ser “sinônimo de ciência folclórica”, negando-se o reconhecimento da criação de novos fatos folclóricos - o chamado “folclore nascente”, como as lendas e mitos urbanos, de que é exemplo, em Pernambuco, “a perna-cabeluda”. Aceitar a condição da antiguidade é negar - hoje - às pessoas do povo a capacidade criativa. Certamente ninguém duvidará que um escritor erudito crie um conto ou um poema novo. Ao criador popular, se deveria negar tal possibilidade?

Estas concepções não foram substancialmente alteradas e ainda encontramos os seus resquícios em obras recentes de folcloristas brasileiros. Na verdade, são concepções de natureza etnocêntrica, isto é: de pessoas que se consideram o centro do mundo e observam as idéias e as práticas alheias a partir de suas próprias idéias e práticas, tomadas como absolutamente corretas e modelares, a serem impostas em termos universais. Mas, vale destacar, de logo, que entre os folcloristas brasileiros, Câmara Cascudo, Renato Almeida e, especialmente, Edison Carneiro tiveram sempre posições opostas a estas propostas etnocêntricas.

Foram os trabalhos destes e de outros folcloristas que fizeram evoluir, no Brasil, as concepções sobre o que é o folclore. Reunidos, na cidade do Rio de Janeiro, no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, declaravam na Carta do Folclore Brasileiro<sup>2</sup> que

---

<sup>2</sup> Congresso Brasileiro de Folclore (8. : 1995: Salvador, BA). Anais. Rio de Janeiro: UNESCO, Comissão Nacional de Folclore, 1999, pp. 249, 223 e ss.

“constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica”.

Considerava, também, que deviam ser reconhecidos como realidade folclórica os fatos sem o fundamento tradicional, bastando que apresentassem a característica de aceitação coletiva e que fossem essencialmente populares, anônimos ou não, isto é: caíam os atributos de **antiguidade, oralidade e anonimato**, ficando relativizada a condição de **tradicionalidade**, consagrando a **aceitação coletiva** como a característica marcante do fato folclórico. Na prática, porém, muitos folcloristas continuaram apegados àquelas características rejeitadas no Congresso de 1951.

Já na releitura da Carta, realizada em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunidos em Salvador (BA), os folcloristas brasileiros adotaram o conceito de que Folclore é: “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade”<sup>3</sup>.

Esta conceituação segue a orientação da recomendação da UNESCO sobre a Salvaguarda do Folclore, definida na reunião de Praga (República Tcheca) em junho de 1995.

As características de aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade têm sido entendidas da seguinte maneira:

a) **aceitação coletiva** - isto é, que seja do gosto, do agrado coletivo, de prática generalizada. Esta característica tem sido usada na reinterpretação do anonimato. Para alguns folcloristas, a criação de um autor conhecido passa a ser folclórica quando há **aceitação coletiva**, quando passa a ser considerada patrimônio comum do grupo e ocorrem adições, variações e reinterpretações. É também a **aceitação coletiva** que torna possível considerar folclóricos os fatos originários da cultura de elite e da cultura de

<sup>3</sup> Id. ib. p. 197.

massa que tenham sido aceitos e reinterpretados pelo povo. O nosso pastoril-religioso, que teve origem no trabalho de catequese da hierarquia da Igreja Católica, ao longo do tempo recebeu adições e desenvolveu variantes, algumas das quais se distanciaram completamente do espírito catequético, vindo a apresentar, inclusive, obscenidades, como no chamado pastoril-profano e no pastoril-masculino de deboche;

b) **tradicionalidade** - é talvez a característica básica dos fatos folclóricos; é a linha divisória que se coloca entre o popular urbano - como as canções populares que tocam no rádio - e o folclórico. A tradição é a matriz do fato folclórico, à qual as recriações e renovação devem ser fiéis. Há que se considerar, por outro lado, que há fatos tradicionais que não são folclóricos - como certas tradições cívicas, maçônicas, religiosas, etc. A **tradicionalidade** é entendida hoje como uma continuidade, onde os fatos novos se inserem sem uma ruptura com o passado, mas que se constroem sobre esse passado - são, por exemplo, materiais novos com que se refazem peças de vestuário, cuja matéria-prima tornou-se escassa ou inacessível, como as penas de ema que compunham os adereços dos caboclinhos, substituídas por plumas sintéticas; são gírias que se agregam a velhos contos; são lendas reinterpretadas; é o automóvel e o avião substituindo o cavalo e a carruagem em narrativas tradicionais; é a fotografia substituindo a escultura do ex-voto, etc;

c) **dinamicidade** - a dinâmica cultural, a evolução constante a que todos os fatos culturais estão sujeitos, não permite a admissão do entendimento do folclore meramente como uma sobrevivência do passado. Há fatos novos no folclore pela criação contemporânea do povo e folclorização de fatos, manifestações eruditas ou da cultura de massa que estão sendo contempladas com a aceitação coletiva. Algumas das matrizes da dinâmica cultural têm sido, entre nós, as migrações internas, a escolarização, a exposição à comunicação de massa e o acesso às novas tecnologias;

d) **funcionalidade** - os fatos folclóricos integram sistemas culturais, exercendo funções e, portanto, não se constituindo em traços isolados. O fato folclórico é vivenciado no contexto do social, do econômico, do político, etc. As técnicas de cestaria e de cerâmica utilitária - que tiveram o seu mercado tradicional reduzido pelo uso de objetos de alumínio e plástico - encontram a possibilidade da sua sobrevivência na mutação da função de utilitário para decorativo.

A estas características poderia ser acrescentada a **espontaneidade** - os fatos e manifestações folclóricas nascem da comunidade, não surgem de decretos e portarias; não se aprende nas escolas através de um exercício sistemático, mas com a convivência de forma quase inconsciente e progressiva. Não se trata, todavia, de se considerar o folclore como uma cultura espontânea, tal qual empregado no sentido biológico - geração espontânea. Os fatos folclóricos surgem da criação do povo a partir da sua cultura tradicional ou da hibridização com elementos de outras culturas, através da aceitação coletiva.

O folclore é universal e tradicional em seus temas e motivos que devem ser considerados invariantes. É regional e atualizado na ocorrência das variantes, que são o resultado da criatividade do portador do folclore e de sua comunidade, como tem sido demonstrado nos estudos comparativos do romanceiro e do conto popular por Braulio do Nascimento. Daí deva ser considerada a outra característica, que é a **regionalidade**. A manifestação folclórica é localizada, é própria de uma comunidade, de uma localidade, de uma vila, de um povoado; às vezes, o mesmo tipo de manifestação pode ser encontrado em localidades diferentes e distanciadas, mas a documentação e análise do fato vai mostrar que se trata de uma variante, isto é, manifestações que tiveram origens comuns, mas que foram sendo recriadas e/ou reinterpretadas em cada lugar e se diferenciaram: na culinária brasileira a moqueca é um cozido, mas, no Estado do Espírito Santo é preparada com azeite-doce, na Bahia com azeite-de-dendê e, em Pernambuco, com leite-de-coco; no Sertão, o mungunzá é servido salgado, no litoral e na região metropolitana do Recife é doce.

Os portadores da cultura folclórica não são, portanto, nem ágrafos, nem pré-lógicos e não vivem marginalizados em guetos isolados do conjunto da sociedade brasileira, ainda que o seu acesso a bens materiais e imateriais seja restrito.

Ainda que o popular esteja sendo definido contemporaneamente pelo consumo e por sua relação com as classes hegemônicas, para o estudo do folclore é indispensável prosseguir na recolha e documentação, tanto da produção espontânea do povo como da sua recriação de elementos da cultura erudita e de massa, uma vez que a globalização está sendo e será mediatizada pelos valores e práticas do folclore em nível local e regional. Tal situação

coloca os estudiosos do folclore defronte de novas realidades, para as quais será necessário o implemento de reflexões e de metodologias - de caráter interdisciplinar - a serem desenvolvidas.

A escolarização e o acesso às novas tecnologias colocam o folclorista diante de um portador da tradição capaz de realizar, ele próprio, a documentação e a análise da sua performance e das performances dos grupos a que ele esteja vinculado. Os cantadores de viola do Nordeste providenciam, eles próprios, a gravação de suas cantorias em fitas, compact disc e vídeos que são vendidos em outras apresentações, deixando para trás a época em que a preservação da sua criação dependia dos apologistas que conservavam os melhores momentos da cantoria na memória e os repassavam na oralidade. Foi, aliás, assim que nos chegou a centenária Peleja de Romano Caluête (Romano da Mãe d'Água) com Inácio da Catingueira. Já os brincantes de um grupo de folias-de-reis vêm gravando suas performances com a finalidade de avaliação do desempenho dos seus membros e de uso na iniciação de novos foliões<sup>4</sup>.

A reativação de manifestações folclóricas que se encontravam em desuso tem ocorrido em alguns casos pela ação das Comissões Estaduais de Folclore, e esta é, sem dúvida, uma tarefa a ser priorizada no trabalho dos folcloristas. Em alguns casos a reativação ou simples revitalização tem ocorrido através de um processo de refuncionalização, isto é, o grupo encontra uma nova função para uma manifestação ou processo de trabalho que se encontrava desprestigiado e em via de desaparecimento.

Um dos fatos a ser observado é o do recrutamento de grupos folclóricos tradicionais para o exercício de atividades que seriam mais bem atribuídas a grupos parafolclóricos, ou seja, à apresentação de folguedos e até danças religiosas deslocadas dos ambientes e do tempo que lhes são próprios, agenciados por órgãos oficiais e empresas turísticas.

Casos extremos de recriação de manifestações folclóricas estão ocorrendo pelo acesso de populares a acervos documentais de natureza

---

<sup>4</sup> No Congresso da INTERCOM, em 1997, realizado em Santos (SP), Célia Maria Cassiano, da Universidade de Campinas, apresentou uma comunicação sobre a utilização do videocassete por grupos de folia-de-reis que gravam as suas performances para uso em discussões de grupo e treinamento de novos membros.

fílmica, museológica ou de documentação de grupos parafolclóricos com vistas à restauração de manifestações a que os mesmos não tiveram acesso. É o que aconteceu com a cerâmica marajoara, nos arredores de Belém e outros municípios do Estado do Pará, com o retorno do carimbó e do lundu. É também o caso do Grupo Araruna, na cidade de Natal (RN).

Finalmente, um outro processo a merecer atenção é o da espetacularização das manifestações folclóricas pela pressão dos meios de comunicação de massa e do turismo. Algumas das manifestações tradicionais guardam a natureza de espetáculos que têm sido levados à exacerbação, convertendo-se em produto da cultura de massa. O exemplo mais evidente é o do Boi-Bumbá de Parintins. Preocupante, porém, é o caso de manifestações de natureza ritual reservadas aos membros de comunidades religiosas que, por seu exotismo, estão sendo cooptadas para converterem-se em eventos de massa. É o caso das panelas-de-Iemanjá convertidas em festivais para turistas.

Diante deste quadro, torna-se necessária uma nova postura liberada dos preconceitos etnocêntricos, a reciclagem das técnicas de pesquisa em trabalho interdisciplinar com a incorporação das contribuições renovadas das ciências humanas e das ciências da linguagem, o uso de novas tecnologias e equipamentos disponíveis.

. Texto da palestra apresentada no IV Seminário de Ações Integradas em Folclore, em 31 de agosto de 2001, acrescido de observações resultantes das intervenções do público.

<sup>1</sup> Proferida na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 1998.

<sup>2</sup> Congresso Brasileiro de Folclore (8. : 1995: Salvador, BA). Anais. Rio de Janeiro: UNESCO, Comissão Nacional de Folclore, 1999, pp. 249, 223 e ss.

<sup>3</sup> Id. ib. p. 197.

<sup>4</sup> No Congresso da INTERCOM, em 1997, realizado em Santos (SP), Célia Maria Cassiano, da Universidade de Campinas, apresentou uma comunicação sobre a utilização do videocassete por grupos de folia-de-reis que gravam as suas performances para uso em discussões de grupo e treinamento de novos membros.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Renato. Folclore. **Inteligência do Folclore**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957, 310p.

BALDUS, Herbert & WILLEMS, Emilio. **Dicionário de Etnologia e Sociologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, 245p.

BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do Folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editora de Sergipe, 1994, 259p.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CARVALHO-NETO, Paulo de. **Diccionario de teoria folklórica**. 2 ed. Quito-Ecuador: Abya-Yala, 1989, 247p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962, 795p. 2 vol.

\_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1984, 435p.

Congresso Brasileiro de Folclore (8. : 1995: Salvador, BA). **Anais**. Rio de Janeiro: UNESCO, Comissão Nacional de Folclore, 1999, pp. 249, 223 e ss.

Congresso da INTERCOM (1. : 1997: Santos, SP). **Anais**. São Paulo: INTERCOM, 1998.

*Imbituba/SC*



**Cantores de Folclore  
Brasileiro**



Membros da Associação Folclórica de Imbituba.

## OS BENDITOS

(texto da Afolca)

Dentro das manifestações folclóricas no litoral de Santa Catarina há cerca de trinta anos, está se popularizando na região de Imbituba, Laguna, Garopaba e Imaruí, no Sul do Estado, através do poeta e cantador Almir Martins de Imbituba, com seu Grupo Folclórico Cultura Açoriana, Os Benditos dos Santos.

Segundo o Cantador de Reis de Imbituba, Almir Martins, Os Benditos são folguedos folclóricos, espécies de “ternos” que exaltam em cantorias a vida dos santos padroeiros e como pelos seus exemplos de vida alcançaram o santo altar.

Assim, existem já gravados em documento sonoro denominado “Cantorias do Folclore Brasileiro em SC”, Benditos de Santo Antônio, Bendito de Santa Luzia, Bendito de Santo Amaro (Santo Mauro), entre tantos.

Os Benditos, destaca o poeta Almir Martins, não são cantos de Igreja, mas sim manifestações folclóricas que mostram a vida, os costumes, os milagres, a forma como alcançaram a santidade os santos da Igreja, ao contrário dos cantos sacros das celebrações da Igreja, que são apenas de louvor e pedidos de intercessão.

As Cantorias dos Benditos, conforme se pode perceber, são espécies de ternos cantados geralmente por “três” pessoas, com repentista, tripla ou tripa, e cantor solo, formando belas harmonias. Os Benditos são também cantados pelas noites nos beirados das casas e em procissões de ofertórios em celebrações e novenas.

No Sul, o poeta Almir “romanceiro de Imbituba” acaba de registrar em CD uma série de Benditos dos Santos, com mais cantorias de Reis e Divino tradicionais, além de um histórico sobre o folclore brasileiro.

Os dois Benditos abaixo são composições folclóricas com letra e música de Almir Martins que, com seu Grupo Folclórico Cultura Açoriana, tem mostrado para todo o litoral de Santa Catarina as suas Cantorias dos Benditos:

## BENDITO DE SANTA LUZIA

Letra e música: Almir Martins

Refrão

Santa Luzia

Passai por aqui

Com seu cavalinho

Comendo capim (repete)

I

Bendita louvada seja

Senhora Santa Luzia

A protetora dos olhos

Faz a noite virar dia.

Tira o cisco dos olhos

A trave da nossa visão

Defende moça indefesa

Das taras dos valentão.

Refrão

Santa Luzia

Passai por aqui...

II

Deu ordem ao carrasco nojento

O pai, mandou-lhe matar

Seu noivo era violento

Luzia não quis se casar

No pescoço foi degolada

“Estou indefesa” dizia.

Vingou Deus com forte raio

Nos olhos do pai de Luzia.

III

Com este Bendito eu peço  
Senhora Santa Luzia  
Nos livre de toda cegueira  
Proteja nossa família!

Ó protetora dos olhos  
Que reina no santo altar  
Rogue a Deus por todos nós  
Pela saúde familiar.

Refrão

Santa Luzia  
Passai por aqui  
Com seu cavalinho  
Comendo capim.

Contato com AFOLCA - Associação Folclórica Cultura Açoriana  
Poeta romancero de Imbituba

ALMIR MARTINS

Rua Manoel Miguel Inácio, 460

Vila Nova

88780-000 - Imbituba - SC

**CANTORIAS DO LITORAL  
ESTRELA GUIA**

Ó de casa dá licença  
Tá chegando a cantoria.  
Acordando o litoral  
Pra ver a estrela guia

I

Cantorias do litoral  
Folia e devoção  
A bandeira do divino, ai, ai  
Segue a estrela guia  
Três Reis Magos divinais  
Com rebecas e violas  
Anunciam, o menino, oiá...

Refrão

Santos reis e, o divino  
“santas festas profanas”  
cantorias do litoral  
folias açorianas, oiá...

II

Senhora dos navegantes,  
Ó meu São Sebastião,  
O tripa canta o fino, oiá, oiá  
De casa em casa, a folia,  
Ó de casa chega é a folia  
Repentista no beirado  
Com fitas e estandartes  
Anunciam o divino, oiá, oiá

Refrão

**TERNO DE SANTO AMARO**

Estrilho

Da santa religião  
Cidadão da caridade  
São Amaro protetor  
O Santo da humildade.  
Por ser seguidor de Cristo, ai, ai,  
Alcançou a Santidade, oiá...

I

O Senhor dono da casa  
No beirado a cantoria  
Vem lembrar o Santo Amaro  
Filho da Virgem Maria

Esta nossa cantoria  
De origem lusitana  
Vem cantar para vocês  
Esta história romana

II

Nobre cidadão romano  
Santo Mauro era um abade  
Na Igreja ficou santo  
Pela sua caridade.

É o protetor das doenças  
Que infesta a humanidade  
É lembrado no folclore  
Pela sua humanidade.

III

Santo Amaro ou Santo Mauro  
É Santo Beneditino  
Não importa o nome certo  
É um milagreiro divino.

Devotado a São Bento  
De quem era seguidor  
Trabalhava e rezava  
Pelo povo sofredor

IV

Pelos milagres que fez  
Que o mundo inteiro viu  
Seu santo nome se encontra  
Em seis cidades do Brasil

Cantemos de porta em porta  
Neste quinze de janeiro  
Pra anunciar Santo Amaro  
Este Santo milagreiro.

VI  
Foi num quinze de janeiro  
Que a Terra ele deixou  
Deu adeus ao seu mosteiro  
Foi morar com o Salvador

Com sessenta e sete anos  
Na Europa sepultado  
Santo Amaro do altar  
Olha o povo amargurado.

## Convite

O Poeta e Folclorista Imbitubense **Almir Martins** e a **Prefeitura Municipal de Imbituba**, por sua **Secretaria de Educação e Cultura**, têm a honra de convidar Vossa Senhoria e Exma. Família para o Coquetel de Lançamento do CD **AÇORIANAS** - com a participação da Associação Coral de Imbituba, Grupo Jorac e artistas imbitubenses.



**Data:** 21 de junho de 2000 (quarta-feira)

**Horário:** 20h

**Local:** Imbituba Atlético Clube

Rua Otacílio de Carvalho s/nº - Imbituba/SC

(próximo ao Ginásio de Esportes)

Almir Martins  
Poeta e Folclorista

Anaclara Figueiredo Martins  
Secretária de Educação e Cultura

Patrocínio: Prefeitura Municipal de Imbituba, Supermercados Imperatriz, Malhas Ferjú, ImbiFarma, Tareco Automóveis, Casa das Baterias, Posto Alto Arroio e Pouco Preço.

Gentileza

*Lex Graf*

IMPRESSO

## CANTIGAAO DORALÉCIO

Para o Doralécio Soares  
Homenagem de Almir Marfins e da Afolca - Associação Folclórica  
Cultura Açoriana – Imbituba/SC

Ao Doralécio Soares  
Dedico esta minha cantiga  
Que faço ecoar pelos ares  
Trovando à moda antiga.

Ao “Grande Senhor do Folclore”  
Faço esta justa homenagem  
Para que o mundo melhore  
Entendendo a sua linguagem.

Há muito correndo o Estado  
Escrevendo a nossa história  
Doralécio com o seu folclore  
É coroado de glória!

O Poeta Almir Martins  
“O Romanceiro Açoriano”  
Planta flores nos jardins  
Ao ver Doralécio, “lutando”!

Aqui em Santa Catarina  
O Folclore tem sua vez  
O Divino, Cacumbi e Chamarrita,  
O Boi-de-Mamão e os Reis.

Salve Doralécio Soares  
Nosso “Santo do Folclore”  
Que ponho em nossos altares  
Para que o nosso povo “adore”!

02 de novembro de 2000

*Recife/PE*

## CÍRIO PASCAL

O Círio Pascal, fabricado com cera de abelha (do latim “cereus” = “de cera”) significa Cristo ressuscitado. Os antigos diziam que a cera produzida pela “abelha-mãe” era sinal da sua humanidade, e a chama evocava a sua divindade. Do fogo renasce o mais belo de todos os pássaros míticos, o fênix. À medida que as chamas levam o espírito de uma, outra ave esplendorosa renasce das cinzas, simbolizando a esperança e continuidade da vida.



Florianópolis/SC



## A CADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

### *RECORDANDO LYDIO CALLADO*



A Academia Catarinense de Letras tem a honra de convidar os senhores acadêmicos, autoridades, amigos, familiares e admiradores do saudoso LYDIO MARTINHO CALLADO, titular da Cadeira nº 35, para a SESSÃO DE SAUDADE de que trata o artigo 31, § 6º, dos Estatutos, em que se reverenciará a memória do pranteado acadêmico.

A sessão será realizada no dia 15 de março de 2001 (quinta-feira), às 18h, no Auditório Othon Gama D'Eça, da Academia Catarinense de Letras, no Centro Integrado de Cultura, na Avenida Irineu Bornhausen, 5.600, Bairro Agrônômica.

Paschoal Apóstolo Pítsica  
Presidente da ACL

*Florianópolis/SC*

## LOJA MAÇÔNICA REGENERAÇÃO CATARINENSE

Prezado Irmão e Família,

“Páscoa acontece porque tu existes e vês com o coração.

Abres o teu ser e agir à ação das inefáveis graças de Deus.

Buscas tornar-te melhor e melhorar o que vês ao teu redor.

Procuras trazer a unidade e abolir a exclusão.

Imprimes em tudo o teu amor que brota da fonte infinita de Deus.

Optas pela vida, para que a vida de Deus possa acontecer.

Páscoa é assim...

Caminhar de ressurreição em ressurreição, construir a unidade da grande família de Deus.

Andar em busca de valores eternos, derrotar a injustiça, o ódio, a dor.

E este é teu programa de vida...

Desvelar o rosto paterno-materno de Deus, construir um mundo de irmãos em que a justiça e a paz se abraçam e todos possam viver unidos, fraternos, felizes num mundo de harmonia, onde reina o amor...”

A venerabilidade e os Irmãos da Loja Maçônica Regeneração Catarinense se curvam diante do Grande Arquiteto do Universo, pedindo que ilumine os passos seus e de sua família, concedendo-lhes muita saúde, força e união, podendo, assim, viver em longa vida de grandes realizações.

Florianópolis, 08 de abril de 2001.

*Florianópolis/SC, Ano 2001*

## Editorial

Esta da Revista Cofi é destinada a aguçar pelo menos dois dos cinco sentidos dos nossos leitores. Além da visão, estaremos estimulando sua acuidade olfativa, com uma matéria “Parques Nacionais - Prevenção a Incêndios Florestais”.

A série é uma das mais originais lançada pelos Correios, porque além de ser uma peça de beleza plástica reconhecida, traz o cheiro de mata queimada. A inovação conquistou o júri do 30º Prêmio Asiago, fazendo com que a série arrebatasse o primeiro prêmio na categoria “Proteção Ambiental”.

A quadra de Amyr Klink, que ilustra a nossa capa, não tem cheiro, mas é impossível para o colecionador não sentir a maresia no ar enquanto aprecia as homenagens feitas a duas importantes conquistas do navegador: a travessia do Atlântico Sul a remo e a primeira circunavegação Antártica em Solitário.

A nossa seção Linha Direta deu um giro pelo Brasil e trouxe as principais notícias das Diretorias Regionais, com destaque para o Dia do Selo, comemorado com muita festa no Piauí e Pernambuco. No Panorama internacional, os colecionadores podem conferir as novidades pelo mundo filatélico e o que há de novo no Vaticano, Bolívia, China, França, Portugal, Argentina e Cuba. Também se pode saber sobre as Audiências Públicas e da reunião da Comissão Filatélica Nacional, que definiu os temas para os selos de 2001.

E, por fim, além das tradicionais seções “Programação Filatélica” e “Selo em Movimento”, o leitor poderá desfrutar de um novo espaço na Revista Cofi: um completo catálogo dos produtos filatélicos comercializados pelos Correios.

O próximo número da Cofi fechará o ano 2000, pelo que esperamos a atenção de nossos leitores para os avanços da filatelia nesta virada de século, prometendo, no novo milênio, um trabalho mais ousado e consistente, no que se refere à beleza temática, artística e gráfica dos selos brasileiros.

Boa Leitura!

### COFI - Correio Filatélico

A Revista Cofi - órgão representativo do Correio Filatélico, transforma-se num órgão de valor extraordinário pelas informações culturais que transmite no seu nº 183 - Ano XXIII - maio e agosto de 2000. Este número tão importante que a Direção da Comissão Catarinense de Folclore achou por bem transcrever o Editorial do presente número.

*Joinville/SC*

A Prefeitura Municipal de Joinville, a Fundação Cultural de Joinville e o Instituto Joinville 150 anos têm a satisfação de convidar V. S<sup>a</sup> para os eventos comemorativos dos 150 anos de Joinville.

## **MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO DE JOINVILLE**

A Prefeitura Municipal de Joinville, a Fundação Cultural de Joinville e o Instituto Joinville 150 anos, convidam V. S<sup>a</sup> para a solenidade de inauguração da primeira etapa da restauração do Museu Nacional de Imigração e Colonização, que ocorrerá no dia 07 de março de 2001, às 17 horas. O evento integra a programação do aniversário da cidade.

As obras de restauração do Museu Nacional de Imigração e Colonização, em sua primeira etapa, foram concretizadas em parceria com a Prefeitura Municipal de Joinville, Fundação Cultural de Joinville, Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ), Ministério da Cultura e Instituto de Planejamento Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O edifício sede Palácio dos Príncipes foi tombado em 4 de dezembro de 1939 pelo então Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN).

Construído em 1870 foi, durante muitos anos, sede e residência dos administradores das terras do Domínio Dona Francisca. Em 1957 foi adquirido pela Prefeitura Municipal de Joinville. Em 1961 foi fundado o Museu Nacional de Imigração e Colonização.

Os serviços concluídos na primeira etapa consistiram na recuperação da cobertura do edifício, instalações elétricas e hidrossanitária, restauração de esquadrias, decapagem e pintura externa.

Participação da Camerata A5 de Joinville e do Barítono Douglas Hahn

## *Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville*

Rua Rio Branco, 229  
07 de março de 2001 - 17 horas



*Florianópolis/Joinville/SC*

“Interagir, conhecer, divulgar.

Proporcionar condições aos catarinenses e pessoas de outros estados que visitam a Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, para que conheçam nossa história, nossa cultura e nossa gente. Este é o propósito do projeto “Retratos de Santa Catarina”.

Acredito que, conhecendo a arte, a culinária, hábitos e costumes de nossos conterrâneos, seremos mais unidos, mais fortes e solidários na construção do novo homem e da sociedade catarinense.”

**Deputado Onofre Santo Agostini**  
Presidente da ALESC



O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Onofre Santo Agostini, e o Prefeito Municipal de Joinville, Luiz Henrique da Silveira, têm a honra de convidá-lo para o evento cultural em homenagem à arte, à cultura e às tradições de Joinville.

Dia 14 de agosto de 2001  
Galeria de Arte da Assembléia Legislativa

O Prefeito Municipal de Joinville, Luiz Henrique da Silveira, o Vice-Prefeito, Marco Antônio Tebaldi, e o Presidente da Fundação Cultural, Edson Machado, têm a satisfação de convidar Vossa Senhoria para a posse dos membros da Comissão de Coordenação para a Implantação do Complexo Cultural Antártica.

Data: 9 de agosto de 2001  
Local: Complexo Cultural da Antártica

*Belo Horizonte/MG*

## SAUL MARTINS: TROVADOR DA TERRA

Antônio de Paiva Moura\*

Saul Martins lança mais um livro *Canção da Terra* (poesia). Belo Horizonte: O Lutador, 1998. Transcorrem 44 anos do lançamento de seu primeiro livro, *A Dança de São Gonçalo*, em 1954.

“*Canção da Terra*” é dedicado à sua esposa Julinda Garcia Martins. É por começar assim, que o livro se reveste da mais alta significação, pois revela no autor a sua admirável capacidade de amar. Permita-me, caro leitor, criar um terno para definir Saul Martins. Ele é um homem “pan-amoroso”, isto é, dotado do inesgotável bem do saber amar a natureza, com sua misteriosa e imensa fauna; com sua bela e encantadora flora; com seu meio físico visível e ao mesmo tempo oculto. Ele sabe amar também o infinito indecifrável. Devota a seus amigos um amor filial; dedica-se com todo o fulgor de sua alma às instituições em que milita. É assim seu livro de poesias.

“*Canção da Terra*” é apresentado pelo acadêmico e historiador João Bosco de Castro que está impecável em sua análise dos pontos de vista estilístico e semiótico. Acrescento apenas que Saul Martins resgata, com este livro, o humanismo romântico que vem sendo destruído pelo torpe materialismo e pelo cego individualismo de nossos dias.

A vocação poética de Saul Martins o fez estilisticamente eclético, com passagem pelo Parnasianismo, como atesta o poema “*Perfeição*”. Soneto em rima rica: mimosa com lacrimosa -sonhador com trovador - rosa com formosa - valor com amor. Além disso, visita o Simbolismo, ponto forte da poesia mineira do começo do século que agora chega ao fim. Nunca o sentimento esteve tão valorizado como no Simbolismo, presente em Saul Martins no poema “*Carta íntima*”: (...) - Meu triste amigo: há muito pão cruel/Que nós comemos sem sentir o fel (...). Mas, encerrando esta resenha, quero apenas dizer que o ecletismo de Saul Martins é uma qualidade muito própria dos mineiros. O ecletismo significa o veio conciliador, sem o qual não há amor.

\*Membro Efetivo/Tesoureiro da CMFL

CARRANCA • Fevereiro de 1999

*Jataí/GO*

A Secretaria de Cultura e Turismo, através do MAC, convida para a exposição de artistas jataienses e para a inauguração de um bazar de artesanato em comemoração aos aniversários da Cidade e do Museu de Arte Contemporânea.

Rua Castro Alves, esquina com Zeca Lopes  
Jataí/GO

Folha de Pernambuco - Recife, sexta-feira, 24 de dezembro de 1999

## A DANÇA PARA O MENINO DEUS



**Grupo de Sertânia repete tradição e dança Folia-de-Reis, no Natal, antecedendo o nascimento de Jesus Cristo.**

Sebastião Araújo

Os Reis Magos vêm vindo de mansinho, num passo lento. Nas mãos, os três conduzem presentes nobres. O colorido das coroas que trazem nas cabeças e das roupas vão brilhando por onde passam. Levam a esperança em ver pela frente o tão sonhado objeto da busca: o Menino Deus. O cortejo

é enorme e tem um caminho a seguir. As figuras imponentes despertam curiosidade do povo. Passam rindo, contentes, com a certeza de que, logo mais à noite, encontrarão o que procuram. Até lá, vão seguindo e dançando a Folia-de-Reis.

São doze casais ao passo da Folia-de-Reis. Toda uma corte, nos moldes antigos, é remontada para dançar o folguedo que, nesta época do ano, ganha uma maior representatividade por celebrar, justamente, o nascimento do Menino Jesus. Estão na comitiva o rei e a rainha, o bobo da corte, oito casais de nobres, e até a gente do povo, numa ala montada especialmente para ela ao lado de um grupo de foliões, que contagia a todos com a sua alegria.

No meio do grupo, o mestre e contramestra puxam cantigas e balançam os maracás. No contexto da folia, um maracá serve para espantar o male o outro para espalhar o bem.

A Bandeira do Divino antecede o cortejo e, à frente dela, a estrela-guia vai indicando o lugar onde terá nascido o Menino Deus.

Os figurinos são luxuosos. Veludos, strass, lamê, cetins bordados com lantejoulas e pedrarias; muito brilho e colorido. Por trás de cada fantasia, um sertanejo de Sertânia revive a história do grupo que dança antecedendo o nascimento de Jesus Cristo. O grupo de dança, coreografado e dirigido por Elizabete Freire, 53, existe há 13 anos e, a cada Natal, repete o ritual da Folia-de-Reis, que se repete todo ano no América Esporte Clube, em Sertânia.

São 24 dançarinos, com média de idade de 20 anos, bonitos e descendentes da classe média da cidade, dançando pelo simples prazer de amor à arte. “Para nós, dançar é um ato de amor, e está acima de tudo”, filosofa Elizabete Freire, orgulhosa pelo grupo.

Florianópolis/SC

Noticiário Cultural – Ano 2001

## Jornal “A CIDADE”

O Jornal A Cidade, no seu segundo ano de existência, já no nº 21, tornou-se por hábito a leitura preferida dos habitantes ou pessoas residentes na Grande Florianópolis. Com uma gama de colaboradores dos mais diversificados assuntos, trouxe aos que o lêem uma vantagem excepcional de tomarem conhecimento de assuntos relacionados com o que acontece no decorrer do mês em suas edições. São destacados em suas páginas assuntos de suma importância, colocando os seus leitores a par dos aspectos focalizados pelos colaboradores. São artigos de jornalistas que já penduraram as “chuteiras”, e os novos que se iniciam no *metiê*.

O Editorial de Kalyta Camargo tem focalizado aspectos evidentes, positivos mesmo.

Com informações ao leitor das mais úteis, esse Jornal passou a ser necessário como um mensário das informações cotidianas. A equipe liderada por Luís Antônio Mendonça, Kalyta Camargo, Isaias J. Pinto, Juarez Bastos, Pedro Cherem, o fotógrafo Luiz Brigido e os colaboradores Nereu do Vale Pereira, Maria da Graça Coelho, Fabiana Valle de Souza, Hezio da Paz Dutra e Ayres Melchides Ulysséa, fecha o conceituado mensário com chave de ouro.

*Blumenau/SC*

### Opúsculo Blumenau em Cadernos

Blumenau em Cadernos com texto de Karl Kleine, entre outros, reúne informações completas sobre Blumenau.

Blumenau da economia de subsistência à industrialização: Luiz Vandellino Columbi, Historiografia: Maria do Carmo Gulart. Memórias - Carnaval em Blumenau: Grete Baumgarten Medeiros. Pesquisas e Pesquisadores: Enchente no Vale do Itajaí: obras de contenção: Nilson Cesar Fraga. Crônicas do Cotidiano/Cheiro de Goiaba/Férias no Sul: Urda Alice Krüger. Autores catarinenses: Escritor do Ano 2000/Plinio Doyle/“Círculo de Mistérios”, “Romance Caipirista”, inspirado no Contestado/Egon Schaden/ONG: Vale do Itaguaçu. Variadas: Enéas Athanázio.

Brasil 500 Anos: Indígenas no Vale do Itajaí, 13 de abril de 2000: Mausoléu Dr. Blumenau. Prefeitura Municipal de Blumenau/Fundação Cultural de Blumenau.

Jornal de Joinville – Anexo – 23/05/2001

## BODAS DE OURO

*Lançamento do livro “Eu e as Corruíras” marca hoje os 50 anos da carreira literária do escritor Salim Miguel.*

Ana-Cláudia Menezes



Florianópolis - Por muito tempo, o piar das pequenas corruíras, na casa de praia que Salim Miguel tem na Cachoeira do Bom Jesus, no norte da Ilha de Santa Catarina, importunou o trabalho do escritor. Elas haviam feito um ninho na calha da casa e faziam barulho o dia todo. A solução, ele conta, seria tirá-las de lá, para desespero da mulher dele, a escritora Eglê Malheiros,

que não achava nada de desagradável no pio dos pássaros. Ou se acostumou à situação.

Salim Miguel optou pela segunda alternativa e conta que, já no terceiro ano, sentia saudades quando os bichinhos não davam o ar de sua graça. “A minha vida tem sido mais ou menos assim, adaptando-se a situações”, conta o escritor, que lança hoje o livro “Eu e as Corruíras”, na Livraria Livros & Livros, no Centro de Florianópolis. O livro é o 20º de uma carreira literária que iniciou há 50 anos, com “Velhice e Outros Contos”, primeira publicação pela Edições Sul, braço editorial de militância do Grupo Sul, que ele ajudou a fundar no final da década de 1940.

“Eu e as Corruíras” reúne 35 textos, entre artigos, crônicas, minicontos e críticas coletados entre 1998 e 2000, quando Salim Miguel contribuía com três publicações: o Anexo, Gazeta Mercantil Santa Catarina e o Correio das Artes, de João Pessoa (PB), um tablóide mensal que ele começou a colaborar em 1949.

Apesar de escritos para jornais e, com isso, correrem o risco de serem usados para “embrulhar peixe” no dia seguinte, ele acredita que a seleção foi feita de forma que os assuntos tivessem algum tipo de importância para o leitor, seja registrando algum fato cultural ocorrido na Capital ou de algum personagem desconhecido, mas cuja história merece ser conhecida. Com exceção de “Achegas para a História do Masc”, penúltima crônica do livro, em que o escritor conta detalhes pouco conhecidos sobre a fundação, há 52 anos, do então Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Em outra, “Wanio, Nosso Morto no Chile”, Salim conta a trajetória de um ex-policia e jornalista de Florianópolis, que foi morto pela ditadura de Augusto Pinochet.

Aos 77 anos, Salim Miguel redigiu as crônicas num computador para depois passá-las, num disquete, ao editor Nelson Rolim de Moura, da Insular. De um computador, ele queria distância até bem pouco tempo atrás. Mas, como no caso das corruíras, acabou se adaptando. Ele sofre de uma doença degenerativa nos olhos que o impede de ler jornais e revistas com letras muito pequenas. Adaptou uma lupa para poder ler os livros e, no computador, em vez do corpo 12, comumente usado, aumentou para 16 ou 18, dependendo do dia em que a vista falha mais.

Mas Salim Miguel não pára por aí. Prepara para o segundo semestre a publicação, pela Letras Contemporâneas, de uma coletânea de 50 críticas literárias publicadas em vários jornais e revistas do Brasil e de Portugal. São 27 textos sobre 27 escritores brasileiros e 23 estrangeiros. Em seguida, virá “Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio”, continuação de “Primeiro de Abril, narrativas da cadeia” (Ed. José Olympio, RJ, 1994). Desta vez, ele relata a vida na Capital carioca, depois de ter sido preso em Florianópolis pela ditadura. “O exílio no País é, muitas vezes, mais traumático do que o no Exterior”, diz o escritor.

### *ONTEM E HOJE*

“Eu e as Corruíras” é o 20º numa carreira iniciada há 50 anos com “Velhice e Outros Contos”, primeira publicação pela Edições Sul, braço editorial do Grupo Sul, que Salim Miguel ajudou a fundar na década de 40.

Jornal de Joinville – Anexo – 23/05/2001

*Jaraguá do Sul/SC*

**VII ACAMPAMENTO FOLCLÓRICO E  
IV OLIMPIADA FOLCLÓRICA ALEMÃ  
MUSEU DO PARQUE MALWEE WOLFGANG WEEGE  
14 a 16 de abril de 2000 – Rua Wolfgang**

Promotores e realizadores - Museu do Parque Malwee Wolfgang Weege  
Grupo Folclórico Regenwalde  
Pommersche Volkstangruppe

**GRUPOS FOLCLÓRICOS  
SE ENCONTRAM NA MALWEE**

*Acampamento,  
olimpíada e desfile  
reúnem setecentos  
dançarinos dos  
três Estados do Sul e  
Rio de Janeiro.*

Sônia Pillon de Figueiró

Jaraguá do Sul - Trinta e sete grupos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro participam de hoje até amanhã do 7º Acampamento Folclórico Alemão e da 4ª Olimpíada

Folclórica Alemã, que acontece no Parque Malwee, reunindo aproximadamente 700 participantes. Oito grupos são de Jaraguá do Sul e microrregião. De acordo com o coordenador do Museu da Malwee e do



Depois da viagem, as dançarinas descansam em colchonetes aproveitando a tarde ensolarada da sexta.



**Grupos** estendem as roupas típicas e se preparam para a maratona de atividades do final de semana.

Acampamento Folclórico, Carlos Hoffmann, a partir desse ano o evento abriu para a participação de outras etnias. Ontem pela manhã os primeiros grupos começaram a armar suas barracas.

As competições da 4ª Olimpíada Folclórica, promoção que surgiu paralelamente ao Acampamento, iniciam às 14 horas de hoje, contemplando as provas tirolesa, falsa baiana e estilo campo (chinelão), em pares; e preguiça, masculino individual; passagem de obstáculos com olhos vendados, maratona pelo parque (coletivo) e olimpíada de conhecimentos gerais. Às 21 horas de ontem foi realizado o baile de integração junto às churrasqueiras do parque. Amanhã as provas prosseguem das 9 às 11 horas, quando o grupo primeiro colocado receberá troféu de campeão, válido para os próximos dois anos.

### **Prestígio**

Carlos comemora o aumento do número de inscritos a cada edição. “Em 1998, tivemos 33 grupos e 535 participantes”, ressalta. Lembra que esse é o 10º ano de realização do evento, e que até 1995 era feito anualmente.

O ponto alto do encontro dos grupos folclóricos será às 20 horas de hoje, com o Desfile das Lanternas, o Lanternenzug, que inicia na Avenida

Marechal Deodoro (junto à Praça Paul Harris) e culmina na Praça Ângelo Piazero, num trecho que será percorrido às escuras, iluminado apenas pelas velas colocadas dentro das lanternas artesanais feitas de papel crepom e celofane.

### **Noite de cultura na praça central**

Após o esperado Desfile das Lanternas ao longo da Marechal Deodoro, os grupos participantes e a população vão assistir às apresentações da Dança das Lanternas, Coral da Scar, Fanfarras do Instituto Jangada, Banda de Metais e Percussão do Colégio Marista São Luís, Banda Marcial do Colégio Divina Providência e dos vencedores do Jaraguá em Dança do ano passado: Colégio Evangélico Jaraguá e Escola Municipal Rodolfo Donsbusch.

O coordenador do evento recorda que a tradição das lanternas nasceu na Alemanha no século XIII, quando um homem se encontrava perdido na nevasca e, de repente, avistou lanternas acesas em uma casa. A partir desse ano foi criada a festividade entre os germânicos, simbolizando a esperança. A cerimônia foi trazida a Jaraguá do Sul após pesquisas desenvolvidas por Carlos Hoffmann e Ruth Fritche, de Ibirama.

### **Premiação**

O grupo que alcançar o primeiro lugar no desfile receberá uma barraca para cinco pessoas, o segundo uma caixa térmica, e o terceiro uma barraca iglu. A seguir os grupos folclóricos rumam para o baile de encerramento, às 22 horas, nas dependências do Ginásio da Armalwee, quando acontecerá o concurso de valsa e polca. Os dois primeiros lugares recebem sacos de dormir e a torcida mais animada uma barraca. (SPF)

Jornal A Notícia – 05 de abril/2000

Jornal Diário Catarinense – 17 de abril de 2000J

AKSSON ZANCO/DC/Jaraguá do Sul

## FOLCLORE ALEMÃO SE APRESENTA EM JARAGUÁ



– Um show de criatividade no desfile com cerca de 800 representantes de grupos folclóricos alemães de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Misiones, na Argentina, percorreu o centro de Jaraguá do Sul, à noite.

As lanternas, com as mais variadas cores e formas, foram a atração do desfile e recordam uma antiga tradição alemã. “Nem na Europa

existem desfiles com tantos participantes”, destacou o coordenador do Departamento de Danças Folclóricas Alemãs do Brasil, Beno Heumann. O evento marcou o 7º Acampamento Folclórico e a 4ª Olimpíada Folclórica Alemã.

Recife/PE

Jornal do Comércio  
Recife, 02 de dezembro de 2000 - sábado

## PASTORIL

*Dinara Pessoa ganha prêmio nacional com CD do folguedo.*

Eduardo Albuquerque

O final do ano chega e os ícones modernos natalinos começam a aparecer em cada canto. E tome papais noéis, árvores iluminadas e piscapiscas coloridos. Todo ano a mesma coisa. No entanto, pelo menos para Pernambuco, o último Natal do século vai ter um gostinho especial, pois um dos principais folguedos do Estado – o pastoril – acabou de ser lembrado numa premiação nacional, através do trabalho da etnomusicóloga e pesquisadora Dinara Pessoa.

O prêmio em questão chama-se Rodrigo de Melo Franco de Andrade e é oferecido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)



**Esforço** - Dinara Pessoa passou dez anos pesquisando o pastoril e mais de um ano para gravar o disco.

às principais ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Dinara concorreu na categoria Inventário de Acervos e Pesquisa pela produção do CD Pastoril: *Viva o Cordão Azul! Viva o Cordão Encarnado*, resultado de mais de 10 anos de pesquisa da musicóloga sobre esta manifestação popular um tanto esquecida pelos pernambucanos.

“A premiação é muito importante para que o resto do País conheça esta expressão cultural e saiba da existência de canções de Natal eminentemente nordestinas”, afirmou Dinara, reconhecendo que o prêmio pode significar um novo momento na divulgação do CD e do próprio pastoril. Outro dado que evidencia a importância desta conquista é o fato de a pesquisadora ter sido a única pessoa física contemplada este ano. Todas as outras categorias premiaram ações institucionais. “Isso me envaidece e justifica todo o trabalho que foi produzir o CD”.

E haja trabalho. Lançado em novembro de 1999, o disco pastoril *Viva o Cordão Azul! Viva o Cordão Encarnado* levou quase um ano para ser concluído. “A gravação do CD durou dois meses e meio, mas o trabalho de seleção do repertório e ensaio começou em janeiro do ano passado”, contou. Na verdade, o projeto só saiu do papel depois que conseguiu os benefícios da Lei de Incentivo à Cultura da Prefeitura do Recife e o apoio da Embratel.

O resultado é uma compilação de 20 jornadas (espécie de loas) características do pastoril do Recife e da Região Metropolitana. Como a pesquisadora possuía um número muito grande de canções registradas, o ato de selecioná-las demandou maior tempo. “A minha preocupação foi resgatar jornadas pouco conhecidas, para ampliar o repertório dos pastoris”.

Além da escolha, a própria seqüência das canções do CD partiu de um estudo prévio. “Eu queria dar unidade à obra, utilizando a estrutura básica do próprio pastoril”, revelou Dinara, que distribuiu as jornadas em apresentação, de personagens, de disputas e as finais.

foi a escolha do coro para cantar as músicas, que precisaria ser de crianças com alguma experiência vocal. Para tanto, Dinara contou com a ajuda da professora e regente Rosália Albuquerque, que selecionou, preparou e regeu sete crianças do Conservatório Pernambucano de Música.

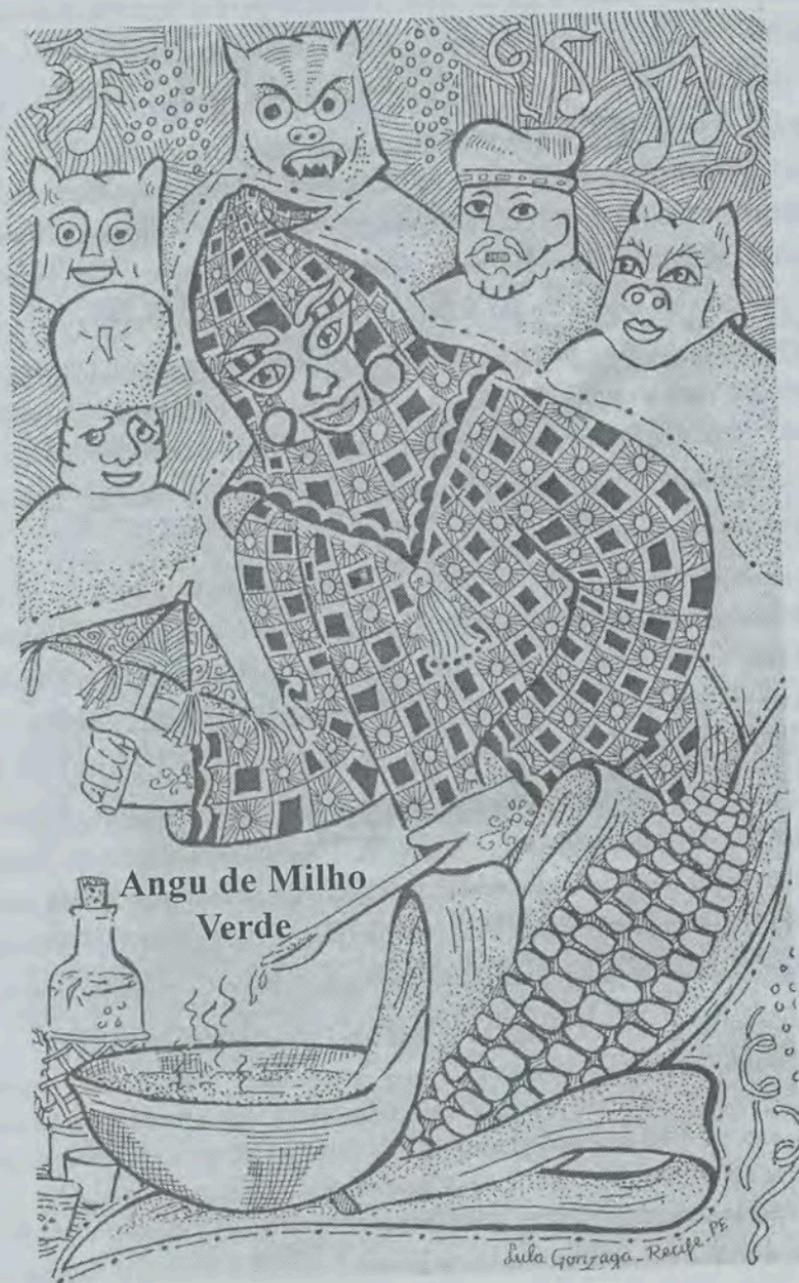
O disco foi gravado no estúdio Estação do Som entre julho e setembro de 99 e teve os arranjos e direção instrumental assinados pelo maestro Edson Rodrigues. “Rosália e Edson foram importantíssimos para que o projeto

tivesse a qualidade que tem”, elogiou. Todo o processo, no entanto, foi acompanhado passo a passo pela musicóloga. Da escolha da capa aos contatos com a fábrica que produz a bolachinha, houve a mão de Dinara. “Antes do lançamento, eu ainda estava atrás das fitinhas vermelhas e azuis que enfeitam o CD”, confidenciou.

O lançamento do disco foi feito no dia 22 de novembro de 99, no Museu da Cidade do Recife, com uma exposição de 300 presépios do acervo da atriz Geninha da Rosa Borges e a exibição do vídeo que ilustra as músicas e o período de gravação do CD. Após o lançamento, a obra começou a andar com as próprias pernas. Depois de distribuir com amigos, Dinara passou a mandar para as mais diversas partes do País. “A cobertura da imprensa local me ajudou muito, pois me permitiu divulgar o trabalho mesmo fora daqui”, agradeceu, revelando já ter recebido inúmeros pedidos de discos e apresentações de pastoril.

De malas quase prontas, Dinara Pessoa se prepara para ir a Brasília, na terça-feira, onde todos os premiados serão recebidos pelo Ministro da Cultura, Francisco Weffort, no Palácio do Itamaraty. Na volta, a pernambucana já tem algumas comemorações à vista. No dia 12 de dezembro, a Superintendência do Iphan no Recife (no Benfica) vai fazer uma festa com apresentação dos pastoris Campinas Alegres, Aurora da Redenção e Estrela Brillhante. No dia 13, o Museu do Homem do Nordeste promove o II Encontro de Pastoris (o primeiro foi no ano passado, já produto do CD). Serão quatro pastoris ainda não definidos. “O maior reconhecimento, no entanto, é saber que já há alguns pastoris, como o Campinas Alegres e o Aurora da Redenção, incluindo jornadas do CD no repertório deles”.

## ALELUIA - ALELUIA





Os Papangus são personagens tradicionais do Carnaval de Bezerros (PE). Os foliões se vestem com máscaras e mortalhas e saem às ruas satirizando políticos e assuntos do cotidiano, com muita irreverência.

A tradição começou na década de 1910, com os mascarados degustando angu de milho na casa dos amigos, para resistirem as farras, ao som de muito frevo.

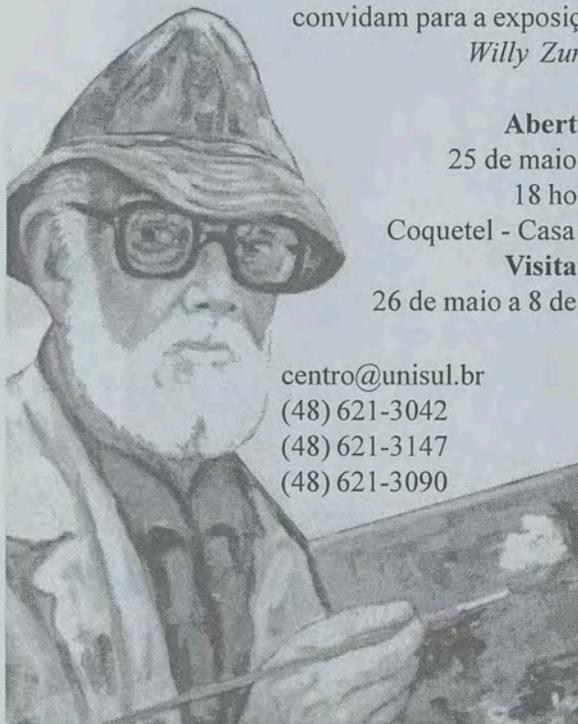
Alô, Doralécio!

Para você e todos os seus, um bom ciclo carnavalesco, repleto de alegrias.

(Lula Gonzaga)

*Tubarão - SC*

A Unisul, a Casa da Cidadania e a Adocon  
convidam para a exposição do artista plástico,  
*Willy Zumblick.*



**Abertura**

25 de maio de 2001

18 horas

Coquetel - Casa da Cidadania

**Visitação**

26 de maio a 8 de junho de 2001

[centro@unisul.br](mailto:centro@unisul.br)

(48) 621-3042

(48) 621-3147

(48) 621-3090

**Realização: UNISUL**

Centro de Convivência Cultural

Casa da Cidadania

Prefeitura Municipal de Tubarão

Secretaria de Educação, Cultura e Esportes

Diretoria do CMC - Departamento de Cultura de Tubarão

Se pouco ou nada em troca eu possa dar... Meu nome, gravado por  
artifice do Saber, tenham certeza que aqui sempre vou estar, mesmo que a  
morte interrompa este meu querer...

Willy A. Zumblick

Novembro de 1999.

*Piauí/PI*

Noticiário – Ano 2001

*Revista Presença do Conselho Estadual de Cultura – Piauí/PI.*

Em artigo da escritora Maria Cecília Mendes na Revista Presença, analisando a obra do poeta “Da Costa e Silva”, sinto-me gratificado em ler a análise dos conceitos emitidos pela ilustre escritora dando destaque à poesia Saudade. Palavra em que o grande poeta piauiense, analisando-a poeticamente, nos brinda com conceitos brilhantes de amor e carinho, através das águas do caudaloso Parnaíba, do canto do Caboré ao luar piando... piando... piando.

Querida escritora Maria Cecília faça uma “separata” do seu trabalho. Ele merece ser lido e divulgado por este Brasil afora, numa homenagem póstuma a esse grande poeta piauiense. No meu conceito chego a considerá-lo o maior poeta de todos os tempos, ainda mais agora com a sua obra destacada pelo brilhantismo emitido pela sua pena. A poesia Saudade, na sua grandeza conceitual, eleva os sentimentos que nos envolvem, levando-nos a declamá-la quando o ambiente se nos oferece.

Doralécio Soares

*Florianópolis/SC*

**LEI N° 4.287, de 07 de abril de 1969**

Institui o “Dia do Folclore” no Estado de Santa Catarina, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,  
Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1° Fica instituído em todo o Estado de Santa Catarina o “DIA DO FOLCLORE” e que será comemorado, anualmente, no dia 22 de agosto.

Art. 2º O Chefe do Poder Executivo ou, por sua delegação, o Secretário de Educação e Cultura, nas vésperas da efeméride, determinará a todos os estabelecimentos de ensino, nos graus primários e secundários, que promovam palestras, exposições e atos elucidativos sobre folclore, principalmente o catarinense.

Art. 3º A Secretaria de Educação e Cultura, através de seu Departamento especializado e sob a orientação da Comissão Catarinense de Folclore, promoverá concurso, conferirá prêmios para os melhores trabalhos literários sobre folclore, dando ampla divulgação dos mesmos.

Art. 4º O Governo do Estado dotará nos próximos exercícios verbas específicas na Secretária de Educação e Cultura para a aquisição de peças de comprovada autenticidade que formarão o acervo folclórico do Estado.

Parágrafo único As peças e trabalhos adquiridos deverão ser entregues à Biblioteca Pedagógica que os manterá em lugar próprio e efetuará o tombamento respectivo.

Art. 5º A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda assim a faça executar.

Palácio do Governo, em Florianópolis, 7 de abril 1969.

IVO SILVEIRA

Norberto Ulysséa Ungaretti

Ivan Luiz de Mattos

Jaldyr Bhering

Faustino da Silva

João Paulo Rodrigues

Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa

Adayr Marcolla

Armando Calil Bulos

Serafim Ennos Bertaso

Antonio Moniz de Aragão

Luiz Gabriel

Dib Cherem

Publicada a presente Lei na Secretaria do Interior e Justiça, aos 5 dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e nove. Antonieta de Medeiros Vieira, Diretora.

Florianópolis, 05/05/1969.

Florianópolis/SC

**Cultura Popular**

**ESCOLA DE CUPIDO**

**Maria Rosa de Jesus, nascida em Canasvieiras,  
criada na Vagem Pequena.**

(Recolhida na Enseada de Brito)

**Escola de Cupido**

ELE

Estou na Escola de Cupido

Por te amar aprendi

Por não te poder falar

Uma carta te escrevi.

ELA

A carta que me escrevestes

Inda cá não me chegou

Se queres alguma coisa

Dizei-me que aqui estou.

ELA

Pra você me levar consigo

Meu pai não estará contente

Aqui fico nesta rua

Difamada para sempre.

ELE

Menina não se assuste (bis)

Não se deve se assustar (bis)

Fama que você há de ter

Todas elas hei de tirar.

ELA

Ainda fama não tenho  
Mas elas poderão vir  
Fale baixo não acorde  
Meu pai está a dormir.

ELE

Se eu acordar seu pai  
Nada disso se me dá  
Tirante de hoje por diante  
De sogro hei de chamar.

ELA

De sogro hás de chamar  
Mas por ora ainda não  
Agora vou te perguntar  
Pela sua geração. (bis)

ELE

Minha geração é boa  
Sou filho de Portugal  
A Virgem Nossa Senhora  
Há de nos acompanhar.

ELA

A Virgem Nossa Senhora (bis)  
Acompanha quem é contente (bis)  
Há de acompanhar nós dois  
Que somos amor para sempre.

FIM

### Versos

Eu nunca estive na Escola  
Nem nunca aprendi a lê  
Tenho por minha memória  
Que lhe saiba responder.

Fiz um A pra te amar  
Fiz um Q pra te querer  
Fiz um D pra não te deixar  
Fiz um S só se morrer.

Não aprofites comigo  
Que sou filho da bênção  
Olha que tiro cantigas  
Das palmas das minhas mãos.

FIM

Nota: Coletado por Doralécio Soares Ilha de Santa Catarina:  
Florianópolis, 1965.

*São Pedro de Alcântara/SC*

## **1829 - MARÇO - 1999**

### **170 ANOS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ**

### **SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA**

A Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara tem a honra de convidar V. S<sup>a</sup> e Exma. Família para participarem das comemorações alusivas ao centésimo septuagésimo aniversário de imigração alemã de São Pedro de Alcântara - a mais antiga colônia alemã do Estado de Santa Catarina. Os festejos transcorrerão dia 06 de março de 1999, sábado, na sede da histórica colônia, a partir das 14h, com a seguinte programação:

14h - II Encontro Regional de Danças Folclóricas Alemãs

17h30min - Homenagem Póstuma aos Imigrantes

18h - Abertura da Exposição Comemorativa

19h - Missa Comunitária na Igreja Matriz

20h30min - Sessão Solene da Câmara Municipal de Vereadores

- Lançamento do Livro **São Pedro de Alcântara e seus Aspectos Históricos**
- Lançamento do Livro **São Pedro de Alcântara: 170 anos depois...**

21h30min - Jantar por adesão

- Apresentações Culturais.

Toni Vidal Jochem

Coordenador da Comissão dos Festejos

Salézio ZIMMERMANN

Prefeito Municipal

## EVENTO CELEBRA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

*Pesquisadores de seis estados participam do Congresso.*

**São Pedro de Alcântara/Águas Mornas** - O 9º Congresso Nacional da Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil (Fecab) começou ontem à noite com um culto ecumênico na Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara. Participam do evento aproximadamente 150 pesquisadores de seis estados brasileiros, entre historiadores, professores, estudantes, folcloristas, arquivistas e museólogos ligados à cultura dos imigrantes alemães no País.

O professor Valberto Dirksen, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fala hoje sobre a história da imigração alemã no Estado. Esta é a primeira palestra do evento e está prevista para iniciar às 8h30min. Durante o Congresso também serão abordados temas como o ensino do idioma alemão nas escolas do Estado e a preservação da memória e de documentos históricos.

“Existem muitas pessoas isoladas fazendo pesquisa sobre o assunto e este Congresso possibilita aos participantes saber quem está fazendo o

quê”, comenta Toni Vidal Jochem, Coordenador do Congresso e pesquisador da imigração alemã no Estado. Esta é a primeira vez que a Grande Florianópolis sedia o evento e a escolha de São Pedro de Alcântara é uma homenagem aos 170 anos de fundação da primeira colônia alemã em Santa Catarina.

O objetivo do congresso é ampliar o universo de relações entre agentes culturais ligados à preservação da memória da imigração e colonização alemã no Brasil. Assim, estes pesquisadores podem inteirar-se das diferentes perspectivas de abordagem histórica, conhecer acervos documentais e criar mecanismos de integração entre eles, socializando os conhecimentos produzidos, observa Jochem.

Com o Congresso também se espera estimular estas comunidades a resgatar sua identidade histórico-cultural. “Precisamos sensibilizar as pessoas sobre a importância da preservação da memória histórica na efetiva construção da nossa cidadania”, explica. “Afinal, num mundo em que a globalização, a uniformização e a padronização ditam a moda, a diferença cultural e a identidade de um povo são o que de mais importante podemos ter e valorizar”, salienta.

Amanhã, os congressistas poderão optar por um passeio cultural aos municípios de Águas Mornas, São Pedro de Alcântara, Rancho Queimado ou Angelina. O Congresso está previsto terminar no domingo pela manhã com a apresentação de vários trabalhos e projetos desenvolvidos no País. Todos os participantes também deverão receber certificado expedido pela Universidade.

*Florianópolis/SC*

# BIBLIOTECA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA



Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina foi fundado em 7 de setembro de 1896, na cidade de Florianópolis. Seu idealizador foi José Artur Boiteux, que contou com o apoio oficial do então Governador do Estado, Hercílio Luz, e a participação de representantes do meio político, cultural e econômico da época, num total de 30 fundadores.

### **Objetivos**

O Instituto tem por objetivos pesquisar, investigar, interpretar e divulgar fatos históricos, geográficos, etnográficos, arqueológicos, e genealógicos e das demais ciências auxiliares à História relacionadas com o Estado de Santa Catarina.

### **Estrutura Organizacional**

É composta pela Presidência, Secretaria Administrativa, Biblioteca, Arquivo Fotográfico e Arquivo Documental.

### **Missão**

Manter, conservar, desenvolver e divulgar para a utilidade dos usuários a memória histórica e cultural do Estado de Santa Catarina.

### **Objetivos**

Reunir, organizar e disseminar informações contidas em seu acervo bibliográfico, visando atender a consultas, estudos e pesquisas nas áreas de História, Geografia, Etnografia, Arqueologia e Genealogia e das demais ciências auxiliares à história de Santa Catarina.

Cooperar eficazmente com os usuários, proporcionando material bibliográfico e serviços adequados ao desenvolvimento de pesquisas.

### **Usuários**

Os usuários potenciais são pesquisadores, historiadores, alunos de graduação, mestrado, doutorado e professores dos Cursos de Geografia e História, bem como todos os interessados por esta área.

Apesar de intensamente prejudicada e dilapidada pelas constantes mudanças de sede a que esteve sujeita desde a sua criação, a Biblioteca do IHGSC ainda conserva boa parte de sua valiosa coleção de livros, revistas e jornais organizada ao longo de mais de cem anos, inclusive com algumas obras raras. No Estado é uma das mais completas em assuntos catarinenses.

O catálogo da Biblioteca é uma fonte valiosa de informação para seus usuários, podendo, através deste, conhecer o conteúdo que está disponível para consulta local.

O usuário poderá acessá-la de qualquer local, onde encontrará dados bibliográficos do acervo pertencente à Biblioteca. Basta acessar o seguinte endereço: <http://notes.ufsc.br/aplic/cimighsc.nsf>.

### **Horário de funcionamento**

O horário de atendimento ao público é das 8h30min às 11h e das 14h30min às 18h, de segunda-feira a sexta-feira.

### **Localização**

Palácio Cruz e Sousa  
Praça XV de Novembro s/nº  
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil  
CEP 88010-970 - Caixa Postal 1.582

**ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL  
SANTA CATARINA - BRASIL**



**Festa das Tradições da Ilha**

**de 14 a 22 de abril/99**

**495** *Anos*

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL**

A Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul, por meio da Fundação Cultural Ilha de São Francisco, têm a honra de convidar Vossa Senhoria e Família para a abertura da Coletiva de Artes - São Francisco do Sul no Século XVIII, e Exposição de Modelismo.

Dia: 15 de abril de 1999

Horário: 20h30min

Local: Museu Nacional do Mar e Embarcações Brasileiras

**FUNDAÇÃO CULTURAL ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL**

A

pesquisadora Sônia Maria Copp da Costa, por sua expressiva colaboração ao folclore francisquense,

Odilon Ferreira de Oliveira, Prefeito Municipal,

Jorge Luiz Cevinski, Presidente Fucisf,

Artes Cinema/Vídeo, Dança, Folclore, Fotografia, Literatura, Museu, Música, Teatro.

**São Francisco do Sul: Um "Sorriso de Cidade".**

Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul  
Administração 2001/2004.

Videira/SC

A Notícia/Verão

21/02/99

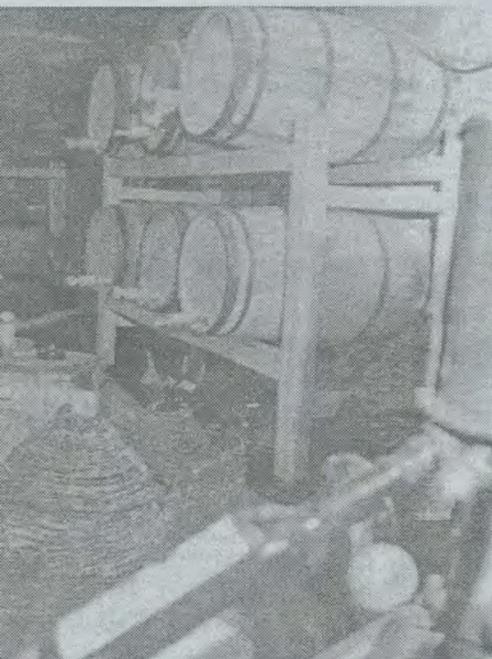
## MUSEUS

*História do Contestado e cultura do vinho são preservadas.*

Vale do Rio do Peixe - **Museu do Vinho**

Frutuoso de Oliveira

A produção de uvas e fabricação de vinhos é como uma religião para os descendentes de italianos que ainda povoam o interior dos municípios do Vale do Rio do Peixe. Videira, a capital da uva e do vinho, guarda no “Museu do Vinho” parte dessa história, iniciada em 1913, quando Geovanne Crestani chegou no então povoado de Rio das Pedras, procedente de Urussanga, com as primeiras mudas de parreiras bem guardadas em uma caixa de madeira. Para preservar a história e mostrar a cultura do vinho às novas gerações, a Prefeitura do município tombou para o patrimônio público uma casa em estilo colonial, construída em 1931, para abrigar os padres Salvatorianos que cuidavam da fé da população, e instalou o Museu. Nele o visitante pode conhecer equipamentos rudimentares utilizados na fabricação do vinho. Um deles é a mastela, onde os pioneiros pisoteavam a uva para extrair o suco, além de utensílios para o transporte e alambiques usados na



fabricação de graspa. Também é possível conhecer os equipamentos das primeiras indústrias de vinho da região e ferramentas utilizadas na fabricação das pipas. Quem visitar o Museu no mês de dezembro colhe uvas de uma parreira existente no local. O Museu guarda também uma imagem, entalhada em madeira, do Deus do Vinho (Baco, para os gregos, e Dionísio, para os romanos). Além dos turistas durante o ano, o Museu é visitado por alunos da rede pública que conhecem a história do município inserida no contexto da produção de vinho. No início do século, o Vale do Rio do Peixe, Planalto Norte e parte do Planalto Central foram atingidos por uma sangrenta batalha que durou quase dez anos. Conhecida como Guerra do Contestado, por ter acontecido numa região disputada por Brasil e Argentina, a batalha entre caboclos seguidores do monge João Maria, expulsos de suas terras pela construção da estrada de ferro e forças do governo, faz parte da história de Santa Catarina e ainda está viva na memória dos mais antigos habitantes da região. Em Caçador, o Museu do Contestado, idealizado na década de 70 pelo historiador e jornalista Nilson Thomé e mantido pela Universidade do Contestado (UnC), conta parte dessa história de luta pela terra, fanatismo religioso e banditismo. A construção é a réplica da primeira estação ferroviária do município, destruída em um incêndio, e nela estão armas utilizadas pelos jagunços, mapas e documentos da época, além de inúmeras peças antigas da ferrovia. Ao lado do Museu, uma locomotiva “Maria-Fumaça” que inúmeras vezes atravessou o Vale, completa a autenticidade da primeira estação.

### Como chegar

#### Videira e Caçador

##### Onde ficam:

Estão localizadas no Alto Vale do Rio do Peixe, cerca de 400 quilômetros de Florianópolis, (Videira) e 400 (Caçador).

##### Acesso:

Mais fácil para quem vai do litoral é a BR-116 até trevo de Santa Cecília, depois segue pela SC-302. Para quem vai do Extremo-Oeste catarinense, o melhor caminho é a BR-153 (Transbasiiana) até a divisa com o Paraná, depois segue pela SC-451 até Caçador.

Jornal A Notícia – 26/01/2001

## Viagem aos templos da FÉ

*Roteiro apresenta as principais igrejas de Florianópolis.*

Débora Sanches

### Especial para o AN Verão

Não é preciso ser religioso para admirar igrejas. Esses grandiosos templos encantam visitantes de todos os credos pela sua arquitetura singular, pela imponência ou pela história de sua construção, geralmente marcada por lances de ousadia e grande esforço coletivo. Só a Ilha de Santa Catarina tem 18 templos religiosos, entre igrejas e capelas. Aqui, selecionamos as dez que julgamos mais significativas. Com este roteiro, elaborado por Débora Sanches, fica uma sugestão de passeio alternativo para a temporada.

### Catedral Metropolitana de Florianópolis

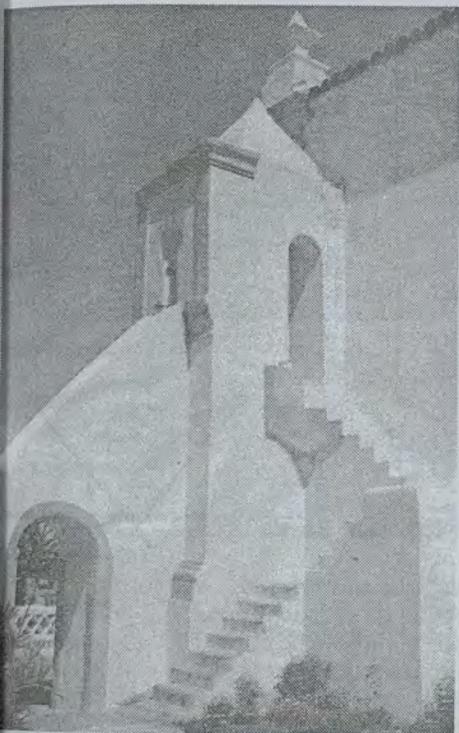
Em 1678, o bandeirante Francisco Dias Velho, fundador de Nossa Senhora do Desterro, ergueu uma capela para a devoção da Santa. Essa foi uma das primeiras construções do povoado batizado de Desterro.

Em 1753 começaram as obras da Catedral e, ao longo de mais de dois séculos, várias reformas alteraram seu aspecto original.

Endereço: Largo da Catedral, logo acima da Praça XV, no Centro.



## **Igreja de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio**



A Igreja de Nossa Senhora das Necessidades é considerada pela historiadora Sara Regina Silveira de Souza como o mais belo exemplar de arquitetura sacra deixado pelos imigrantes portugueses na Ilha de Santa Catarina. Erguida em meados do século XVIII, ela também é uma das construções mais antigas da Capital.

Endereço: Rua Cônego Serpa, em Santo Antônio de Lisboa.

## **Capela de São João Batista do Rio Vermelho**

Marco histórico da localidade, a Capela de São João Batista é umas das mais antigas construções religiosas da Ilha, erguida na terceira década do século XIX. Em 1857, um raio atingiu o templo, obrigando a reconstrução de seu telhado e parte da fachada.

Endereço: para chegar à Capela é preciso seguir pela Rodovia João Gualberto Soares até a Praça Eulina de Abreu Soares, no Rio Vermelho.

## **Capela da Irmandade do Divino Espírito Santo**

A história da Capela do Divino Espírito Santo se confunde com a criação de um asilo de órfãos, onde hoje funciona o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Tradicionalmente, acontece na praça em frente à Igreja a Festa do Divino Espírito Santo. A construção data do início do século XX, e está localizada em uma das praças do Centro da Capital que possui um belo casario com construções em estilo neoclássico.

Endereço: Praça Getúlio Vargas, 212, Centro. Este local é conhecido popularmente como praça dos bombeiros.

### **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**

O início das obras da Igreja de Nossa Senhora do Rosário se deu em 1787, demorando mais de 40 anos para ficar pronta. Das mãos de escravos, ex-escravos e homens brancos pobres surgiu o templo que possui características barrocas.

Endereço: Rua Marechal Guilherme, 60, Centro.



### **Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência**

Essa Igreja é uma surpresa para quem visita o Centro de Florianópolis. Localizada no principal calçadão da cidade, ela escapa aos olhos dos menos atentos, porém é uma das mais importantes construções do período de transição entre os estilos barroco e neoclássico de Santa Catarina. A construção iniciou-se em 1803 e algumas de suas imagens datam da segunda metade do século XVIII.

Endereço: Rua Deodoro, 135, esquina com Felipe Schmidt.



### **Igreja de São Sebastião**

São Sebastião é considerado o Santo protetor das epidemias. Quando foi erguido o templo, Desterro estava enfrentando uma séria peste que aumentou consideravelmente o índice de óbitos do local.

Endereço: Largo São Sebastião, Centro.

## Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão

Inaugurada em 1806 e construída com pedra, cal e óleo de baleia, a Igreja de Nossa Senhora da Lapa é uma das construções mais bonitas do



Ribeirão da Ilha e parada obrigatória para quem visita o local. Faz parte do seu conjunto um cemitério aos fundos e uma capela chamada de Império do Divino Espírito Santo, alusiva à festa religiosa do Divino de tradição açoriana.

Endereço: Praça Hermínio Silva, Ribeirão da Ilha.

Jornal A Notícia - AN-Verão - 26/01/2001

## A CACIMBA

Zé da Luz

Tá vendo aquela cacimba  
Lá na bera do riacho  
Im riba da ribancera  
Qui fica assim pru dibaixo  
De um pé de tamarinera?

Pois um magote de moça,  
Quage toda menhãzinha,  
Foima, assim, aquela tuiã,  
Na beira da cacimbinha,  
Tumando banho de cuiã!

Eu não sei praque razão  
As água dessa nascente  
As águas que ali se vê  
Tem um gosto deferente  
Das cacimba de bebê...

As água da cacimbinha  
Tem um gosto mais mió  
Nem sargada, nem insoça...  
Tem um gostinho de suó  
Dos suvaco dessas moça...

Quando vejo essa cacimba  
Que ispio a minha cara  
E a cara torno a ispiá,  
Naquelas águas quilara  
Pego logo a desejá

Desejo, pra que negá?  
Desejo sê um caçote,  
Cum dois óio desse tamanho!  
Pra vê aquele magote,  
De moça tumando banho!!!

*Florianópolis/SC*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO  
EDITORA DA UFSC

O Centro de Comunicação e Expressão e a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina têm a satisfação de convidar V. S<sup>a</sup> e Ilma. Família para as seguintes atividades:

Debate: O Grupo Sul e o modernismo em Santa Catarina

Participação de Celestino Sachet, Eglê Malheiros, Jayro Schmidt e Valdézia Pereira

Lançamento do livro *A poesia modernista catarinense das décadas de 40 e 50*, de Valdézia Pereira

Dia 29 de abril de 1999

Auditório do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC  
Campus Universitário

*Florianópolis/SC*

Noticiário 2001

**FUNDAÇÃO CULTURAL SENHOR JESUS DOS PASSOS**

Criada em 25/10/1995

Florianópolis - SC

**Diretoria Executiva Biênio 2001/2003**

**Diretoria Executiva**

Valter Brasil Konell	Presidente
Laudares Capella	Vice-Presidente
Saulo Nunes de Sousa	Secretário Geral
Rita Peruchi	Primeira Secretária
Eduardo José Baptistoti	Tesoureiro Geral
João Salvador Bonatelli	Primeiro Tesoureiro
Leda Maria D'Ávila da Silva Prazeres	Diretora Científico Cultural
Ingo Jordam	Diretor de Patrimônio

**Conselho Fiscal**

**Titular**

Edegar Ruthoski  
Valmir Pires  
Aloísio Acácio Piazza

**Suplente**

Içuriti Pereira da Silva  
Helena Maria Berreta  
Wilson Leitão Leite

**Conselho Cunsultivo**

**Titular**

Annita Hoepche da Silva  
Diana Cordeiro  
Nereu do Vale Pereira  
Jorge Miguel Mandallis  
Moacir Benvenutti Filho  
Betina Adams

**Suplente**

Stela Maris Piazza de Souza  
Homero Garofalis Ribeiro  
Luiz Miroski  
Luiz Fernando de Vicenzi  
Olga Brasil da Luz  
Pedro Nicolau Prim

Posse da Nova Diretoria

Data: 25 de outubro de 2001

Hora: 20:00horas

Local: Casarão - nossa Sede e futura sede do Museu Farmaco-Hospitalar anexo ao Hospital de Caridade

Rua Menino Deus, 376 - Centro - Fone: (48) 223-3571

CEP 88020-210 - Florianópolis - SC - CNPJ 01 558 111/0001-80

*Florianópolis/SC*

**Noticiário 2001**

*“Dos Grandes Mestres tirei a paixão e reli com amor e do abstrato  
fiquei com as cores do calor e do renascer.”*

**Vera Lúcia Soares Sachet e Família,  
convidam para a abertura da exposição das pinturas**

**“Meu tempo de Arte”**

**Dia: 21 de setembro**

**Local: FIBRATUR Turismo - Ceisa Center - Térreo**

**Centro - Florianópolis**

**Período: 21-09 a 18-10**

*Florianópolis/SC*

**Noticiário/SC**

O Presidente do  
**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA  
CATARINA**

tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a

**Sessão Solene**

em homenagem aos 75 anos da criação do

**CORPO DE BOMBEIROS DA  
POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA**

a realizar-se dia 10 de outubro de 2001,

no Auditório do Tribunal de Contas do Estado,

à Rua Bulcão Vianna, 90, Florianópolis.

Na ocasião, falará em nome do IHGSC o

**Prof. Edmundo José Bastos Filho.**

Aos associados do IHGSC solicita-se o uso da Medalha.

Florianópolis/SC



O Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, em exercício, Vereador Gean Marques Loureiro, tem a honra de convidar Vossa Senhoria para a Homenagem ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que se realizará no dia vinte e três de maio de dois mil e um, às dezenove horas, no Plenário do Palácio Dias Velho.

Florianópolis, maio de 2001.  
Ver. Gean Marques Loureiro  
Presidente em exercício

*Florianópolis/SC*

A  
Doralécio Soares

**A Diretoria do  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SANTA CATARINA  
congratula-se com V. S<sup>a</sup> pela passagem  
da data de seu aniversário.**



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SANTA CATARINA**

FUNDADO A 7 DE SETEMBRO DE 1896  
PALÁCIO CRUZ E SOUZA - PRAÇA 15 DE NOV. - CX. P. 1.582  
FAX: (0xx48) 222-5111 88010-970- FLORIANÓPOLIS -SC

**PORTARIA Nº 02/99**

O Presidente do IHGSC, no uso de suas atribuições e de acordo com o Estatuto, nomeia os sócios Leatrice Moellmann Pagani, Evaldo Pauli, Eloy Dorvalino Koch e Doralécio Soares para, sob a presidência da primeira, comporem a Comissão encarregada de estudar a participação do IHGSC nas comemorações alusivas ao aniversário da chegada dos primeiros colonos alemães a Santa Catarina.

A Comissão terá sessenta dias para apresentar a proposta, a partir da presente data.

Florianópolis (SC), 16 de abril de 1999

Carlos Humberto Corrêa  
Presidente



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
SANTA CATARINA**

**BOLETIM**

Florianópolis, SC \* Abril de 1999 \* Ano 11- Nº 12/13

**VISITA AO IHGSC DA DIRETORA REGIONAL  
DAS COMUNIDADES DO GOVERNO  
DOS AÇORES**

Esteve em visita ao IHGSC, dia 22 de março, a Dra. Alzira Maria Serpa Silva, Diretora Regional das Comunidades do Governo Regional dos Açores, acompanhada do Sr. João Antônio Branco Martins, coordenador do Gabinete do Intercâmbio Cultural com as Comunidades.

A Dra. Alzira trouxe a comunicação oficial da vinda do Presidente do Governo daquelas ilhas, Sr. Carlos Cesar, em março, quando receberá do IHGSC o Diploma e a medalha do Sócio Benemérito, eleito no ano passado.

A diretora propôs ao IHGSC a realização de um curso em ambos os lados do Atlântico, com o objetivo de, através de professores açorianos, mostrar os Açores e seu passado aos catarinenses, o mesmo acontecendo com mestres catarinenses naquelas ilhas.

Após a visita, onde esteve presente toda a diretoria do IHGSC e outros associados, foi oferecido à Dra. Alzira um jantar.



Dra. Alzira Serpa Silva com o presidente do IHGSC, Carlos Humberto Corrêa.

*Joinville/SC*

Jornal A Notícia de Joinville – Anexo – 16/03/2001

## **CORAL E MUSICAL EDELWEISS PREPARA TURNÊ AFRICANA**

*Agenda do grupo de São Bento do Sul prevê 11 cidades, onde será apresentado eclético repertório que inclui peças brasileiras.*

Marília Maciel

Especial para o Anexo

**São Bento do Sul** - O Coral e Musical Edelweiss está de malas prontas para uma turnê por 11 cidades da África do Sul. Eles saem de São Bento do Sul no dia 8 de abril e só retornam no dia 29. Dos 40 integrantes,



Conhecido por seu repertório germânico, o Coral e Musical Edelweiss viaja em abril com seleção criteriosa de canções

36 participam das apresentações em solo sul-africano. Conhecido por seu repertório germânico, o grupo preparou peças que representam os países onde já se apresentou. Há canções austríacas, argentinas, norte-americanas, africanas, alemãs e, para agradar os anfitriões, música brasileira, uma seleção que vai do chorinho à bossa nova, do frevo à música sertaneja. “Tico-tico no Fubá”, “Aquarela do Brasil”, “Garota de Ipanema”, “Vassourinhas” e “O Menino da Porteira” estão no repertório preparado para o povo africano.

É a segunda vez que o grupo são-bentense vai à África do Sul. A primeira foi em 1995. “No primeiro momento, estivemos na parte Norte e agora vamos para as cidades do Sul do País”, explica Leonés Rudnick, regente do Edelweiss. Em Cape Town, Knysna e Oudtshoorn ficam hospedados em pousadas de estudantes, nas demais em casa de famílias sul-africanas. “Eles tratam os brasileiros muito bem, porque somos povos irmãos. Lá também há muita imigração alemã”, diz o regente. Inglês, alemão, africano e zulu são os idiomas falados na África do Sul. Em Sun City os cantores fazem uma pausa para um safári fotográfico no parque de Pilanesberg.

### **Economia**

Para custear a turnê, os integrantes juntaram economias de três anos. O dinheiro vem de concertos, rifas e outras promoções. Só em passagens a despesa é de R\$ 85 mil.

Surgido há 15 anos, hoje o grupo conta com uma orquestra que ensaia duas vezes por semana. Os componentes têm idade que varia de 15 a 25 anos. “Tínhamos um coral na Escola de Música Donald Ritzmann e resolvemos fazer um grupo para cantar apenas músicas em alemão. O Edelweiss nasceu com doze crianças”, recorda o regente. A orquestra surgiu ao acaso como alternativa de envolvimento dos garotos que estavam em época de mudança de voz. Apesar disso, o grupo ainda inclui muitas capelas em suas apresentações. Dois LPs e um CD de Natal já foram gravados.

São Bento do Sul e região também terão a oportunidade de apreciar o repertório que o Edelweiss preparou para a turnê africana. No dia 1º de abril o grupo realiza um concerto na Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento, a partir das 19h30min. Os ingressos custam R\$ 3,00. Na véspera do concerto o grupo também participa de um culto festivo na Igreja Luterana, do Centro da cidade, também às 19h30min.

*Recife/PE*

## NAÇÃO PERNAMBUCO AGITA O VARADOURO AMANHÃ!

Ivana Moura

Da equipe do Diário

Durante dois meses, do final de agosto ao começo de outubro, o Maracatu Nação Pernambuco circulou pela Europa para seduzir os gringos. Foi a terceira turnê internacional. De volta, o trabalho continua com mais fôlego. O grupo pega no bатуque pesado e já, neste domingo, retoma o Projeto *Folia Real*, a partir das 18h, no Mercado Eufrásio Barbosa (Mercado do Varadouro). Depois de reverenciar os mortos, neste dia de finados, a proposta é louvar a vida. O *Folia Real* vai acontecer uma vez por mês até o Carnaval e reafirma sua ligação com as manifestações populares e traça parcerias com grupos de ciranda e coco. A Nação promete arrebenatar. São onze bатуqueiros, dez bailarinos, três sopros, teclado e baixo, quatro cantores no coro e solos de Lázaro, Fátima e Amélia. O show Bатуque da Nação o mesmo apresentado na Espanha, Alemanha, Holanda e Suíça.

O Projeto começou em 1993 com apresentações mensais no Mercado do Varadouro. Em 96, foi suspenso pela Prefeitura de Olinda para a reforma do local. Nesse intervalo, o Nação investiu na carreira internacional. Participou da Bienal Internacional de Dança de Lyon, na França, e multiplicou contatos com curadores de festivais mundiais.

Da turnê por 22 cidades espanholas, seis alemãs, Holanda e Suíça, o Maracatu Nação Pernambuco já fechou a próxima viagem fora do Brasil: vai fazer shows num castelo da Alemanha entre 20 de junho e 2 de agosto do próximo ano e contatos com o organizador do Festival de Montreux.

O movimento de aglutinação em torno da cultura pernambucana ganha um reforço com o lançamento do Projeto-piloto Rádio Nação. A estrutura é de um programa radiofônico, com músicas de grupos e bandas emergentes ou, ainda, fora do circuito comercial. A intenção é que o roteiro seja o mais abrangente possível, com apresentação do locutor Sérgio Gusmão, intervalos comerciais de interesse público (como campanhas de saúde) e intervenções humorísticas a cargo do músico Zé da Flauta.

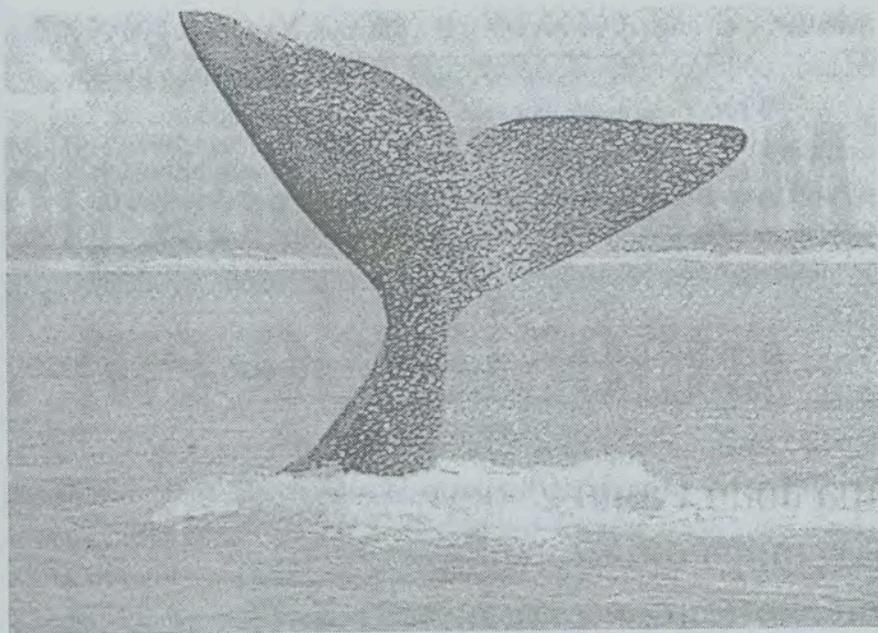
“De uma certa forma a Rádio Nação é uma crítica à falta de espaço para a música pernambucana nas rádios locais, do domínio do som massificado e do círculo vicioso que não se consegue quebrar”, explica Felipe Santiago, um dos diretores do Maracatu. Em Ufabrik, uma comunidade cultural alemã em Berlim, o grupo gravou 80% do próximo disco, ainda sem nome. O repertório traz músicas do primeiro disco, ainda em vinil, e com número reduzido de cópias.

#### Serviço

% Maracatu Nação Pernambuco. Local: Mercado Eufrásio Barbosa (Varadouro). Horário: 18h. Data: 02/11.



Depois de um giro pela Europa, o Maracatu Nação Pernambuco promete uma grande apresentação.



Zoólogos franceses acusam o projeto de perturbar as baleias-francas ao invés de protegê-las.

## POLÊMICA NO PROJETO BALEIA-FRANCA

*Denúncia é rechaçada e ministro defende santuário.*

**Joinville/Brasília** – A acusação feita no início da semana por um grupo de zoólogos franceses contra o Projeto Baleia-franca e um dos seus patrocinadores - a empresa Turismo, Vida, Sol e Mar, de Imbituba, no Sul do Estado - durante o encontro da Comissão Internacional sobre Baleias (CIB), em Londres, já repercutiu no Brasil. O Ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, lamentou ontem, em Brasília, a rejeição da proposta brasileira de criação do santuário, mas disse que não desistirá de lutar pela criação da área.

O Centro de Pesquisas Homem/Natureza de Pelletier acusa o Projeto de acabar com a fonte de renda dos pescadores da região e perturbar os

mamíferos, ao invés de protegê-los. Já a Turismo, Vida, Sol e Mar é acusada de monopólio sobre as viagens turísticas de observação das baleias.

O proprietário da empresa e um dos patrocinadores do Projeto, Enrique Alfredo Litman, nega o monopólio e diz que ninguém é impedido de oferecer aos turistas passeios de avistamento das baleias, desde que a legislação seja cumprida. “O que os franceses pretendem é desviar a atenção da opinião pública. Na verdade, eles é que foram pegos em atividades ilegais no Brasil no ano passado”, diz.

O gerente da Área de Preservação Ambiental (APA) da Baleia-franca, Benhur Jardim Farias, diz que não recebeu denúncias sobre o Projeto e desconhece o fato de os pescadores terem sido lesados. “A criação da unidade de conservação, em setembro do ano passado, contou, inclusive, com o apoio dos pescadores locais”, revela. Ele diz, ainda, que as viagens oferecidas pela empresa de Enrique Litman obedecem as normas. “Os passeios são acompanhados por uma bióloga, que limita a aproximação e indica a hora de desligar os motores”, garante. Litman explica ainda que concede ao Projeto Baleia-franca uma casa, uma caminhonete e 10% do faturamento de sua empresa, mas lembra que não é o único patrocinador.

O zoólogo François Xavier Pelletier disse à agência de notícias *France Press* que não é contra a observação das baleias, mas não pode permitir que o ecoturismo perturbe os animais e as comunidades locais. Segundo ele, o Centro de Pesquisas Homem/Natureza possui documentos que mostram como o Projeto infringiu as leis brasileiras de proteção às baleias.

O grupo francês lidera uma campanha na Comissão Internacional sobre Baleias - que reúne representantes de 43 países durante toda esta semana, em Londres - para obter informações sobre as contas e atividades do Projeto Baleia-franca e da empresa Turismo, Vida, Sol e Mar. Além disso, pede que o Ministério do Meio Ambiente investigue a denúncia.

*Blumenau/SC*

## CASTRO ALVES

a realizar-se no dia 29 de março de 2001,  
Biblioteca Municipal/Horto Botânico (Alameda Duque de Caxias,  
64, Centro), Blumenau/SC

### CONVITE

#### PROGRAMAÇÃO

- Exposição Castro Alves: poeta dos escravos, do povo, da liberdade!
- Performance teatral do poema «A canção do africano» por Carolina Prazeres
- O Negro em Blumenau - Apreciação da historiadora Sueli Petry
- Dança Maculelê pelo Grupo de Capoeira Muzenza
- Recital de poemas por estudantes e escritores
- Paralelamente, haverá o lançamento do livro «Rio que passa em nossas vidas», de Gervásio Tessaleno Luz, da Editora Cultura em Movimento, e abertura do «Espaço Poético».

*Florianópolis/SC*

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem a satisfação de convidar V. S<sup>a</sup> e Ilma. Família para o lançamento do livro:

### **POVOADORES DA FRONTEIRA** *Os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil.*

de Maria Bernardete Ramos Flores

Dia 15 de março de 2001, quinta-feira, às 18h  
Galeria de Arte da UFSC  
Campus Universitário – Trindade  
Florianópolis – Santa Catarina



*Florianópolis/SC*

**O BADESC – Agência Catarinense de Fomento S.A.,  
convida para a abertura da exposição**

Personas

de

Cléa Espíndola

e lançamento do livro

**Nas veredas da poesia  
de Cecília Di Bernardi**

Dia 20 de fevereiro

Espaço Cultural Fernando Beck

Av. Mauro Ramos, 1.277

Florianópolis/SC

Florianópolis/SC

A Notícia – 30/05/2001

## MAIS PERTO DE CASCAES

*EdUFSC reedita segundo volume do livro do artista e pesquisador  
“O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”.*

Ana Cláudia  
Menezes



**Florianópolis**  
– O segundo volume do livro “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”, com 12 narrativas colhidas pelo folclorista Franklin Cascaes, chega à segunda edição. A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC) lançou mais mil exemplares no mercado, nove anos após o lançamento da primeira edição.

**Na Ilha** - Diante de cerâmicas criadas por Cascaes (D), Bebel Orofino Schaefer (E, alto), Gelci José Coelho, o Peninha, e Maria Dulce Halfpap, comemoram nova edição da obra do pesquisador ilhéu.

A reedição não ganhou festa, mas, ainda assim, foi comemorada pelo grupo responsável pela seleção das narrativas: os historiadores Gelci José Coelho, o Peninha, e Maria Dulce Halfpap, e a jornalista e roteirista

Bebel Orofino Schaefer. As histórias foram colhidas por Cascaes (1908-1983) entre 1950 e 1975, durante as suas andanças pelas comunidades da Ilha de Santa Catarina.

Nascido em Itaguaçu, quando ainda pertencia ao município de São José, Cascaes lançou-se numa tarefa nunca antes realizada na região, a de registrar os costumes da gente do interior da Ilha, seja do cotidiano na agricultura e pesca, da culinária, da religiosidade e das brincadeiras de criança.

No contato com as comunidades e relembrando as lendas do tempo de menino, Cascaes foi anotando tudo o que ouvia. Foram mais de 75 narrativas, 24 delas divididas em dois volumes de "O Fantástico na Ilha de Santa Catarina" - o primeiro está esgotado desde a terceira edição, de 1989.

Nas histórias de Cascaes, o fantástico são as bruxas, personagens do imaginário ilhéu que até hoje são muito respeitadas (assim como lobisomens e boitatás) e temidas em vários locais que ainda resistem contra a dominação cultural e preservam muitas das manifestações trazidas pelos povoadores açorianos no século XVIII.

Também nascido em São José, o museólogo Peninha, 50 anos, considera a reedição da obra uma prova de que, ao contrário do que muitos pensam, a cultura popular resgatada por Cascaes continua mais viva do que nunca. "Este é um livro do povo. O que tem ali é a alma da nossa gente", explica. "E as bruxas são um fragmento desta Cultura oral."

Cascaes escreveu narrativas e, acreditando que a riqueza do material ultrapassava os seus cadernos de notas, registrou as manifestações em esculturas, artesanato e desenhos, como os que acompanham cada história.

Todo o material está atualmente no Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral, na UFSC, dirigido por Peninha.

Da boca do povo até a edição do livro, as histórias de Cascaes percorreram um longo caminho. Depois da morte da mulher, a professora Elizabeth Pavan Cascaes, em 1970, Cascaes mergulhou numa profunda depressão. Vivia de preto e passava horas intermináveis no cemitério do Itacorubi, ao lado do túmulo de Elizabeth, sua companheira de pesquisas e principal incentivadora.

Três anos depois, ainda de luto, Cascaes conheceu Peninha, o braço direito que o acompanhou até a morte do folclorista, em 1983. Peninha conta que um dia, ao visitar o pesquisador, encontrou num guarda-roupa no quarto ("vivia fechado e cheirava a mofo", lembra) dois sacos cheios de cadernos velhos, repletos de histórias.

Desestimulado pela morte da mulher, Franklin Cascaes resistiu inicialmente, mas depois, convencido da importância do trabalho, entregou a tarefa à equipe, que fez tudo voluntariamente. “Tínhamos que manusear os cadernos com cuidado para não se desmancharem”, lembra a policial civil Dulce Maria Halfpap, 49 anos, que conheceu Cascaes no período em que estudava história na UFSC e mais tarde fez mestrado e doutorado em engenharia de produção.

Os cadernos e manuscritos passaram por uma verdadeira “operação de guerra”: foram limpos, tratados contra fungos e microfilmados, com o apoio da Fundação Vitae e Costão do Santinho.

“Caderno por caderno foi folheado e lido em voz alta pelo artista. Ele dizia que aquelas anotações se prestavam para fazer livros, teatros e até filmes”, escreveu Peninha na apresentação do livro. O primeiro volume foi lançado quando Cascaes ainda estava vivo. Agora, a Editora da UFSC pretende reeditar, segundo o seu diretor-executivo, Alcide Buss, o primeiro volume e publicar um terceiro, com as outras tantas narrativas colhidas pelo pesquisador.

Segundo Peninha, há um outro projeto, o de reunir todas as histórias num livro de capa dura, “um livro de mesa”, com um glossário, como o que foi elaborado pelo professor Oswaldo A. Furlan para o segundo volume de “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”. “Ele (Cascaes) procurou escrever como ele ouvia”, observa Dulce Halfpap, responsável por datilografar parte das narrativas.

Cascaes preservou, em suas anotações, o falar das comunidades ilhoas e, como diz a jornalista Bebel Schaefer, o livro representa “um grande registro do dialeto local, do falar mané, do maneês”. Bebel, 37 anos, fez o videodocumentário “Santo de Casa” sobre a vida e a obra do pesquisador, como trabalho de conclusão do curso de jornalismo da UFSC, e foi roteirista da minissérie “Ilha das Bruxas”, exibida pela TV Manchete em 1991.

Hoje, ela prepara sua tese de doutorado sobre teoria das mediações, analisando como a cultura de base lida com a estrutura dominante dos meios de comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Para quem acompanhou Cascaes de perto, a reedição do livro acontece num momento crucial para a humanidade. “As iniciativas de resistência e de resgate da identidade são importantes para garantir a preservação da cultura”, explica Bebel. Para Peninha, a alma de Cascaes continua viva, 18 anos após a sua morte. “Ao fazer a obra, ele quis dar um presente para o povo”, diz.

**O QUÊ: “O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA”,**

seleção de narrativas do folclorista Franklin Cascaes

Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 108 páginas

QUANTO: R\$ 16,00

Maiores informações pelos telefones (0xx48) 331-9408 e 331-9605 ou pelo e-mail [edufsc@editora.ufsc.br](mailto:edufsc@editora.ufsc.br)

Transcrito de A Notícia 30/05/2001

*Belo Horizonte/MG*

## **37ª SEMANA MINEIRA DE FOLCLORE**

*Tema: Rio São Francisco: 500 anos de cultura barranqueira - de 9 a 30 de agosto de 2001.*

“Não há nada de frívolo nem superficial, em folclore tudo é ação viva, tudo possui substância imortal porque aqui é o homem na busca mais sincera da verdade, assistido só pelos seus recursos?”. (Cecília Meireles)

A **Semana Mineira de Folclore** já se tornou um acontecimento no panorama cultural de Minas e de Belo Horizonte. Sedimentou-se nos estudos, nas discussões, nos seminários da cultura popular tradicional. As apresentações das manifestações folclóricas complementam os estudos, os seminários. Os fatos folclóricos só podem ser entendidos a partir da própria cultura da comunidade onde se realizam.

### **Rio São Francisco: 500 anos de cultura barranqueira**

Não há nada de frívolo nem superficial, em folclore tudo é ação viva, tudo possui substância imortal porque aqui é o homem na busca mais sincera da verdade, assistido só pelos seus recursos.

Cecília Meireles

## **37ª SEMANA MINEIRA DE FOLCLORE 09 A 30 DE AGOSTO DE 2001 BELO HORIZONTE – MG**

SEMINÁRIO, PALESTRAS, MOSTRA DE VÍDEOS, MÚSICA E DANÇA, QUINTAS FOLCLÓRICAS, CAMINHADA DE GRUPOS FOLCLÓRICOS, MISSA CONGA, FESTA DE IEMANJÁ E ARTES POPULARES



*Florianópolis/SC*

*O Presidente da Assembléia Legislativa do  
Estado de Santa Catarina,*

*Deputado Onofre Santo Agostini,*

*tem a honra de convidar para a Sessão Solene  
em homenagem ao*

*jornalista e escritor Salim Miguel,*

*que se realizará no dia vinte e nove de outubro do ano  
dois mil e um, no Plenário Osni Régis - Palácio Barriga-Verde.*

*Florianópolis/SC*

O presidente do  
**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SANTA CATARINA**

tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a

***Sessão Solene***

pela passagem do centenário de nascimento da

**PROFESSORA ANTONIETA DE BARROS**

a realizar-se dia 14 de novembro de 2001,

no Auditório da TV UFSC,

à Rua D. Joaquim, 757 (antiga Delegacia do MEC), Florianópolis.

Na ocasião, falará em nome do IHGSC a  
Profª KARLA LEONORA DALSE NUNES

Aos associados do IHGSC solicita-se o uso da Medalha.

*Florianópolis/SC*

O presidente do

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
SANTA CATARINA**

tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a

***Sessão Solene***

pela passagem dos

**75 ANOS DA CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO  
BATISTA**

**E 70 ANOS DA INSTALAÇÃO DA  
COMARCA E DO MUNICÍPIO DE RIO DO SUL,**

a realizar-se dia 28 de novembro de 2001,

à Rua Rui Barbosa nº 204 - Fundação Cultural de Rio do Sul.

Falarão em nome do IHGSC os associados

**VALBERTO DIRKSEN e MARCOS VINÍCIOS DE ALMEIDA SAUL**

Na ocasião, os membros do IHGSC visitarão o

Memorial Ermembergo Pellizetti,

autor da Lei de criação da Comarca e do Município de Rio do Sul.

Aos associados do IHGSC solicita-se o uso da Medalha  
na Sessão Solene.

*Tubarão/SC*

## CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA

A Prefeitura Municipal de Tubarão, através da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, e a Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo têm a honra de convidar para a inauguração do Centro Municipal de Cultura e Museu Willy Zumblick. Praça Walter Zumblick. Setembro do ano 2000.

### **Apoio**

Governo Federal  
Ministério da Cultura/  
Embratur



**Todos por  
TUBARÃO**

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ES

Noticiário – Ano 2001

*Belo Horizonte/MG*

## COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE

Julho de 2001

Memorando

De: Presidência da CMFL

Para: Presidência das Comissões Estaduais de Folclore

Prezados(as) companheiros(as),

Cumpre-nos informar-lhes que, em Assembléia Geral Extraordinária, no dia 7 do corrente mês, foi eleita a nova diretoria para o triênio 2001/2004, assim constituída:

Executiva: Presidente: Lázaro Francisco da Silva

Vice-Presidente: José Moreira de Souza

Secretário: Gustavo Pereira Côrtes

Tesoureiro: Antonio de Paiva Moura

Conselho Consultivo: Maria do Carmo Tafuri Paniago

Ulisses Passarelli

Zanoni Eustáqui Roque Neves

A posse será no dia 22 de agosto, em Assembléia Geral Ordinária e festiva, no Palácio das Artes.

Atenciosamente,

**Domingos Diniz**

Presidente da Comissão Mineira de Folclore



O Governador do Estado de Santa Catarina, Esperidião Amin Helou Filho, e o Diretor-Presidente do BADESC - Agência Catarinense de Fomento S.A., Arno Garbe, têm a honra de convidar Vossa Excelência e Família para a solenidade que comemora a restauração dos edifícios da antiga Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina. O evento marca a instalação da nova sede do BADESC.

Data: 26 de novembro de 2001

Local: Rua Almirante Alvim, 491 - Florianópolis - SC

Noticiário – Ano 2001

**Correspondências diversas** (neste registro apenas anunciamos os recebimentos).

Maria da Graça Coelho - Florianópolis. Domingos Diniz - Belo Horizonte. Carta da Maçonaria está publicada. Fundação Cultural de Blumenau. Comissão Nacional de Folclore, Rua da Aurora, 127/203 - 50060-010, idem Comissão Pernambucana. Acusamos os Boletins editados por essas Comissões, com matérias relacionadas à Cultura Popular e Folclore. Nº 72/2001, de Carranca. Boletim da Comissão Mineira de Folclore, com o nº 22, de agosto de 2001. Revista da Comissão Mineira de Folclore, com apoio cultural da UNICENTRO. Newton Paiva, dizendo: Os ideais de cidadania correm pelas veias de nossa gente. Revista com apresentação do Presidente da Comissão Mineira de Folclore, Domingos Diniz, reunindo artigos de vários colaboradores: **O Romancero do Padre Cícero**, de Altimar de Alencar Pimentel; **Folia de Reis**, de Antônio Henrique Weitzel; **Mulheres Mineiras - História e Mítica**, de Antonio Paiva; **Folclore e Turismo**, de Carlos Versani; **A Palavra e o Mundo. Eficácia da linguagem simbólica do candomblé**, Edmilson de Almeida Ferreira; **Conhecimento Escolar: Os Caminhos para a Educação do Novo Milênio**, Gustavo Cortês; **O Homem e o Rio**, José Neves de Melo; **Cultura Popular e Educação**, Luiz Fernando Vieira Trópia; **As Festas Populares à Trajectória do Congado no Brasil**, Maria do Carmo Tafuri Paniago; **O Folclore na Escola**, Maria José de Souza; **Os xxxxx na Linguagem Popular**, Mário Souto Maior; **Sociologia e Folclore**, Moacyr Costa Ferreira; **Las Señoras de la Casa y del Cielo, La Mujer lo Sagrado en el Congado**, Prérica Agustoni; **Aches ao Estudo das Pastorinhas**, Ulisses Passarelli, com uma substancial bibliografia.

**Fala Bernúncia:** Jornal da Fundação Franklin Cascaes destaca-se no seu nº 23/Ano 10: **IX Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo.**

Entre as matérias publicadas destacamos: **Dromedário Loquaz; 20 Anos**, de Thiago Juliano Sayão; O Diretor de Teatro, Philippe Humblé.

**Convidados:** Um Trem Chamado Desejo; Palhaço Xuxu; O Marco do Meio-Dia.

**Categoria Infantil:** A Porta Azul, A Viagem de um Barquinho, Boi-Viramundo, Acrobata, O Picadeiro em Busca do Templo Perdido.

**Categoria Rua:** A Farsa da Panelada, Moço que se Casou com Mulher Braba, Rei Frouxo, Rei Posto.

**Categoria Adulto:** Bicicleta do Condenado. Bodas... (um ato cotidiano), Fando e Lis; Orpheu - O Guardador de Rebanhos; Seu Bomfim, Women's. Reinauguração do Teatro da UBRO, Wladir Brasil. Fernanda Montenegro na Ilha: Encontro com Fernanda, uma dama... um olhar.

Acusamos o recebimento da Revista Folclorística, Revista Anual da Comissão Macaubense de Folclore, nº 1/2001, na qual destacamos os folcloristas Ático Vilas-Boas da Mota e Alan José Figueiredo.

#### Notícias – Ano 2001

Joinville – Musa – Juarez Machado – Complexo Cultural Antártica – Santa Catarina

**Joinville** – um passeio pela arte e pela cultura: Fundação Cultural de Joinville. Sérgio Moura – **Entre a Terra e o Ar** – Manaus, 1949: Maria José Justino.

**Calendário de Eventos dos 150 Anos de Joinville** – Obrigada Joinville por tanta felicidade, 150 anos de cidade. Museu de Imigração e Colonização: Joinville.

**São Bento do Sul**, sua história, sua gente. **Capital Nacional dos Móveis.**

**Imagens do Brasil Colonial.** A Petrobrás, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, a Fundação Franklin Cascaes e o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis convidam para abertura da Exposição **“Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial”**.

**Florianópolis** – I Encontro dos Institutos Históricos e Geográficos da Região Sul do Brasil – Palácio Cruz e Sousa, Florianópolis.

**O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina** convida para a Sessão Solene dos 250 anos da criação da **Freguesia de São José da Terra Firme**, a realizar-se na Câmara Municipal de São José.

**Florianópolis** – As Livrarias Catarinense e a Editora Companhia das Letras convidam para o lançamento do livro **“O fim da Terra e do Céu”**. O Apocalipse na Ciência e na Religião, de Márcio Gleiser.

**A Prefeitura Municipal de Blumenau/Fundação Cultural de Blumenau/Galeria Municipal de Artes** convidam para a mostra individual de

pinturas da artista plástica Rosi Darius, com o lançamento do livro “**Magias dos Contos e Crônicas**”, de Jesus Gomes Oliveira.

**Academia Catarinense de Letras** convida para a Sessão Solene de posse de Rodrigo de Haro na cadeira nº 35, no auditório Othon D’Éça, no Centro Integrado de Cultura, no dia 31 de agosto.

**Destinos sem Repouso** é a obra lançada pelo escritor Francisco José Pereira, em Florianópolis, pelas Livrarias Catarinense.

**Literatura** – Prêmio Cidade de Juiz de Fora de Literatura foi outorgado pela Prefeitura de Juiz de Fora através da Comissão Especial do Centenário de Nascimento do poeta Murilo Mendes.

**Florianópolis** – A Câmara Municipal de Florianópolis, pelo seu Presidente, Vereador Jaime Tonello, convida para a homenagem prestada ao Professor João Evangelista de Andrade Filho.

**Joinville** – O Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville convida para participação da Camerata A5 de Joinville e do Barítono Douglas Hahn que ocorrerá em 07 de março de 2001.

**São Bento do Sul** – A USBE – União São-Bentense de Escritores e a Fundação Cultural de São Bento do Sul convidam para prestigiar a 2ª Feira Norte Catarinense do Livro a realizar-se nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2001, na área de eventos do Shopping Zipperer, São Bento do Sul. A UBE/SC – União Brasileira de Escritores tem a honra de convidar Vossa Senhoria para prestigiar o 6º Encontro Catarinense de Escritores a realizar-se no dia 10 de novembro de 2001, na Escola de Música Donaldo Ritzmann, São Bento do Sul/SC.

**São Luís do Maranhão – SLM** – A Fundação Cultural do Maranhão/Centro Cultural Domingos Vieira Filho, com o envio de um folder convidam, destacando as comemorações folclóricas promovidas pela Comissão Maranhense de Folclore alusivas às festas promovidas pela Comissão, de 21 a 24 de agosto, com temas festivos do folclore maranhense.

**Olímpia/MG** – 37º Festival de Folclore: Olímpia mantém acesa a chama das promoções folclóricas ali realizadas no mês de agosto. Dança, folguedos, artesanato, curso, palestras, comidas típicas. Dezenas de grupos folclóricos e parafolclóricos de todo o País reunidos no maior Festival de Folclore Brasileiro, de 12 a 19 de agosto de 2001.

**Joinville/SC** – Registramos o convite formulado pela Prefeitura para a inauguração do majestoso Teatro Juarez Machado, de Joinville, em 8/10/2001. Obra que engrandece uma administração.

**Banco Itaú** – Registramos com prazer o recebimento dos folders enviados pelo Banco Itaú no decorrer do ano 2001.

**São Paulo/SP** – Registramos os convites enviados pelo Senac/SP, Livrarias Curitiba, Catarinense e a Editora Senac/São Paulo para o lançamento da obra **“1961: que as armas não falem”**, de Paulo Markun Duda Hamilton.

**Erechim/RS** – Com prazer registramos o recebimento do Jornal O Arandu, da 19ª Região Tradicionalista – MTG, de Erechim/RS. Jornal que reúne aspectos do tradicionalismo do Rio Grande do Sul, destacando as prendas jovens com os posteiros dos seus galpões campeiros.

**Rio de Janeiro** – Jóias do Axé – Fios de contas e outros adornos do corpo. Joalheria Afro-Brasileira, Raul Lody, Rio de Janeiro.

**Itaú Cultural** – Convida: Trajetórias anos 70, outubro 2001. Lançamento de vídeo de Marcelo Gomes. Lançamento no site: Panorama da Música Brasileira. Panorama do Teatro Brasileiro Contemporâneo. Programa Helio Oiticica. Antologia virtual anos 70: as margens da poesia. Itaú Cultural – música.

**Areia Projeto** (PE) – Minas. Pedro Osmar (Grupo Jaguaribe) (PB). Narguili Hidromecânico (PI). Rosa Reis (MA). Chão e Chinelo (PE) Jurandir. Santana (BA) Lia de Itamaracá (PE). Dona Teté (MA).

**Rio São Francisco/Minas Gerais** – Patrimônio Cultural e Natural do Rio São Francisco. 500 anos de integração nacional. Palestrantes: Saul Martins Guimarães Rosa. Mediador: Ricardo Tunes. Palestrantes: Dr. Artur Lopes Filho, Dr. Paulo Roberto Coelho Godói, Hugo Pereira Godinho, Antônio de Paiva Moura, Profª Lélia Coelho Frota, João Neves de Melo. Lançamento da Revista nº 22 da Comissão Mineira de Folclore.

**Florianópolis/SC** – Nossa História Sendo Restaurada – Convite: O Governo do Estado, a Secretaria de Estado de Governo e a Fundação Catarinense de Cultura convidam para a cerimônia de reabertura do Museu Histórico de Santa Catarina “Palácio Cruz e Sousa”. Dia 05 de novembro Dia Nacional da Cultura.

**Salete** – **Santos/SP** – XI Festival de Dança de Salete/SP. “Valorizar a arte da dança é proporcionar oportunidades para o desenvolvimento de novos talentos”.

**Imbituba/SC** – Açoriana – Convite: A Associação Folclórica Cultura Açoriana e o Poeta Almir Martins convidam para o lançamento do seu 3º CD Cantorias do Folclore Brasileiro. Participação de Grupos Folclóricos de

Garopaba, São Luiz Gonzaga, com o Boi de Mamão — Grupo Jorac de Mirim e do Grupo Folclórico Cultura Açoriana.

**Joinville/SC** – A Prefeitura Municipal de Joinville, Fundação Cultural e Editora Letra d'Água convidam para o lançamento dos livros: *Água Confessa*, de Patrícia Hoffmann, *Campo Averso*, de Rubens da Cunha, e *Imitação de Espelho*, de Ramone Abreu Amado. 22 de Agosto: Museu de Arte de Joinville.

**Joinville mostra seu potencial** – EXPO Joinville 5 a 11 de março de 2001 na EXPOVILLE.

**São Luís do Maranhão/MA** – Semana da Cultura Popular 2001 – Outras Danças Maranhenses, 22 a 24 de agosto. Centro de Cultura popular Domingos Vieira Filho – Praia Grande – SLM.

**Prefeitura Municipal de Joinville**, Fundação Cultural de Joinville, Casa da Cultura Fausto Rocha Junior, Escola de Artes Fritz Alt, Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew abrem a Exposição de Arte, **Desenho e Pintura** – Juvenil. Prof<sup>a</sup> Evelise Maria Vieira Dietrich. **Modelagem e Desenho** – Juvenil, Prof<sup>a</sup> Heloisa Steffen, e **Porcela e Faiança**, Prof<sup>a</sup> Rita Kasemodel. Abertura e visitação literária. Agosto a setembro de 2001.

**Joinville/SC** – X Salão Municipal dos Novos – Joinville/SC. A Fundação Cultural de Joinville, a Casa da Cultura Fausto Rocha Junior e a Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew convidam para o X Salão Municipal dos Novos.

**Joinville/SC** – 31<sup>a</sup> Coletiva de Artistas de Joinville – A Prefeitura Municipal de Joinville e a Fundação Cultural de Joinville, através da Coordenaria de Atividades Museológicas e da Coordenação da Casa da Cultura, convidam para a abertura do 10<sup>o</sup> Salão dos Novos e da 31<sup>a</sup> Coletiva de Artistas de Joinville.

**Itaú Cultural – Ano 2001** – Anos 70 – Trajectórias – Ciclo de Palestras – Configurando os 70. Cultura Alternativa, Política e Indústria Cultural. Artes Visuais. A Música nos Anos 70. Educação Alternativa. Cinema e Televisão. Mesa-Redonda – Literatura e Cultura no Brasil dos Anos 70.

**Florianópolis/SC** – Fortaleza Multimídia: Anhatomirim: A Universidade Federal de Santa Catarina, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária e o Projeto “Fortalezas” Multimídia convidam para o lançamento nacional do CD-Rom Fortalezas Multimídia Anhatomirim, no Plenário da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

**Blumenau/SC** – 5<sup>o</sup> Salão Elke Hering – A Prefeitura Municipal de Blumenau, a Fundação Cultural de Blumenau/Galeria Municipal de Artes

convidam para a abertura do 5º Salão Elke Hering – Mostra de Arte Contemporânea, com o lançamento dos livros “A Razão do Nada”, do poeta C. Ronaldo, e “Espelhos da Língua”, contos de contistas selecionados no 1º Prêmio Cidade de Blumenau.

**Florianópolis/SC** – Livrarias Catarinense, com uma revista cultural, destaca as obras do seu acervo em uma revista-folder, substancialmente preparada para a venda de suas obras. Destaque do mês, informática, papelaria, livros infantis e juvenis, livros para lançamentos. Sugestões de leituras. CDs, CDs & DVDs. Promoção de bíblias.

Comunidade para a abertura do 3º Salão Literário, Museu de Arte Contemporânea, com o lançamento dos livros "A Arte da Escultura" e "A Arte da Pintura" de autoria do artista plástico brasileiro. O trabalho realizado na área de artes visuais, em especial a pintura e a escultura, é considerado um dos pontos fortes da cultura brasileira. A Fundação Cultural de Blumenau, através de suas obras, tem se dedicado a promover a arte e a cultura em geral, através de exposições, cursos, oficinas e outras atividades. A Fundação Cultural de Blumenau, através de suas obras, tem se dedicado a promover a arte e a cultura em geral, através de exposições, cursos, oficinas e outras atividades.

Professora de Arte e Educação Artística, com especialização em Artes Visuais, possui experiência em cursos de graduação e pós-graduação em Arte e Educação Artística. Foi professora de Arte e Educação Artística em escolas de ensino médio e superior. Possui experiência em projetos de extensão universitária e em eventos culturais. Atualmente trabalha como professora de Arte e Educação Artística em uma escola de ensino médio. Possui experiência em projetos de extensão universitária e em eventos culturais. Atualmente trabalha como professora de Arte e Educação Artística em uma escola de ensino médio.

Professora de Arte e Educação Artística, com especialização em Artes Visuais, possui experiência em cursos de graduação e pós-graduação em Arte e Educação Artística. Foi professora de Arte e Educação Artística em escolas de ensino médio e superior. Possui experiência em projetos de extensão universitária e em eventos culturais. Atualmente trabalha como professora de Arte e Educação Artística em uma escola de ensino médio.

COMPOSTO E IMPRESSO



IOESC

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Fone: (0XX48) 239-6000

81402

## **COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE**

**Doralécio Soares - Presidente**

Rua Júlio Moura, 146, 1º andar - CEP 88020-150 - Florianópolis, SC

**Theobaldo Costa Jamundá**

Rua Arthur Grahl, 478 - CEP 89046-120 - Velha, Blumenau, SC

**Valter Fernando Piazza**

Rua Frei Evaristo, 109 - CEP 88025-410 - Florianópolis, SC

**Oswaldo Ferreira de Melo**

Rua Joaquim Costa, 11 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

**Carlos Alberto Angioletti Vieira**

Rua Joaquim Costa, 112 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

**Nereu do Vale Pereira - Vice-Presidente**

Av. Hercílio Luz, 1.199 - Edif. Costa do Marfim - Ap. 702 - CEP 88020-001 - Florianópolis, SC

**Gelsí José Coelho**

Museu de Antropologia da UFSC - Campus da UFSC - CEP 88040-900 - Florianópolis, SC

**Lélia Pereira Nunes**

Rua Frei Caneca, 564 - Ap. 1.006-A - CEP 88025-000 - Florianópolis, SC

**Alexandre Tiezerini**

Caixa Postal 249 - CEP 89900-000 - São Miguel d'Oeste, SC

**Sônia Maria Copp da Costa**

Rua D. Fernando do Trejo, 440 - CEP 89240-000 - São Francisco do Sul

**Maura Soares**

Rua Sílvio Possobon, 15 - Abraão - CEP 88085-190 - Florianópolis, SC

### **COLABORADORES**

**Flávio José Cardozo** (Florianópolis, SC)

**Saul Martins** (Belo Horizonte, MG)

**Aleixo Leite Filho** (Caruaru, PE)

**Ana Maria Amaro** (Cascaes, Portugal)

**Maria do Rosário Tavares de Lima** (São Paulo, SP)



**SANTA CATARINA**